

*O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA*

*O caminho da vida é como vento que embate nas dunas de areia.  
Por mais ténue que seja, deixa sempre as suas marcas.*

*Nuno de Sousa Tavares*

## Dia 24 de Dezembro

### I

Devia ser o terceiro dia consecutivo que a chuva caía, quase sem parar, sem dar tréguas. Que Natal iríamos ter nesse ano?

A véspera de Natal amanheceu carregadinha de chuva e vento, fazendo ecoar trovões matinais, abalando os que seguiam para os seus empregos.

Tudo molhado, humidade por toda a parte, poças, lamaçais... Um daqueles dias em que a última coisa que apetece é sair de casa. Àquela hora, só mesmo por obrigação se andava na rua. Mesmo os que ainda iam fazer as últimas compras de Natal, reservariam para mais tarde a aventura alagada que os aguardava.

A claridade da manhã mal dera as primeiras passadas, ainda a luz alaranjada dos candeeiros de rua tomava conta do ambiente, já Joana deixava a sua casa em Fernão Ferro.

Sentindo o frio gélido do ar e as gotas grossas despenharem-se furiosamente sobre si, Joana segurava com força o guarda-chuva e caminhava pelo passeio até à paragem do autocarro que a levaria para a estação ferroviária do Fogueteiro, onde seguiria para Lisboa.

Se já era difícil o percurso, e com aquele tempo, o facto de o ter de fazer num dia em que muitos patrões abdicavam dos funcionários, transformava a tarefa ainda mais dura. Joana trabalhava como telefonista numa agência de publicidade, ali para os lados da Avenida da Liberdade.

A chuva não dava descanso e Joana sentia os pés húmidos com as constantes vagas de água, atiradas pelos pneus dos carros que passavam. As botas estavam a ceder e ela já imaginava que, quando chegasse ao emprego, lá teria de as descalçar e trabalhar sem elas algum tempo.

Na paragem, mais... ninguém.

Nos outros dias, ainda tinha a companhia de algumas pessoas, gente conhecida dos encontros diários naquele local. Haviam tido mais sorte com os patrões e puderam passar o dia com a família. Por aí não lhe faria diferença, pois vivia sozinha desde que viera estudar para Lisboa, três anos antes.

Vinte e dois anos, a sua idade, e desde pequena que tinha aquele gosto pela Medicina. Sonhava ser médica, mas a tarefa era

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

árdua para uma jovem longe de casa e da família que ficara para trás, em Ponte da Barca, Viana do Castelo.

Nem a chuva parava, nem o autocarro chegava.

Dias antes, pedira ao chefe se lhe dava uns dias para ir passar o Natal com a família. Após o Natal era fim-de-semana e sempre mataria as saudades da mãe e do irmão mais novo.

O chefe recusara o pedido sem grandes explicações.

A sua mão doía-lhe por segurar o guarda-chuva fustigado pelo vento. O cabelo castanho longo voava perdido, em volta da sua cabeça. Os olhos verdes procuravam um sinal do autocarro, ao fundo da rua. Olhou para a roupa e viu a saia comprida já molhada nas pontas. A camisola de lã bege mantinha-a quente, mas o blusão estava encharcado pelas gotas de água atiradas pelo vento.

Após mais de vinte minutos naquele temporal, o autocarro apareceu.

Joana subiu para o interior e mostrou o passe ao motorista com semblante antipático. Parecia que a culpava por o fazer trabalhar. Teve vontade de lhe dizer: “Não tenho a culpa! Queixe-se ao meu patrão e ao seu! Eles é que nos fizeram vir.”

Normalmente cheio, naquele dia, o longo autocarro levava meia dúzia de pessoas. Joana sentou-se junto a uma das janelas e ficou a olhar para as gotas que embatiam no vidro.

No primeiro ano de estudante, Joana conseguiu alugar um quarto em Lisboa. Encontrara um quarto para alugar numa casa de um casal de idosos, os quais possuíam uma casa com três quartos para além do seu. Tinham mais duas hóspedes, para além dela, a quem cobravam os mesmos cento e cinquenta euros que a si. Era um negócio lucrativo para os velhotes que, com aquilo, tiravam quatrocentos e cinquenta euros das hóspedes e pagavam pouco menos de cem ao senhorio. Contudo, a vida na capital tornara-se demasiado dispendiosa. Acabou por passar a estudar à noite e a trabalhar durante o dia, ao mesmo tempo que alugava um T0 em Fernão Ferro, quase ao preço que lhe custava o quarto em Lisboa. Mas era estafante, aquele trajecto diário, ainda pior em tempo de aulas, quando saía do emprego e ia para a Faculdade e só regressava a casa noite dentro. No entanto, Joana tinha um sonho. E jurou a si própria, contra todas as adversidades, que o realizaria.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

O autocarro parou junto à estação. Joana saiu, voltou a abrir o guarda-chuva e caminhou em passada apressada para a zona onde o comboio aguardava.

Por vezes, tinha vontade de abandonar tudo e regressar às origens. Contudo, a sua teimosia não a deixava. Talvez fosse defeito, talvez virtude. Joana sabia que o era e orgulhava-se disso.

Congratulou-se por não ser a única naquele comboio. Havia mais gente com a triste sina de trabalhar naquela véspera de Natal tão chuvosa. Era uma espécie de solidariedade silenciosa. Todos com semblante aborrecido.

Sentiu vontade de gritar: “Animem-se!”

A vida tem coisas bem piores que trabalhar num dia de chuva. Ela bem o sabia. Viu o reflexo do seu rosto no vidro e reparou que também o seu continha o mesmo aborrecimento.

Quem a conhecia mais de perto, dizia que era uma rapariga com um coração enorme repleto de generosidade. Abdicara de um pouco do seu tempo, todas as semanas, para fazer voluntariado na Pediatria do Hospital de Santa Maria, junto das crianças. Não ia fingir que era médica, nem nada que se pareça. Ia apenas contribuir com um pouco de boa-disposição para com aqueles que tanto sofriam.

Um enorme coração generoso e solitário.

Quase não tinha amigos, apenas aqueles de ocasião que precisam de alguma coisa. Joana tinha consciência que era uma pessoa bastante fechada e raramente deixava alguém entrar no seu mundo equilibrado e pouco propenso a realidades que alterassem os padrões da sua vida simples e atarefada. Relações amorosas? Tivera um namorado nos primeiros tempos na capital, ainda iludida com as pessoas e muito com ele. Durou algum tempo e terminou da pior forma, sentindo-se trocada por outra, a qual se revelou de maior interesse para o indivíduo em determinada altura.

Vendo a chuva a embater no vidro, recordava as lágrimas que chorou com o desespero de quem se sentiu usada. E não fora fácil ultrapassar aquela fase, ela que se lhe entregara de corpo e alma, acreditando na reciprocidade de sentimentos, e ele dispensara-a friamente. Soube como a solidão podia ser cruel, abandonada e com os que a amavam verdadeiramente, demasiado longe para a apoiarem.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Ainda tivera que conviver com a presença dele, naquele ano, na Universidade. Não muitas vezes, pois era finalista de outro curso. E terminado esse primeiro ano de caloiira, nunca mais o viu.

No entanto, a relação marcará-a. E em Lisboa, nunca mais dera abertura ao mínimo relacionamento de amizade, preferindo a solidão, ao medo de nova traição.

Uma voz surgiu nos altifalantes do comboio, fazendo-a despertar das recordações:

— Senhores passageiros! Devido ao mau tempo, este comboio ficará retido na estação do Pragal, aguardando uma melhoria climatérica para atravessar o rio. Obrigado.

A mensagem repetiu-se.

Sentindo o comboio parar na chegada à estação, Joana levantou-se e procurou quem lhe pudesse dar uma explicação. Como chegaria ela a Lisboa?

Abriu o guarda-chuva debaixo de um temporal avassalador e dirigiu-se às bilheteiras, procurando informações. Encontrou apenas uma em funcionamento.

— Bom dia! — cumprimentou.

A funcionária, sem olhar para ela, disse:

— Que deseja?

— Quando é que volta a haver ligação com Lisboa? — perguntou Joana, tentando fazer-se ouvir através do vidro do cubículo.

A outra folheava uma revista sem lhe prestar grande atenção. Acabou por dizer:

— Quando o tempo melhorar.

— Mas eu preciso de chegar a Lisboa, senão chego atrasada ao emprego. — insistiu.

— Não posso fazer nada. — disse a mulher com frieza. — Logo que a ligação seja reatada, será comunicado pelos altifalantes da estação.

Joana encostou a mão ao vidro e interrogou:

— E como vou chegar eu ao emprego?

A mulher encolheu os ombros como se isso não fosse problema seu.

Furiosa, Joana bateu com a palma da mão no vidro e disse:

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Olhe para mim, quando eu estou a falar consigo! Eu trabalho! Tenho de chegar ao emprego. Como é que atravesso o rio?

A funcionária olhou para ela, chamada à atenção pela pancada no vidro, e respondeu:

— Não posso fazer nada, senhora. E agradeço que não bata no vidro.

— Eu devia era bater em si, sua improdutivo! — exclamou Joana, irada com a adversidade.

A mulher fulminou-a com o olhar e avisou:

— Já lhe disse que não posso fazer nada. Queira fazer o favor de se afastar, antes que chame a segurança. — E voltou à leitura.

Joana teve vontade de tornar a bater no vidro, mas não serviria de nada. Deixou a bilheteira para trás e procurou uma solução.

A estação estava quase deserta. Olhou para o relógio e viu que se começava a fazer tarde para chegar a horas ao emprego.

Sentou-se num dos bancos da estação e aguardou o reatamento da ligação, desejando que fosse rápido.

Passados uns vinte minutos, viu um funcionário da estação. Levantou-se e caminhou na direcção do senhor de meia-idade que controlava as movimentações das composições.

— O senhor, desculpe! — interpelou-o. — Já há previsões para que os comboios partam para Lisboa?

— Não, menina. — respondeu-lhe com simpatia.

— Preciso de chegar ao emprego antes das nove horas. — desesperou. — Como vou eu atravessar o Tejo?

Sensibilizado com o seu desespero, o senhor apontou para a saída da estação e informou:

— Disponibilizaram autocarros para atravessar a ponte. Veja se ainda o apanha.

Apressadamente, Joana agradeceu-lhe e correu para o local que lhe indicara. Ao passar pela porta, foi atingida por uma rajada de vento que lhe partiu os cabos do guarda-chuva, inutilizando-o e que quase a derrubou ao chão.

Com as gotas fortes alvejando-a sem piedade, atirou o que restava do objecto para o lixo e correu para a paragem. Ao virar a esquina, para seu desespero, viu o autocarro partir.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Merda! — gritou, fazendo as pessoas que passavam, olhar para ela e tomá-la por doida. — Que merda!

Caminhou desalentada e encharcada até à paragem, onde se poderia resguardar da chuva. Olhou novamente para o relógio e decidiu telefonar para o emprego.

— Estou atrasada, Olívia. — alertou Joana à sua colega de funções. — Não há ligação ferroviária para Lisboa. Vou ver se apanho um autocarro para Cacilhas e apanho o barco.

— Não vale a pena. As ligações marítimas também foram cortadas. — informou a colega.

Joana puxou o cabelo encharcado para trás e fechou os olhos, desesperada.

— Isto não me pode estar a acontecer.

— Ouve, Joana! Eu vou aguentando o serviço e falo com o chefe.

— Obrigado, Olívia.

Ao desligar, viu um novo autocarro dobrar a esquina e aproximar-se da paragem.

A roupa pingava por todo lado, como se tivesse tomado banho com ela. Entrou no autocarro, puxou do passe e perguntou estafada:

— Serve para aqui?

O motorista assentiu com a cabeça e arrancou, antes que ela pudesse chegar a um lugar para se sentar.

Os vidros do autocarro estavam embaciados pela respiração das pessoas. O veículo não ia cheio, mas levava mais de metade da sua lotação. A chuva caía e mal se via o exterior. Lá à frente, as escovas limpa-pára-brisas lutavam contras as torrentes de água que se abatiam sobre o longo vidro frontal, permitindo ao motorista ter o mínimo de visibilidade.

Que dia estava a ser aquela véspera de Natal. Sentia a roupa húmida no corpo, o cabelo molhado colar-se ao rosto e o cansaço provocado pelas adversidades. Abriu a mala e tirou um lenço de papel para secar o rosto. Olhou para o relógio e viu que já estava quinze minutos atrasada.

A chuva abrandara ligeiramente.

Devia passar das dez, quando Joana entrou no escritório. Sentia-se arrasada e molhada, apesar da roupa se ter praticamente



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

secado no seu corpo. Ao chegar ao seu local de trabalho, encontrou o seu chefe com ar irritado, juntamente com a sua colega Olívia, a qual lhe fez sinal que as coisas se haviam complicado.

— Ricas horas! — exclamou ao vê-la.

Joana olhou para ele, mantendo uma postura defensiva, mesmo perante aquele seu aspecto vulnerável. Na sua frente, o seu chefe, um homem de cinquenta e tal anos que a olhava sempre como se fosse um doce por desembrulhar. Metia-lhe nojo, aquela forma como lhe respondia quando ela lhe pedia algo, falando sempre com a sugestão indirecta de como lhe poderia obter os favores. Velho porco e nojento.

— Tive problemas com os transportes para Lisboa. — justificou.

— Eu sou testemunha disso, pois ela...

— Não lhe perguntei nada, pois não? — interrompeu o homem, o testemunho de Olívia.

Joana acenou-lhe com a cabeça para que ela não se prejudicasse com aquele assunto.

O chefe tornou a olhar para Joana e disse:

— Vocês, jovens, acham que o trabalho é só para ganhar dinheiro. Vão para as borgas, andam com os namorados. E esquecem-se que têm de trabalhar no dia seguinte, entrar a horas no emprego.

— Mas...

— Cale-se!

O chefe não deixou Joana falar, continuando:

— Veja se arranja esse aspecto desmazelado e vai trabalhar.

E que isto não se repita!

E virou-lhe as costas, regressando ao seu gabinete.

Olívia aproximou-se da amiga e perguntou:

— Como estás?

Joana encolheu os ombros.

— Mal chegou, deu logo pela tua falta. — relatou. — Tentei explicar-lhe que estavas atrasada e que tinhas telefonado...

— Tudo bem. — atalhou Joana, forçando um sorriso. — Vou à casa-de-banho secar-me e arranjar o “aspecto desmazelado”.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

### II

Na hora prevista, o despertador disparou ruidosamente pelo quarto.

Embriagado pelo sono, Mário abriu os olhos e calou o aparelho com uma pancada no botão.

Habitando aos poucos o olhar à claridade, reparou na mulher que partilhava a cama com ele. Uma loura de formas apelativas que dormia enrolada na roupa da cama, indiferente ao estardalhaço do despertador.

Mário tomou consciência da noite anterior. Sim, já se lembrava quem ela era, uma prostituta de luxo que “encomendara” para mais uma noite de sexo. Esta era nova, nem se lembrava do nome dela. Não gostava quando elas passavam lá a noite, pois nas manhãs seguintes tinha que se levantar cedo e ir para o escritório. E perdia sempre tempo a acordá-las para as mandar embora.

No entanto, o sexo na noite anterior fora bom e desgastante. Ele requisitara-a para a noite toda. Não gostava de ter o tempo contado. Era caro, mas valia cada euro. Não tivera ideias de a ter como companhia no sono, mas ela adormecera e ele deixara-a ficar.

Mário levantou-se da cama e acendeu um cigarro. Atirou o isqueiro para cima da mesa-de-cabeceira e caminhou até à janela do seu apartamento, numa das torres nas Amoreiras, onde observou o temporal que fustigava a cidade.

Regressou perto da cama e abanou a mulher para a acordar. Esta soltou um ruído e permaneceu no seu lugar.

— Acorda!

O berro despertou-a.

— Olha, ó... Como é que te chamas?

— Isabel...

Mário deu uma baforada no cigarro e ordenou:

— Veste-te e põe-te andar.

Com o rosto revelador das poucas horas dormidas, perguntou:

— Que horas são?

Mário olhou para o relógio e disse:

— Oito e meia.

Nesse instante, o seu telemóvel tocou.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Enquanto atendia, a mulher levantou-se da cama, apanhou a roupa do chão e esgueirou-se para a casa-de-banho.

— Olá avó! — atendeu enfadado. — Que se passa?... Sim, eu sei que é véspera de Natal... Não, não posso ir jantar aí, avó!... Não, não vou para Sesimbra logo à noite. Passo por aí no fim-de-semana ou no próximo...

Mário era um indivíduo já na casa dos trinta que trabalhava como gestor de investimentos numa empresa ligada ao ramo de bens mobiliários. Para além de gerir os investimentos de uma dúzia de multimilionários, usava igualmente os seus conhecimentos de mercado para negócios na Bolsa.

Crescera numa família humilde, criado pelos seus avós, habitantes de Sesimbra. O pai fora pescador, mas morrera no mar, quando Mário ainda era bebé. A mãe abandonou-o e ele ficou a cargo dos avós.

Formou-se em Economia e cedo começou a trabalhar no ramo, deixando para trás os avós e vindo para Lisboa em busca de uma vida melhor. Tinha a preocupação de que não faltasse nada aqueles que o criaram, mas raramente lhes dava o que eles mais queriam, a sua presença.

Desligou o telemóvel, impedindo mais argumentos da avó para que comparecesse na Consoada.

A mulher loura regressou da casa-de-banho, completamente arranjada e pronta para sair, resguardada no longo sobretudo de pelo. Parou junto dele e estendeu-lhe a mão. Mário puxou da carteira, retirou algumas notas de cinquenta euros e depositou-as na palma da mão dela. Ela guardou-as na mala e desejou:

— Feliz Natal!

— Natal? O Natal só serve para os tolos gastarem dinheiro.

— Não gostas do Natal?

Ele fez-lhe sinal para que se fosse embora e ela desapareceu para lá da porta do apartamento.

Mário era um indivíduo bem constituído, musculado pelas visitas semanais ao ginásio para descomprimir. Era completamente dependente do computador portátil, do telemóvel e das cotações da Bolsa. Inteligente, bonito, investidor aventureiro, sortudo e rico. Resumindo, o homem ideal para muitas mulheres.

Ligou o computador e foi tomar um duche.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Quinze minutos mais tarde, estava à porta do apartamento, vestido de fato escuro muito elegante com um longo sobretudo preto pelas costas. Carregava o pequeno computador na mão esquerda e as chaves na direita.

Fechou a porta, acendeu mais um cigarro e apanhou o elevador rumo ao piso -1, onde o seu carro estava estacionado. Aí, aguardava-o o seu Audi A3 prateado, novinho, comprado com o lucro de meia hora de compra e venda de acções.

Seguia a 110 Km/h pela Avenida Fontes Pereira de Melo, por entre a tromba-d'água que se despenhava do céu, quando o seu telemóvel tocou. Deitou uma olhadela ao kit mãos-livres, onde encaixara o aparelho, e tocou na tecla de alta-voz.

— Mário?

— Diz, Jacinto.

— Bom dia!

— Só se for para ti. — repeliu Mário. — Basta ser esta treta de quadra natalícia para já não ser bom dia.

— Lá estás tu com essa raiva ao Natal.

— Ao Natal e a todos os feriados. — resmungou. — Só de pensar que a Bolsa amanhã está fechada. Tenho um negócio de milhares de euros para fechar. E hoje já não consigo porque já está tudo a pensar no amanhã e nas prendinhas...

— Pronto, Mário! Deixa lá isso.

— Que queres?

— Já cá estão os tailandeses por causa daqueles fundos.

— Sim, já sei. Que esperem! Tenho outro assunto para tratar, antes.

Jacinto deu uma risada e constatou:

— Hoje, estás mesmo com um feito de cão.

Jacinto era colega de Mário na corretora, mas ocupando um cargo de administrativo e não comercial como o outro. Parecia um rato de biblioteca, magrinho com óculos, fato e gravata, sempre mergulhado em papeladas.

O Audi A3 entrou no parque subterrâneo, junto à Avenida Duque d'Ávila. Estacionou num dos lugares marcados no chão e encaminhou-se a passos largos para a escadaria que o levaria à rua. Perto da porta, abriu o guarda-chuva, segurou-o com força e

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

protegeu-se a si e à maleta que continha o computador e alguns papéis importantes.

O seu destino não ficava muito longe dali. Atravessou a avenida com uma pequena corrida e entrou num edifício de construção recente, perto da Avenida 5 de Outubro.

Entrou no edifício e seguiu para o elevador, pressionando depois o botão oito e aguardando a subida.

A porta da firma estava aberta. Tratava-se de uma empresa de ar condicionado, já no mercado havia algumas décadas, que Mário comprara na semana anterior.

Ao vê-lo à entrada, um funcionário perguntou-lhe em que poderia ser útil.

— Sou o Dr. Mário Ferreira! — exclamou com arrogância. — Vim falar com o Dr. Tomé.

O homem, revelando desconhecimento total acerca de Mário, pediu-lhe que aguardasse e comunicou ao patrão, a chegada do indivíduo. Regressou com a indicação de o encaminhar até ao gabinete.

Caminhando com ar altivo, Mário seguiu atrás daquela figura humilde.

— Como vai, Dr. Ferreira? — cumprimentou o Dr. Tomé, dirigindo-se a ele e apertando-lhe a mão.

Mário olhou com desdém para o indivíduo de sessenta e cinco anos, baixo e careca que lhe lançou o cumprimento.

— Recebeu a minha ordem de trabalho? — perguntou Mário, fazendo a pergunta soar como uma certeza que não admitiria ser contrariada.

Tomé regressou ao seu lugar e respondeu:

— Sim. Já era para lhe ter telefonado para conversarmos sobre isso.

— Não há nada a conversar! — exclamou Mário. — As directrizes que lhe enviei são simples e para execução imediata.

— Mas eu...

— O senhor é o sócio minoritário desta empresa. — lembrou. — E eu o maioritário. Isso faz de mim senhor de todas as decisões sem necessitar do seu consentimento.

Tomé esboçou um argumento, mas Mário não permitiu:

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— As minhas ordens são para cumprir e o seu papel é fazê-las cumprir. Fui claro?

Tomé abanou a cabeça e disse:

— O senhor doutor não me pode pedir que despeça cinquenta pessoas na véspera de Natal.

— Tem razão. — respondeu Mário. — Não lhe estou a pedir. Estou a ordenar! Quero todos na rua até final do ano. Só cá ficam meia dúzia até eu completar o processo de falência.

— Foi para isso que comprou as acções?

— Caro Dr. Tomé. — O tom era sarcástico. — O senhor não sabe que vive num país em que um processo de falência dá mais dinheiro que tentar recuperar a empresa?

— Esta empresa tem quarenta e dois anos, doutor. Fui um dos fundadores...

— O que o senhor foi não me interessa! — interrompeu abruptamente. — Para mim, tudo se resume a uma única coisa: Dinheiro. E o senhor com essas tretas faz-me perder tempo, dinheiro e paciência. Cumpra as minhas ordens!

— Peço-lhe por tudo. — implorou Tomé. — É Natal, por amor de Deus.

— Não me lixe o juízo com o Natal, Dr. Tomé. — ripostou irado. — O Natal é só um feriado. E os feriados só servem para os que não trabalham ainda fazerem menos.

E saiu do gabinete batendo com a porta.

A meio da manhã, Mário entrava no escritório, saindo do elevador do edifício de dez andares na Avenida da Liberdade. Vinha da cave, local onde estacionara o carro, e dirigia-se ao seu gabinete.

Entrou na divisão de vinte metros quadrados, colocou o computador em cima da secretária, despiu o casaco e ligou o aparelho. Ficou a ver o sistema inicializar, tirando simultaneamente o telemóvel do casaco e colocando-o igualmente da mesa.

Ouviu-se duas pancadas leves na porta.

— Entre!

A porta abriu e Jacinto entrou.

— Ainda bem que vieste. — disse Mário. — Ia agora ligar-te. Onde estão os tailandeses?

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Antes de te dizer, peço-te que tenhas calma.

Mário fulminou-o com o olhar e interrogou:

— Que se passa, Jacinto?

— Como demoraste, a Sandrine...

— Fod... — vociferou Mário, dando um murro no tampo da mesa e fazendo o computador saltar.

— Calma, Mário! — pediu Jacinto. — Ela ofereceu-se para lhes fazer companhia e convidou-os para um café no gabinete dela.

— Essa puta não sabe no que se está a meter. — alertou, dirigindo-se para a porta com a intenção de interromper a reunião.

Jacinto impediu-o:

— Não faças isso. Que imagem iam eles ter de nós? Deixa-os ir embora. E depois falas com ela.

Mário concordou. Porém, notava-se o olhar flamejante de raiva, desejoso de a descarregar em Sandrine.

— Quando eles saírem, avisa-me Jacinto!

— Tudo bem. — comprometeu-se. — Mas tem calma com ela.

Passados alguns minutos, o telefone tocou. Os tailandeses tinham terminado a reunião com Sandrine e estavam a abandonar o edifício, comunicava Jacinto a Mário.

Mário levantou-se da cadeira e saiu do gabinete. A sua passagem no corredor parecia um vendaval, fazendo levantar papeis. Parecia alucinado. Abriu a porta do gabinete da jovem sem bater e atirou com a madeira contra a parede.

Sandrine era uma mulher de vinte e nove anos, estatura média, esguia, com cabelo preto apanhado na nuca. Vestia sempre um fato saia-casaco e sapatos de salto alto a condizer. Filha de emigrantes, estudara em França e viera trabalhar para Portugal, numa filial de uma empresa francesa. Após alguns anos nessa empresa, decidira mudar de ares e foi trabalhar para ali, onde exercia funções desde Agosto.

— Não sabe bater à porta, colega? — perguntou-lhe, ao vê-lo.

Mário aproximou-se da mesa dela e inquiriu:

— A Sandrine não sabia que os tailandeses vinham falar comigo?

— Os tailandeses vinham fazer negócio com a nossa empresa. — emendou ela.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Fui eu quem os contactou e você não tinha nada que se meter nisso.

Com uma postura calma, Sandrine justificou:

— Como o colega não estava, achei que seria do interesse da empresa que alguém os atendesse, ao invés de os deixar a secar.

— Este negócio era meu! — exclamou Mário. — E você não tinha que se meter.

O tom de Mário era cada vez mais enraivecido e agressivo. Porém, Sandrine mantinha-se calma.

— Se era, deixou de ser. — disse com um sorriso que ainda enervou mais Mário. — Conhece aquela do “quem vai ao ar, perde o lugar”?

Mário esticou o braço por cima da mesa e agarrou-a pelos colarinhos, apertando-os de tal maneira que ela não conseguia falar.

— Sua putéfia de merda! — chamou, sentindo vontade de a estrangular pelos milhares de euros que o fizera perder. — Isto não fica assim. — E atirou-a para a cadeira, fazendo-a cair desamparada.

— Você é um animal. — protestou Sandrine. — Eu devia fazer queixa de si.

Sandrine voltou a levantar-se e compôs a roupa, dizendo:

— Você roubou-me um cliente há duas semanas. Cá se fazem, cá se pagam!

O seu tom tentava responder ao dele.

Mário soltou uma gargalhada de escárnio e constatou:

— Pobrezinha! Queres frases de circunstância? Ouve esta: Quando se compra uma guerra, é bom que tenha com que se pagar. Terás notícias minhas, puta de merda.

— Vai falando... — suspirou, depois de ele bater violentamente com a porta, ao sair.

O barulho e tom alto das vozes fizeram alguns funcionários saírem dos seus gabinetes, procurando a proveniência do ruído.

Quando Mário se dirigiu pelo corredor a toda a velocidade, Jacinto interpelou-o:

— Então?

— Aquela cabra não sabe com quem se mete. — disse, sem intenções de parar para mais conversa.

Jacinto segurou-o pelo braço e questionou:



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Que vais fazer?

— Vou à Administração fazer com que ponham essa puta no olho da rua.

Jacinto ainda tentou demovê-lo, mas Mário ia possesso.

III

O gabinete do presidente da Administração parecia um museu, onde cada peça de decoração fora escolhida criteriosamente pela riqueza e luxo. Sentia-se o ambiente ameno provocado pelo ar condicionado. E nem se ouvia o temporal, lá fora, graças aos vidros duplos das janelas grandes e luminosas.

Líder da cadeia hierárquica da empresa, um senhor perto dos setenta anos, lia calmamente os relatórios ao som de Strauss.

A melodia da valsa foi interrompida pelo soar do intercomunicador, surgindo seguidamente o aviso da sua secretária, informando do desejo do Dr. Mário Ferreira falar com ele, urgentemente.

— Mandé entrar!

Duas pancadas secas ecoaram pela sala.

— Entre!

A porta abriu-se e por ela entrou Mário.

— Bom dia, Bragstad!

— Bom dia, Mário! — retribuiu o presidente. — Que se passa? Que urgência é essa na véspera de Natal? — inquiriu, desligando a musica com um comando à distância.

Mário sentou-se na cadeira em frente à mesa do patrão. Reparou que este lia os últimos relatórios da empresa.

— Vejo que está a ler os últimos relatórios. — constatou Mário. — Penso que já reparou no negócio que fiz, a semana passada, com a comercialização daquela empresa de componentes electrónicos?! Reparou no lucro?

— Fenomenal, meu caro Mário. — concordou o outro. — De facto, devo reconhecer que você tem jeito para isto.

Adoptando uma postura séria e aborrecida, Mário prosseguiu:

— Temo que não possa continuar a colaborar convosco.

Os olhos do presidente Bragstad arregalaram-se, assolados de preocupação, perante a hipótese de perder uma das mais-valias da empresa.

— Que se passa, Mário? Já sei. Tem uma oferta milionária de outra empresa? Quanto, Mário? Nós cobrimos.

Mário abanou a cabeça e disse:

— Nada disso. O problema está aqui na empresa.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Como assim?

— Numa funcionária chamada Sandrine. — explicou.

Bragstad deu uma gargalhada e especulou:

— Negócios de saias. Você levou a rapariga para a cama e, agora, quer vê-la longe...

— Não, Bragstad.

A interrupção séria e o olhar pouco humorístico fizeram o presidente perceber que era mais sério que isso. Mário relatou:

— Essa funcionária roubou-me o negócio com os tailandeses!

O septuagenário levantou-se da cadeira e olhou para janela, dizendo:

— O Mário sabe como esta área é competitiva. Por certo...

— Desculpe, Bragstad! Mas isso, pura e simplesmente, não me interessa. Não cheguei onde cheguei a arranjar desculpas para o comportamento dos outros. Eu exijo a demissão da Sandrine! Ou eu próprio deixarei esta empresa.

Bragstad abanou a cabeça, conformado.

— Tudo bem. — concordou. — Segunda-Feira, tratarei...

— Hoje! — exclamou peremptório. — Quero-a fora daqui, hoje!

Consciente que não poderia correr o risco de perder alguém como Mário, Bragstad concordou em tomar providências imediatas para o despedimento de Sandrine.

Ainda nessa manhã, Sandrine foi chamada ao gabinete do director de recursos humanos, o qual a informou do seu despedimento com justa causa, justificado por comportamento impróprio à conduta desejável de um funcionário da empresa.

Sandrine protestou, mas não lhe foram dadas hipóteses de defesa, sendo aconselhada a recolher as suas coisas do gabinete que lhe havia sido entregue e a restituir o veículo de serviço que a empresa lhe concedera, na altura da inclusão nos quadros da empresa.

Os seus clientes seriam distribuídos pelos colegas. E os tailandeses entregues a... Mário.

No regresso ao gabinete, Sandrine não escondia as lágrimas. Em poucos minutos, perdera o emprego, o carro e, futuramente

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

perante o desemprego, a própria casa. O pouco tempo ali, ainda não lhe tinha permitido arrecadar algum pé-de-meia.

Desesperada, passou pelo seu gabinete e seguiu rumo ao de Mário.

Mário falava ao telefone com um correspondente em Hong-Kong e controlava as cotações pelo computador, quando viu Sandrine entrar-lhe pelo gabinete.

O seu olhar era de raiva e encontrou no de Mário resposta à altura.

— Satisfeito? — perguntou num tom misturado de raiva e desespero.

Mário despediu-se do individuo ao telefone. Olhou para Sandrine com o semblante de quem se sentia dono do Mundo e lembrou:

— Eu avisei que tu não sabias onde te estavas a meter.

Sandrine caminhou até à secretária dele.

— Filho da puta! És um grande filho da puta.

— É bom que te vás embora, antes que faça com que te expulsem daqui. — ameaçou.

— Isto não fica assim.

Mário sorriu sarcástico e disse com ironia:

— Estou cheio de medo.

Irada, Sandrine repara numa faquinha de abrir envelopes, sobre a mesa. Num ápice, deitou-lhe a mão e apontou-a a Mário.

— Podes ter destruído a minha vida. Mas, não te vais ficar a rir, cabrão.

Mário percebeu pelo seu olhar enlouquecido que ela não hesitaria em o espetar com o objecto.

Nesse instante, Jacinto entrou no gabinete e logo se apercebeu da cena.

Antes que ela pudesse fazer qualquer movimento, Jacinto atirou-se para ela, abraçando-a e privando-a de desferir o golpe fatal. E Mário aproveitou para lhe tirar a faquinha.

Sandrine barafustou:

— Larga-me! Larga-me!

Empunhando a faquinha, Mário olhou para a mulher e exclamou:

— Devia furar-te toda com isto, sua cabra!

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Pára com isso, Mário! — pediu Jacinto. — Não provoques mais a situação.

— Se calhar a culpa é minha, não?

Jacinto respondeu com a expressão facial de quem não o isentava de responsabilidades.

— Leva-me essa vaca daqui.

— Pulha de merda! — vociferava enraivecida, Sandrine.

— Cala-te, Sandrine! Não piores as coisas. — aconselhou Jacinto.

— Chamem a policia! — exigiu Mário. — Essa cabra tentou matar-me.

Jacinto olhou para Mário e pediu:

— Não há necessidade disso. Foi um acto desesperado.

E segurando Sandrine, abandonou o gabinete de Mário.

Contudo, Mário não se deu por satisfeito. Mal ambos passaram a porta, ele pegou no telefone e ligou para a policia, fazendo queixa de uma tentativa de homicídio e exigindo a presença das autoridades para a deterem.

Jacinto conseguiu acalmar Sandrine, levando-a para o gabinete desta e conversando com ela. Porém, após se sentar na sua cadeira, Sandrine desabou num mar de lágrimas.

Sem saber bem o que fazer, Jacinto colocou as mãos nos seus ombros e apertou-os, tentando que ela relaxasse e acalmasse.

— Que vou eu fazer agora? — lamentava-se. — Sem emprego, sem dinheiro...

— Calma! Tudo se há-de compor.

Sandrine abanava a cabeça, desesperada.

— Que rico Natal... — continuava. — Como vou arranjar dinheiro para a renda? Estou sem carro...

Jacinto continuava a massajar-lhe os ombros.

— Eu tenho alguns conhecimentos. — partilhou Jacinto. — Segunda, vejo o que te consigo. Entretanto, vai para casa e descansa.

Ouviu-se um toque na porta.

Jacinto afastou-se da colega. E Sandrine limpou as lágrimas, arranjou um pouco a postura e exclamou:

— Entre!

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Um colega abriu a porta e, sem saber bem como, informou:

— Sandrine! Estão aqui dois policias para falar consigo.

Sandrine ficou em pânico. Afinal, Mário chamara mesmo a policia.

Jacinto caminhou até à porta e recebeu os dois agentes da autoridade.

— Procuramos uma senhora chamada Sandrine. — comunicou o policia.

Sandrine levantou-se da cadeira, adoptou um porte altivo e orgulhoso, seguindo depois até eles.

— Sou eu.

O policia leu uma folha de papel e explicou:

— Temos uma queixa de tentativa de homicídio, perpetrada por si, contra o Dr. Mário Ferreira.

O segundo policia colocou-se atrás de Sandrine, retirando as algemas para lhas colocar.

— Será necessário tudo isso? — perguntou Jacinto ao primeiro. — Podiam evitar esta vergonha. Ela nem ofereceu resistência.

O outro policia continuou a acção, puxando os pulsos de Sandrine e prendendo-os com as pulseiras acorrentadas, atrás das costas.

— São os procedimentos a tomar. — contrapôs friamente.

Sandrine não proferiu uma palavra e deixou-se conduzir pelos policias. Os seus ex-colegas olhavam espantados para o aparato da situação. Jacinto seguiu com eles, questionando os homens sobre o local para onde a levariam e comprometendo-se com Sandrine a tomar providências para a ajudar.

No exterior, Sandrine foi colocada no interior da viatura policial, perante os olhares anónimos curiosos com o carro da policia ali parado.

Após a partida do carro, Jacinto regressou ao edifício e dirigiu-se ao gabinete de Mário.

— Nem penses! — afirmou firme, Mário, perante o pedido de Jacinto para que retirasse a queixa contra Sandrine. — Aquela louca tentou matar-me.

Jacinto olhou para ele com ar paternal e lembrou:

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Ela não fez qualquer movimento para te ferir.

— Isso, só porque tu o evitaste a tempo. — referiu Mário sem tirar os olhos do ecrã do computador.

— Sabes bem que não foi assim. Ela ter-te-ia ferido, se quisesse. Bolas, Mário! Tu fizeste com que a rapariga fosse despedida. Ela ficou desesperada...

— Limitei-me a pagar a afronta que ela me fez.

— Que afronta, Mário? Ter ficado com o negócio de uns míseros tailandeses? Esse negócio para ti era mais milhão, menos milhão. Para ela era muito importante um cliente assim em carteira.

Mário desviou o olhar para ele e reagiu às suas palavras:

— Mas, afinal, de que lado estás tu?

— Da razão, Mário. Não me parece justo...

— Justo? Que te pareceria justo, Jacinto? Que ela me tivesse espetado aquela faca?

— Ela nunca...

— Como sabes Jacinto? Não a agarraste imediatamente, temendo que ela o fizesse? Que te leva a crer agora que ela não o faria?

— Falei com ela e...

Mário levantou os braços ao ar e sugestionou:

— Então é isso. Ela convenceu-te. Ou melhor, seduziu-te. E tu estás a cair como um patinho. Que te prometeu? Que a podes levar para a cama? Ou ter-te-ás contentado com a promessa de um simples broche no intervalo do café, quando ela voltasse?

Jacinto irritou-se:

— Quem pensas tu que és? Tu tens um feitio terrível, mas não te julgava tão ignóbil.

— Ó Jacinto, deixa-me trabalhar! — ordenou Mário. — Aproveita e leva-lhe flores à prisão que é onde ela irá ficar muito tempo, se depender de mim.

— Que necessidade tens de a fazer passar o Natal na prisão? — questionou Jacinto, tentado usar todos os argumentos para o demover.

— Possivelmente, nenhuma. — ripostou. — Só quero que as pessoas saibam que não se podem meter comigo. A vida é um jogo. E na minha, sou eu que dito as regras.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Jacinto encolheu os ombros e pediu mais uma vez:

— Por favor, Mário! Não há necessidade de fazeres isso à rapariga. Peço-te! Se não o queres fazer por ela, fá-lo por mim.

— Adeus, Jacinto! — disse Mário com frieza, mandando Jacinto embora.

— Mário...

— Deixa-me trabalhar, pá! — o tom de voz tornou-se mais agressivo. — Já te disse que não volto atrás e ponto final.

Derrotado nos seus intentos, Jacinto abandonou a sala.



IV

Os moradores de um edifício, ali para os lados do Arco do Cego, ficaram estupefactos com o que encontraram pela manhã. No átrio do prédio, descobriram um individuo embrulhado em jornais e restos de roupa, dormindo repousadamente no chão. O homem, “ainda por cima preto” como dissera uma das senhoras, era um mendigo que aproveitara a porta aberta para se proteger da chuva da noite e dormir, ali a um canto, sem aborrecer ninguém. O mesmo não pensaram os moradores do prédio.

— Eh! Acorda, ó tu aí! — chamou um dos homens, empurrando-lhe o corpo com a sola do sapato.

— Chamem a policia! — pedia outra senhora, como se o pobre sem-abrigo fosse um criminoso.

— Não é preciso. — contrapôs o primeiro. — Eu já ponho este traste na rua.

O mendigo, Alfredo de nome, abriu os olhos, assustado com as pessoas a rodearem-no.

— Põe-te daqui para fora, anormal! — ordenava um outro, mais atrás.

Perante toda a hostilidade, Alfredo pegou nos parques pertences e afastou-se para a rua, regressando à enxurrada de água que, graças a Deus, não o incomodara naquela noite.

Alfredo era um homem na casa dos trinta e muitos, pele escura, cabelo e barba comprida, sempre com o seu barrete azul na cabeça e um sobretudo gasto de cor preta. Carregava uma espécie de saco ao ombro, onde guardava tudo o que encontrava e achava poder vir a ser útil.

Sentia a chuva a cair sobre ele como se cada gota o procurasse e o tentasse alvejar com força e fazê-lo cair. Ninguém pode imaginar o que é ser um sem-abrigo, a não ser os que o são.

Antes de almoço, a chuva voltou a cair com força, minutos depois de o Sol parecer querer espreitar entre as nuvens cinzentas.

Joana prosseguia o seu trabalho, tentando esquecer os incidentes matinais. Conseguira melhorar a sua figura e já ninguém diria a quantidade de chuva que atravessara. Raramente atendera o telefone, pois não tocara mais que umas cinco vezes, desde que ali

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

estava. E isso enraivecia-a mais, pois constatava o absurdo que fora fazerem-na ir trabalhar em plena véspera de Natal. Felizmente, aproximava-se a hora de almoço. E a secreta esperança que todos fossem dispensados da tarde continuava.

Olívia limava as unhas entediada com o pouco serviço. Também ela tinha aquela esperançazinha da dispensa vespertina. Lembrava-se que no ano anterior, isso acontecera. E se a memória não a atraçoava, fora assim todos os anos, desde que ali estava.

O chefe apareceu diante delas e disse:

— Meninas! A empresa vai encerrar da parte da tarde. Depois do almoço, podem ir para casa.

Ambas fizeram aquele semblante de falsa surpresa, perante a confirmação das suas suspeitas.

— Você devia ficar cá de castigo. — continuou o homem, olhando para Joana. — Chegou tarde e ainda sai cedo.

Joana não respondeu. Era melhor assim, ficar calada, uma vez que não lhe poderia responder como gostaria.

Logo que o individuo desapareceu pela porta, Olívia perguntou:

— Joana! Queres vir comigo à Baixa? Ainda tenho algumas coisas para comprar. Compras de última hora.

— Não, obrigado.

— Vá lá, Joana! — insistiu. — Almoçamos e passeamos um pouco.

— Não, Olívia! — recusou. — Vou aproveitar para ir para junto das minhas crianças, em Santa Maria. Aproveitar para passar a tarde com elas. E fico com mais tempo para preparar o jantar de Natal.

Olívia encolheu os ombros, não compreendendo as preferências da colega.

Havia poucas coisas que faziam Joana sentir-se realizada. E uma dessas coisas, era o seu voluntariado com as crianças doentes do Hospital de Santa Maria.

Jacinto apontava algumas notas relativas ao seu departamento, momento em que ouviu baterem à porta. Mesmo antes que ele desse autorização para entrar, a porta abriu e por ela entrou o presidente Bragstad.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Bom dia, Dr. Bragstad! — cumprimentou, reverencialmente, Jacinto.

— Jacinto! Vou-me embora e já não volto hoje. — informou o outro. — Não me parece que valha a pena manter grande parte dos funcionários, esta tarde. Dispense o pessoal. Sei que os fanáticos vão cá ficar. Feliz Natal, Jacinto! — E saiu pela porta, por onde entrou, sem esperar a retribuição do empregado.

— Feliz Natal, Dr. Bragstad! — disse Jacinto para o vazio.

Para o pessoal administrativo, a dispensa da tarde era uma ótima notícia. iam para casa mais cedo e aproveitavam para estar com a família. Já para os gestores de investimentos e corretores, a notícia não servia para nada.

Mário há muito que deixara de ter um horário a respeitar. Passava mais que as oito horas diárias no escritório, quase sempre. No entanto, aquele dia para ele era um dia perdido. Sem negócios em agenda para a tarde e com todo o desenvolvimento bolsista controlado para os seus investimentos, Mário decidira usar a tarde para uma visita ao ginásio.

Jacinto foi ao seu encontro, perto da hora a que os funcionários começavam a abandonar o edifício.

— Vais ou ficas? — perguntou Jacinto.

Mário, enquanto guardava o portátil na mala, respondeu:

— Vou almoçar. Não sei se ainda volto, mas depois vou ao ginásio. Queres ir lá ter?

— Não obrigado.

Mário reparou no semblante de Jacinto e indagou:

— Que se passa? Estás com uma cara.

— Estou preocupado com a Sandrine. — confessou.

— Ah! Não te preocupes, ela está bem. Garanto-te que não está a apanhar esta chuva. — referiu no gozo, apontado para o exterior.

— Tu bem que podias retirar a queixa.

— Dizes bem. Podia, mas não o faço. — repetiu com firmeza.

— Que necessidade há em a fazeres passar o Natal...

Mário pegou na mala e interrompeu:

— Já te disse que, se depender de mim, ela fica lá este e o próximo. Olha! Se estás tão preocupado, compra umas bolachinhas

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

de água e sal. E vai lá levar-lhas. — E soltou uma gargalhada que repetiu, enquanto atravessava o corredor em direcção ao elevador.

Mário sentia-se o dono do Mundo. Caminhava com ar altivo e arrogante, indiferente a tudo e a todos. Só lhe importava o que tinha ganho e o que ainda podia ganhar.

Seguiu sozinho no elevador até à cave, onde ficara o seu carro estacionado. O parque estava quase deserto, claro sinal que todos haviam aproveitado aquela dispensa da tarde de véspera de Natal.

Após despir o casaco, colocou-o no banco de trás, juntamente com a mala do computador. Sentou-se no lugar do condutor e fechou a porta. Ligou a ignição, ajeitou a temperatura do ar-condicionado e carregou no *play* do leitor de CDs do rádio.

Retirou cuidadosamente o veículo do lugar desenhado no chão e arrancou em direcção à rampa de acesso ao exterior. Olhou lá para cima e viu o portão abrir, não escapando à sua atenção o enorme temporal.

Fazendo o motor rugir, conduziu o carro pela rampa em direcção à saída. Mal as rodas frontais tocaram o empedrado do passeio, Mário foi surpreendido pela passagem de uma mulher, à sua frente, tentando fugir ao temporal. Não conseguiu evitá-la e acabou por a tocar com o pára-choques do Audi, atirando-a ao chão.

O carro ficou metade fora, metade dentro da saída das garagens. Mário saiu do carro e, imediatamente, sentiu o frio envolver-lhe o corpo. Voltou novamente ao interior do carro para recuperar o casaco e dirigiu-se à mulher.

— Ei! Você está bem? — perguntou.

O aparato da situação fez com que alguns transeuntes ficassem especados a testemunhar a situação.

No chão, a mulher de cabelos escuros compridos e embaraçados à volta da cara começou a levantar-se.

— Você está bem? — insistiu na pergunta, Mário.

Definitivamente, aquele não era o dia de Joana. Depois de tudo o que lhe sucedera naquela manhã, ainda tinha de ser vítima de um atropelamento à tarde.

— Penso que sim. — respondeu.

— Você não vê por onde anda? — inquiriu Mário, olhando para a frente do Audi. — Podia ter-me amolgado o carro.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Joana compôs a roupa e puxou os fios de cabelo para longe do rosto.

— Não me faltava mais nada. — disse. — Eu sou atropelada no passeio e o senhor ainda acha que a culpa é minha.

— Isto é uma saída de garagem. — referiu Mário, falando num tom como se ela fosse anormal.

Os espectadores do acidente começavam a dividir-se e a discutir entre si sobre quem seria o responsável. Joana preferiu não lhe responder, optando por verificar se não estava magoada, nem nada dos seus pertences na mala se haviam danificado.

— É por isto que o país não anda para a frente. — continuou Mário, regressando ao carro. — A maior parte das pessoas anda com a cabeça nas nuvens.

Ao ouvi-lo, Joana não se conteve:

— Ó seu... É de pasmar que alguém possa achar que eu é que tive culpa.

— Devia ter olhado, antes de passar à frente do portão.

— Você é que devia sair com cuidado. — ripostou Joana. — Ou você, lá porque é um merdas com dinheiro, acha que pode passar por cima de toda a gente?

Mário olhou-a irritado e disse:

— É melhor sair daí! Vou arrancar e ainda lhe passo por cima.

As pessoas assistiam à situação com semblante de incredulidade, mas delicias pelo espectáculo.

Joana deu um passo, mas fez um esgar de dor. Sentiu que o joelho ficara ligeiramente magoado.

— Talvez fosse melhor levá-la ao hospital. — sugeriu alguém no meio da assistência.

Mário começou a ficar preocupado que ela pudesse ter sofrido consequências do acidente. Não estava preocupado com o estado dela, apenas temia que depois de partir, ela fosse queixar-se à polícia. E testemunhas não lhe faltariam. E ele seria incriminado por atropelamento e fuga, o que dá pena de prisão. Ainda ia fazer companhia a Sandrine...

— Eu levo-a! — afirmou bem alto para que todos ouvissem a oferta.

— O quê? — interrogou Joana. — Deve estar louco, você. Eu estou bem!

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Eu insisto.

— Só se fosse louca, aceitava boleia de um déspota como você.

Um senhor de idade aproximou-se de Joana e aconselhou:

— É melhor ir, menina. Com a saúde não se brinca.

Como Joana estava a caminho de Santa Maria e o joelho lhe doía, acabou por aceitar com uma condição:

— Leve-me a Santa Maria.

Mário franziu o rosto e questionou:

— Mas o que é isto? Pensa que sou taxista?

— Ou é Santa Maria, ou nada.

— Como queira...

Joana coxeou ligeiramente até ao carro e entrou. Mário largou novamente o casaco no banco de trás e sentou-se no seu lugar.

— Ponha o cinto e veja se não estraga os bancos com essa roupa molhada.

Joana lançou-lhe um olhar de ódio, enquanto ele retomava a marcha do automóvel.

A chuva abundava por toda a parte, alagando tudo e molhando as pessoas que caminhavam pelas ruas, pelas mais variadas razões. O céu ficara ainda mais cinzento e carregado, trovejando com força.

Alfredo já nem reparava na chuva que lhe caía em cima. Trouxa às costas, caminhava pelo passeio, procurando um lugar onde se proteger e descansar até alguém o expulsar de lá. A sua pele escura não ajudava na forma como era recebido pelas pessoas, mas deixava adivinhar a sua naturalidade cabo-verdiana. Viera novo para Portugal, estudar na Universidade e doutorar-se. Porém, a vida fora-lhe traiçoeira e fizera-o ficar sem nada, da noite para o dia.

Caminhava indiferente pela Avenida da República, em direcção às paragens de autocarro, onde poderia proteger-se um pouco da chuva. Sabia que teria de suportar o olhar enojado de cá lá estivesse. Mas sempre era preferível, a ficar à chuva.

Para seu espanto, quando chegou à paragem, encontrou uma jovem adolescente caída sobre o banco a gemer de dores. Reparou no tamanho da sua barriga e constatou que estava grávida. Aproximou-se mais e perguntou:

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Posso ajudar?

A rapariga olhou para ele sem saber muito bem o que dizer. Precisava realmente de ajuda, mas ser a dele... Nos últimos minutos, ali sozinha, rezara por auxílio. As suas preces haviam sido ouvidas, mas um pouco mal interpretadas, pensou.

Por entre os gemidos de dor, disse-lhe:

— Acho que vai nascer.

Por momentos, Alfredo não soube o que fazer. Pegou na trouxa e colocou-a debaixo da cabeça da rapariga, tentando que ela ficasse menos desconfortável. Seguidamente, avançou para o alcatrão e acenou aos carros, pedindo ajuda.

— Como é que está o joelho? — perguntou Mário, após largos minutos de silêncio.

Joana olhou-o com desconfiança. Passou a mão pela saia, no local onde lhe doía, e disse:

— Está melhor.

— Ainda bem.

— Porquê? Quer deixar-me aqui? — indagou ela. — Se quiser, por mim tudo bem.

O semáforo ficou verde e ele arrancou, dizendo:

— Não me custa nada deixá-la lá.

Sempre que podia, Mário olhava-a. Achava-a teimosa e antipática. Porém, reconhecia-lhe uma invulgar beleza que não o deixava indiferente. Reparou no rosto desarranjado e no cabelo despenteado por um dia invernal. O corpo era elegante. Começou a pensar que preferia tê-la conhecido noutras circunstâncias, talvez num bar à noite, convidá-la para um copo lá em casa e...

— Que é aquilo? — perguntou Joana, apontando pela janela.

Parados no trânsito da Avenida da República, Mário reparou num mendigo que acenava desesperado no meio da faixa do BUS, desviando-se dos táxis que quase o atropelavam.

— E está ali uma mulher deitada. — informou Joana.

— Alguma drogada. — disse Mário, não dando importância ao facto.

— Parece grávida. Talvez precisem de ajuda.

Mário continuava atento ao trânsito e nem ligou às suas palavras.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Pare ali! — pediu Joana. — Vou ver o que se passa.

— Está maluca? — recusou. — Agora vou parar para ajudar um preto e uma drogada? Pode ser uma armadilha para assaltar alguém.

— Não diga disparates. — ripostou Joana. — Não vê que a rapariga está grávida? Olhe para a barriga dela!

— Eu não vou ajudar o preto...

— Você é racista! — afirmou Joana.

— Eu...

Joana já nem o deixava falar. Insistiu teimosamente com ele para que parasse. Mário acabou por aceder, só para a calar.

Aproveitando não haver carros a passar na faixa do BUS, Mário desviou para a direita e parou o Audi A3 a seguir à paragem.

Mal sentiu o carro parar, Joana saiu indiferente à chuva, correndo para a jovem.

— Que se passa? — perguntou à jovem, refugiando-se no toldo da paragem.

Alfredo apercebeu-se do carro que parara para ajudar e regressou para junto da rapariga.

— Acho que está em trabalho de parto. — respondeu Alfredo por ela.

— É melhor chamar o 112. — sugeriu Joana, retirando o telemóvel da mala.

Mário ficou a observar a cena do interior do carro. Viu Joana retirar o telemóvel da mala, marcar um número, olhar para o aparelho, abanar a cabeça e voltar a colocá-lo na mala. Seguidamente, afastou-se dos outros e regressou ao carro. Abriu a porta e pediu:

— Pode emprestar-me o seu telemóvel? O meu está sem bateria.

— Não chega chatear-me o juízo, agora quer usar o telemóvel. Sabe quanto custa...

— Vá lá, homem! — cortou Joana. — É uma emergência! E telefonar para o 112 é gratuito.

Com semblante aborrecido, Mário retirou o telemóvel de onde o tinha e entregou-o a Joana. Esta atirou a mala para o banco de



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

trás e fechou a porta, apressando-se a marcar o número e a regressar para perto da jovem.

— Como te chamas? — perguntou Joana, enquanto aguardava que a atendessem.

Por entre as dores, a rapariga balbuciou:

— Marisa!

— Olá, Marisa! — cumprimentou. — Eu chamo-me Joana. Descansa que nós vamos ajudar-te.

A chuva caía com força e o vento soprava violento, atingindo-os com a água, apesar de estarem sob o telhado da paragem. Mal surgiu uma voz do outro lado da linha, Joana forneceu todas as informações necessárias acerca da emergência e da localização. Quase não respirou com a pressa.

Alfredo mantinha-se junto à jovem, segurando-lhe a mão e usando o seu corpo para a proteger das rajadas laterais de vento inundado.

— Eles vêm a caminho! — afirmou Joana, após desligar.

Indiferente a tudo isto e entediado por estar ali à espera, Mário começou a apitar, chamando Joana. Esta, apercebendo-se dos sinais, enfrentou mais uma vez a chuva e correu até à janela do carro. Estava tão encharcada que já lhe era indiferente aquele dilúvio.

— Ainda demora? — perguntou Mário, agastado.

— Estamos à espera da ambulância. — relatou. — A miúda está grávida e prestes a dar à luz.

— Ouça! Pessoalmente, estou a borrfar-me para isso. — disse com frieza. — Tenho mais que fazer. Vem ou fica?

Joana respondeu à sua frieza, afastando-se do carro e regressando à paragem, dizendo:

— Adeus!

Mário ligou o carro, fez algumas manobras para se direccionar às faixas de rodagem e avançou, assim que outro carro lhe permitiu entrar na fila de trânsito.

### V

Não deveriam ter passado mais de quinze minutos até àquele instante, observando as escovas a debater-se com as gotas a cair no pára-brisas, quando Mário se apercebeu que o seu telemóvel ficara com Joana.

No meio das longas filas de trânsito em direcção ao Campo Pequeno, deveria estar a uns setenta ou oitenta metros dela, demasiado longe para que pudesse sair e ir pedir-lhe a devolução do objecto.

Procurando um lugar onde estacionar o carro temporariamente, Mário barafustou consigo próprio e lamentou o momento em que a conhecera. No estreito passeio entre as faixas exteriores e as interiores, perto de uma árvore, Mário encontrou um lugar onde parar o carro. Tomou as devidas precauções para mudar de faixa e subiu o passeio, deixando as rodas direitas sobre ele e as esquerdas no alcatrão.

Chovia como se o mundo fosse desaparecer sob tanta água. As valetas engoliam quantidades absurdas vindas dos caudais formados ao longo da fronteira entre o alcatrão e o passeio. Mário retirou o guarda-chuva que trazia no porta-bagagem, trancou o carro e caminhou na direcção das paragens de autocarro.

No centro de operações do INEM, o dia estava a ser complicado e atarefado como sempre. Porém, atravessava-se uma época, o Natal, em que as solicitações de auxílio aumentavam ainda mais. E como o número de operacionais havia sido reduzido, o serviço estava a um passo do caos.

Ludmila era uma mulher na casa dos trinta, fiel ao seu serviço de médica do INEM havia quase dez anos. Tinha um ar corpulento e robusto, autoritária e convicta das decisões que tinha de tomar, muitas com escassos segundos para decidir. Usava um cabelo curto, género maria-rapaz, não com o intuito de ser bonito, mas de ser funcional.

Naquele princípio de tarde, quando juntamente com a sua equipa regressou à central, já lá iam nove horas de constante resposta a pedidos de auxílio. Chegava ao edifício com o cansaço e o desejo de ser substituída e ir para casa tomar um banho e repousar.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

No momento em que retiravam o material do Golf branco, um dos coordenadores aproximou-se da equipa e chamou Ludmila.

— Preciso de si, doutora! — informou. — O seu colega teve uma urgência na Estefânia e não pode vir rendê-la. E eu tenho uma chamada urgente de socorro a uma jovem grávida...

Ludmila encolheu os ombros e acatou:

— Tudo bem. Dê-me os pormenores, nós vamos lá.

O indivíduo entregou-lhe os dados, ao mesmo tempo que o condutor do Golf ligava os “pirilampos” azuis. Ludmila entrou para o veículo e estes arrancaram em direcção ao local.

Vociferando para consigo, Mário caminhava pelo passeio, sentindo os pés chapinhar nas poças de água que se multiplicavam pelo empedrado. Chegado à paragem, encontrou a rapariga a gemer de dores com um mendigo negro a segurar-lhe a mão e com uma mulher a partilhar a sua atenção entre a jovem e o trânsito, aguardando a chegada do auxílio médico.

Quando Joana viu Mário, o seu rosto denunciou toda a estranheza que lhe ia em mente. Que faria ali aquele emproado que a atropelara?

— Voltou? — interrogou Joana com desconfiança.

Irritado por se sentir molhado com a chuva, Mário disse:

— Você ficou com o meu telemóvel.

Inconscientemente, Joana foi aproximando-se dele até ficar protegida pelo seu guarda-chuva. Colocou a mão no bolso da camisola e retirou o aparelho.

Mário viu como ela estava encharcada. E ela estava tão perto de si que conseguia sentir o perfume que dela emanava. Constatou a beleza do seu rosto, em especial do seu olhar. Estava tão junto a si que teve vontade de a abraçar... Que loucura, pensou. Conhecera-a uma hora antes, mas não conseguia deixar de sentir aquela atracção por ela.

— Não pense que lhe quis roubar o telemóvel. — esclareceu ela.

— Sei que não. — respondeu secamente, mas sentindo o fascínio da sua beleza.

— Já chamei o 112. — relatou. — Obrigado. Não preciso mais dele. — e entregou-lhe o telemóvel.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— O meu carro não está muito longe. Quer que a leve... — ofereceu ele.

Joana sorriu com simpatia à oferta, mas disse, apontando para a jovem:

— Não, obrigado. Quero certificar-me que ela fica bem. Estou a aguardar a ambulância.

Mário percebeu o jeito de despedida do seu tom. Tentando prolongar o momento, olhou-a nos olhos e perguntou:

— Podemos ver-nos novamente?

Em lugar da resposta, surgiu o ecoar das sirenes do veículo do INEM, furando pelo trânsito em direção a eles. Joana virou toda a sua atenção para eles e ignorou, sem intenção, Mário. Indiferente à chuva, correu para lá.

Segurando o guarda-chuva, impávido, Mário ficou a observar a chegada da equipa médica, chefiada por uma mulher forte de cabelo curto. O condutor imobilizara o veículo com manobras ferozes, parecendo saído de um qualquer filme *hollywoodesco* de polícias e ladrões. O carro ficara parado de qualquer maneira, em frente à paragem, enquanto eles procuravam fazer um diagnóstico fiel ao estado da jovem. Mário sabia que Joana já não lhe prestaria atenção. Talvez fosse melhor assim. Por momentos, quase deixara cair aquele seu porte altivo de quem vê todos de cima para baixo. Virou costas ao aparato da situação e encetou nova caminhada pela chuva, rumo ao seu carro, sem se despedir de ninguém. E sem que dessem pelo seu afastamento.

Ludmila pedira a Alfredo e a Joana que se afastassem. Ajoelhou-se no chão, indiferente à água que lhe molhou as calças, e rapidamente constatou que a rapariga estava em trabalho de parto.

Dois minutos depois, uma ambulância parou junto ao Golf, a qual havia sido igualmente destacada para o local, perante os factos relatados na chamada.

— É melhor levá-la para o hospital! — decidiu Ludmila, fazendo sinal aos indivíduos da ambulância para que trouxessem uma maca.

— Como é que ela está? — perguntou Alfredo.

Ludmila não conseguiu evitar a estranheza, ao ver aquele mendigo ali, junto da jovem.

— Você é...?

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Encontrei-a aqui, assim. — explicou Alfredo. — Tentei pedir ajuda...

— Eu vi-o a acenar por ajuda, aos carros. — completou Joana.

— Você é familiar? — inquiriu Ludmila a Alfredo, enquanto dois enfermeiros ajudavam Marisa a deitar-se na maca.

As pessoas que seguiam nos carros e aguardavam no pára-arranca, não desviavam o olhar ao que se estava a passar junto àquela paragem. Os autocarros tiveram de manobrar, contornando os veículos médicos, quando deixavam ali alguns passageiros. Já estes, deitavam uma olhadela ao que se passava, mas rapidamente corriam à procura de cobertura à chuva que caía impiedosa.

— Sou apenas alguém que a encontrou. — respondeu Alfredo.

— Ok. Vamos levá-la. — ordenou Ludmila à equipa.

— Posso ir com ela? — pediu Joana.

Ludmila assentiu com a cabeça. Seguidamente, reparou no ar apreensivo de Alfredo e sugeriu-lhe:

— Não quer ir também?

— Ah... Eu...

— Vá lá! — insistiu. — Entre na ambulância. Sempre se livra da chuva e eu arranjo-lhe qualquer coisa quente para comer, lá no hospital.

Alfredo sorriu-lhe em jeito de agradecimento. Sabia como eram raros os gestos de generosidade para pessoas como ele.

A chuva abrandara tão ligeiramente que quase não se notara. Mário regressava ao seu carro, visualizando a realidade à sua volta. Havia luzes de Natal por todo o lado a piscar, fosse nas lojas, em apartamentos ou escritórios. Dificilmente se esqueceria da quadra que se comemorava.

Contudo, Mário odiava o Natal e tudo o que se relacionasse com ele. Praguejando com os seus botões, Mário caminhava pela chuva, soltando maldições a todos os que gostavam daquela época.

Os seus pensamentos foram interrompidos a escassos metros do seu carro, quando observou dois indivíduos de impermeável verde à volta do veículo. Um colocava uma fita amarela a circundar o Audi A3, enquanto outro colocava um bloqueador de rodas no pneu direito da frente.

Mário acelerou a passada e acercou-se deles.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Hei? Que estão a fazer? — perguntou ele, indignado.

Os dois homens olharam para ele, mas mantiveram as suas funções.

Um deles prendeu a fita e disse-lhe:

— O senhor deixou o carro parado em local proibido.

— Foram dez minutos, nem tanto. — reclamou Mário, segurando o guarda-chuva.

— Ainda se tivesse pago o bilhete... — sugeriu o outro.

— Ah! Se pagasse, deixava de ser proibido? — interrogou, incrédulo.

— Não! — ripostou o primeiro. — Mas, talvez tivéssemos “fechado os olhos”.

Mário olhou para cima, encontrando o forro do guarda-chuva, e indignou-se com aquelas palavras. Teve vontade de lhes dizer quanto dinheiro tinha e que podia quase comprar a porcaria da empresa onde trabalhavam. Que tinha na carteira o suficiente para o ordenado de ambos... Enfim. Tudo seria infrutífero. Pensou em perguntar quanto era o valor da multa e consequente desbloqueio da roda. Porém, Mário era astuto e não conseguira chegar onde chegou na vida a libertar-se assim tão facilmente do dinheiro.

— Bolas! É Natal, por amor de Deus. — disse. — Ser multado e logo no Natal. — Os homens de verde encolheram os ombros. — Vocês não têm coração? Onde está o vosso espírito natalício. Numa época em que as pessoas devem dar, em vez de receber. — Nesta altura, os funcionários já olhavam um para o outro. — O Natal é uma quadra de amor. Ainda hoje mandei pagar um ordenado extra aos meus funcionários (para além do subsidio, claro), só para que pudessem ter um Natal mais feliz.

— O senhor devia ser nosso patrão. — disse um deles.

— Não conseguiria. — lamentou-se com um falso semblante de repudio. — Não conseguiria chefiar pessoas que vivem com tanta falta de compaixão, agarrados ao dinheiro e à procura de multa atrás de multa...

— Ó amigo! — interrompeu um deles.

— É mentira? — interrogou Mário de olhos arregalados. — Fazem outro serviço para além de bloquear rodas e passar multas? E logo no Natal...

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Um dos homens fez sinal ao outro para que retirasse o bloqueador e, olhando para Mário, disse:

— Ok. Desta vez passa.

Mário sorriu-lhes e agradeceu-lhes, enquanto eles retiravam a fita amarela do veículo. Desejou-lhes um Feliz Natal e Próspero Ano Novo, entrando seguidamente no Audi A3. Lá dentro, ligou a ignição e exclamou:

— Otários!

A alguns quarteirões dali, Jacinto deixava o pequeno restaurante, onde fora almoçar, e caminhava pela chuva. A refeição não lhe soubera a nada, pois não conseguira deixar de pensar em Sandrine e de como se estaria a sentir na esquadra.

A chuva acalmara, mas o vento soprava com mais força, quase tentando os transeuntes a largar os guarda-chuvas em vez de lutar com eles contra o vento. Jacinto avançou pelas ruas, rumo à esquadra para onde haviam levado Sandrine. Sentiu os pés húmidos com a água que vencera a cobertura dos seus sapatos.

Cerca de vinte a vinte e cinco minutos a pé e lá estava a entrar na esquadra.

No interior, tudo parecia aparentemente calmo. Dirigiu-se a um pequeno balcão semelhante a uma recepção e encontrou um polícia de meia-idade, anafado.

— Boa tarde, senhor guarda! — cumprimentou.

— Boa tarde!

— Podia informar-me se está cá detida uma jovem chamada Sandrine? — pediu Jacinto.

O polícia franziu o sobrolho e inquiriu:

— Quem deseja saber? É o advogado?

Jacinto sorriu, tentando disfarçar o nervosismo e disse:

— Não! Sou um amigo. Gostava de falar com ela, saber se está bem...

— Não são permitidas visitas. — atalhou o polícia. — Só o advogado.

— Compreendo, senhor guarda. — acatou Jacinto. — Mas, eu só queria dar-lhe uma palavrinha, saber se precisa de alguma coisa.

— Já lhe disse...

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Claro! Claro! Compreendo. Compreenderá também a minha parte, a minha preocupação...

O polícia baixou o olhar, afastou alguns papeis que tinha à sua frente e levantou-se da cadeira. Nesse instante, um outro guarda entrou no edifício.

— Hélder! — chamou o polícia anafado.

O polícia que vinha a entrar olhou para ele e aproximou-se do balcão.

— Faz-me um favor, Hélder! — pediu o primeiro. — Está detida cá na esquadra uma tal Sandrine. Este senhor veio falar com ela. Podes levá-lo lá? Sem grande alarido.

— Tudo bem. — concordou o outro.

O agente Hélder tinha um aspecto jovem, falava sempre em tom afável e conduziu com grande simpatia Jacinto até às celas da esquadra. Para espanto de Jacinto, só duas tinham “hóspedes”. Numa ficara um indivíduo mal-encarado com aspecto de marginal, deitado num banco comprido à espera que o tempo passasse. Noutra, Sandrine sentada de cabiz baixo.

— Cinco minutos! — avisou o agente Hélder.

— Obrigado.

Jacinto aproximou-se das grades e chamou Sandrine.

A jovem não escondeu a surpresa por vê-lo. Tentava manter um aspecto arranjado, mas o rosto estava esborratado pelas lágrimas que já deveria ter chorado, ali sozinha.

— Jacinto?

— Olá, Sandrine! Como estás?

Sandrine encolheu os ombros.

— Pergunta estúpida. — constatou Jacinto. — Não posso estar aqui. Ali o agente Hélder foi simpático e deu-me cinco minutos.

Sandrine aproximou-se das grades e ficou a olhá-lo.

— Que posso fazer por ti? — perguntou ele. — Tens advogado? Queres que te arranje um? Tenho um amigo...

— Não, deixa estar. — recusou ela com a voz trémula. — Não quero que te prejudiques.

— Não me prejudicas.

— Se esse filho da puta do Mário sabe...



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Não penses nisso. — cortou Jacinto. — Esse é o teu menor problema, neste momento. Ele fez queixa contra ti. Tenho tentado movê-lo, mas ele é... Tu sabes. Temos que nos preparar para o caso de isto avançar.

— “Temos”? — questionou Sandrine. — Não te envolvas neste assunto, Jacinto. Por favor!

— Achas que te deixaria sozinha numa altura destas?

O rosto de Sandrine revelava toda a estranheza que lhe ia na alma.

— Porquê essa preocupação, Jacinto? Nunca fomos muito próximos? Falávamos na empresa, mas pouco mais que isso. Não somos amigos e mal nos conhecemos. Porquê Jacinto?

— Acho uma injustiça o que o Mário te está a fazer.

— Já passei a idade de acreditar na boa vontade das pessoas, Jacinto! — contrapôs Sandrine. — Não sou parva. Tenho olhos na cara e vejo-me ao espelho. Sei o que os homens pensam e o que desejam quando olham para mim. O que é que a tua ajuda me vai custar?

— Ofendes-me, insinuando que te estou a ajudar para te levar para a cama. — avisou, desiludido. — Tens razão ao dizer que mal nos conhecemos. E por isso, perdoo-te essa grande falha de avaliação do meu carácter. No entanto, se é essa a ideia que fazes de mim, então é melhor ir-me embora.

— Não! Espera! — pediu Sandrine, segurando-lhe o braço através das grades. — Desculpa!

A porta do corredor das celas abriu-se e, por ela, apareceu o agente Hélder.

— Cinco minutos! — lembrou.

Jacinto assentiu com a cabeça. Olhou para Sandrine e disse:

— Tenho de ir. Vou tentar falar novamente com o Mário. Não tenho grandes esperanças, mas vou tentar. Assim que puder, voltarei ou darei notícias.

Sandrine agradeceu-lhe sorrindo-lhe e apertando-lhe o braço.

Jacinto afastou-se na direcção do agente. Acenou-lhe por duas vezes e não sentia a mínima vontade de sair dali. Só o fechar da porta dos calabouços da esquadra puseram fim ao seu constante olhar para trás.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— O agente Hélder foi muito gentil. — tornou a agradecer Jacinto.

— Deixe lá.

Jacinto parou a caminhada até à saída e, olhando para o agente, pediu:

— Desculpe, senhor guarda! Não quero que ache abusador, mas... Seria possível voltar, outra vez, hoje? Passar a Consoada com ela.

— Isto é uma esquadra, senhor! — lembrou o policia. — Não é um restaurante ou um hotel.

— Eu sei. — concordou Jacinto. — Mas, compreenda! Ela não fez mal a ninguém. A queixa é uma tolice do meu colega Mário...

— O juiz o decidirá!

— Exactamente. Porém, só na próxima Segunda-Feira. — constatou Jacinto. — Não será demasiado cruel sujeitá-la a passar a Consoada sozinha numa cela fria? Não lhe peço que a solte, obviamente. Só que me deixe ficar ali com ela.

O polícia aproximou-se dele e murmurou-lhe:

— Passe por cá, mais ao fim da tarde! Não lhe prometo nada, mas verei o que posso fazer.

Jacinto agradeceu-lhe e abandonou o edifício, atirando-se ao temporal exterior.

Enquanto caminhava pela chuva, agarrando vigorosamente o guarda-chuva, Jacinto pegou no seu telemóvel e fez uma chamada.

A chuva parecia ter como missão só parar quando tudo estivesse inundado.

Mário aguardava pacientemente no trânsito, ora acelerando para andar mais dois metros, ora parando e aguardando novo avanço do carro da frente. Entediado, lembrou-se do seu computador portátil que ficara no banco de trás. Sugeriu a si mesmo esticar o braço para trás e puxá-lo para o banco da frente, de forma a ligá-lo e poder acompanhar as cotações da Bolsa de Nova Iorque, enquanto ali estava.

O carro da frente avançou. E Mário copiou o seu movimento e distância.

Novamente parado, Mário esticou o braço e procurou o objecto. Não o conseguiu localizar. Fez um esforço para olhar para

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

lá e encontrou-o mesmo atrás de si. Contudo, os seus olhos nem queriam acreditar no que viam, pois no canto oposto ficara a mala de Joana.

Mário deu um berro solitário. Teve vontade de abrir o vidro e atirar aquela porcaria pela janela. Entre o pensamento e a concretização, o soar estridente do seu telemóvel.

— TOU! — atendeu berrante.

— Porra! — retribuiu Jacinto. — Rica maneira de atender um telefone.

— Desculpa lá, Jacinto! Mas, desde que saí do escritório que... Bom, não interessa.

— Mário!

— Olha, ainda bem que telefonaste. — disse Mário, olhando novamente para a mala. — Estou com um dilema.

— Diz lá. — acatou Jacinto, percebendo que o outro nem ligara ao que dissera.

Segurando o telemóvel, Mário avançou mais um pouco com o automóvel.

— Dei boleia a uma gaja. E ela esqueceu-se da merda da mala no carro. — relatou Mário. — Estava a pensar em deitar isto pela janela fora.

— Tu a dares boleia? — interrogou Jacinto.

— Foi porque eu... Não interessa. — interrompeu-se Mário. — Vou deitar isto fora!

— Não faças isso. A rapariga pode ter os documentos aí. Fazem-lhe falta, certamente.

— E que queres que faça? Não lhe devem fazer muita falta, se se esqueceu deles.

Jacinto suspirou do outro lado da linha e disse:

— Faz o que quiseres. Estou a dar-te a minha opinião.

— Ok, desculpa. — pediu Mário. — E se a levar à polícia?

— Podem pensar que a roubaste. — alertou Jacinto.

— Porra! Porra! Maldita hora...

— Mário! Eu telefonei-te por causa da Sandrine.

Mário deu um soco no volante e barafustou:

— Outra vez? Não me vais pedir que desista da queixa, quando essa cabra me tentou matar?!

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Mas, Mário...

— Nem mas, nem meio-mas! Não o faço! Adeus!

E atirou com o telefone para o banco de trás, irritado por ter ali a mala de Joana e não saber o que fazer com ela. Mais uns metros com o carro. Pensou em abrir a carteira e procurar uma morada. No entanto, antes de o fazer, lembrou-se que Joana ia para o Hospital de Santa Maria e decidiu que, assim que se visse livre do trânsito, seguiria para lá. Não sabia bem como, mas haveria de a encontrar, entregar-lhe a mala em mão e possivelmente fazer-lhe ver o transtorno que lhe causara com o seu esquecimento.

VI

Nem a chuva a cair abafou a sirene da ambulância do INEM que passava os portões do Hospital de Santa Maria. Para as pessoas que por ali andavam e trabalhavam, o som era tão habitual que já nem reparavam.

Os seguranças, na entrada, mandaram afastar os veículos que ali aguardavam autorização para entrar. Ninguém solicitaria a sua paragem na entrada, pois eram mais que conhecidas as razões que levavam a ambulância para o seu destino. E esta avançou na direcção do edifício da maternidade. Virando ligeiramente à direita, subiu a estrada inclinada para no cimo tornar a descer alguns metros. Curvou à esquerda e voltou a subir até chegar ao largo frontal ao edifício da maternidade. Este era apenas um dos muitos edifícios do complexo hospitalar.

Ludmila acompanhou os colegas da Emergência Médica que conduziam a maca para o interior. Ainda se pensou em arranjar protecção para que a chuva não atingisse Marisa, mas temiam todo o tempo perdido, o que obrigou a que a levassem o mais rapidamente possível.

Joana e Alfredo viram a rapariga grávida desaparecer para lá das portas com acesso reservado. Pensaram segui-la, mas Ludmila travou-os.

— Vão ter que aguardar aqui! — disse ela, apontando-lhes a sala de espera. — Eu vou lá cima e já vos dou noticias.

Joana afastou-se um pouco, rumo à sala. Contudo, Alfredo ficou a olhar para as portas por onde Ludmila regressara. Vendo-o ali especado, debaixo dos olhares de suspeição de algumas pessoas, Joana aproximou-se dele e disse:

— Venha! Não vale de nada ficar aí.

— Estou preocupado...

— Eu também. — atalhou ela. — Não se preocupe, eles cuidam dela. Venha para aqui.

Alfredo lá acedeu a seguir Joana até uma das cadeiras da sala.

A sala de espera da maternidade estava cheia, repleta de gente à espera de notícias, gente com os filhos para consultas nas urgências da pediatria e gente que não se sabia muito bem o que

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

faziam ali. Junto à entrada, perto da recepção, pessoas barafustavam com as demoras e insurgiam-se pela falta de auxílio aos filhos. Em grande parte, algumas daquelas crianças nem precisavam de estar ali. Porém, o português é o típico indivíduo que corre para as urgências por qualquer coisinha.

A equipa do hospital que tomou Marisa a seu cargo conduziu-a para o piso dos partos, estacionando-a numa das camas de uma das poucas salas de dilatação. Ouviam-se gemidos e gritos de dor, pouco favoráveis a quem procurava relaxar e encontrar o melhor caminho para se debater com as suas próprias dores.

Ludmila inteirou-se do seu estado e falou com os colegas do hospital que lhe fizeram um relatório rápido da sua situação.

— Ela está bem! — afirmou Ludmila a Joana e Alfredo, quando os reencontrou na sala de espera. — Está num quarto a fazer dilatação. Os meus colegas dizem que ainda deve demorar um pouco. Parecia que o parto estaria mais breve do que está.

— Agora que ela está em boas mãos, vou à minha vida. — informou Joana. — Obrigado por tudo.

— Ora essa. — contrapôs Ludmila. — Vocês é que foram a sua verdadeira ajuda.

Joana despediu-se de ambos e seguiu para a ala de pediatria, onde fazia o seu voluntariado, junto das crianças ali internadas.

— Como é que se chama? — perguntou Ludmila ao mendigo.

— Alfredo!

— Venha daí, Alfredo. — convidou. — Vamos arranjar-lhe algo quente para beber e comer.

Ludmila levou-o até à cantina do hospital e comprou-lhe umas sandes e leite quente. Ofereceu-lhe mais, mas ele não quis. Viu-se obrigada a deixá-lo, quando lhe surgiu nova emergência para acorrer.

Mário barafustava sozinho, dentro do carro, amaldiçoando aquela famigerada véspera de Natal que só lhe trouxera problemas. Enfrentava a chuva abundante e um trânsito terrível, só para devolver a porcaria da mala a Joana. Maldita hora em que ela se atravessara no seu caminho, repetia a si mesmo.

Só muito perto da Av. Prof. Egas Moniz é que Mário se viu livre do trânsito, farto de quase uma hora em pára-arranca.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Conduziu acelerado pela avenida frontal ao Hospital de Santa Maria e virou para a entrada, atravessando-se em frente a um carro que quase o abalroou. O outro atirou-lhe uma buzina forte, mas Mário ignorou-o.

Os seguranças fizeram sinal para que parasse, apesar da pouca vontade de deixarem a protecção do toldo da pequena guarita para o interpelarem. Mário abriu a janela e logo sentiu o vento forte e a água da chuva.

— Procuo a maternidade! — gritou para o individuo.

Com o forte temporal e o ruído da chuva embrulhado com o vento, o outro não percebeu muito mais para além de “maternidade”. Por isso, vendo-o tão apressado e ansioso, tomou-o por um futuro pai e mandou-o seguir, apontando-lhe a mesma estrada que a ambulância fizera.

Pisando forte no acelerador, Mário avançou estrada acima. Não havia um único lugar para estacionar, por isso parou no largo. Nesse instante, constatou que não sabia por onde havia de começar a procurar Joana. O edifício da maternidade era tão grande... Decidiu-se a pegar na mala dela e começar a vasculhar por alguma pista, quando...

— TOU!!!! — berrou irritadíssimo, ao atender o telemóvel que lhe interrompera os intentos. — Sorry, Mr. Grant! I'll expect another person.

A chamada era de um americano, cliente de Mário, o qual o procurava para algumas indicações bolsistas. Segurando o pequeno aparelho junto ao ouvido, Mário atirou a mala para o banco de trás e concentrou a sua atenção no computador. A conversa entre ambos prolongou-se por um bom bocado, tendo Mário de suportar as indecisões, as muitas perguntas, as mesmas perguntas... até o homem optar por não arriscar o capital e esperar pela passagem do Natal.

— Mas que merda! — vociferou ele, após desligar. — Será que as pessoas não sabem fazer nada sem pensar no Natal? Palhaço!

O homem que tomava conta da porta da maternidade fez sinal a Mário, acenando que ele não podia estar ali.

— Vai falando... — disse ele, ignorando-o.

Contudo, atrás deste surgiu o polícia de plantão no local.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Ok. Ganhaste! — exclamou Mário. — Não estou para ter problemas com a polícia.

Para sua sorte, saiu um carro do estacionamento. Mário arrancou com o Audi A3 e enfiou-o no espaço vago.

Na pediatria, Joana e mais algumas voluntárias organizavam o jantar de Natal. Nada se poderia comparar ao conforto da casa e da família, mas elas esforçavam-se por fazer com que as crianças passassem um Natal minimamente feliz. Para essa noite, reservaram um pequeno salão para o encher de enfeites de Natal. Não era muito grande, mas era suficiente para os internados. Tinham tudo planeado e haviam conseguido uma pequena colecta para comprar presentes para as crianças. Também estariam presentes alguns pais. Porém, Joana sabia que algumas crianças não teriam lá ninguém de família e sabia como era importante não as largar e fazê-las sentirem-se queridas.

A sala já tinha um aspecto bastante natalício, repleta de bolas coloridas, luzes a acender e a apagar, desenhos de Natal e uma grande árvore enfeitada num dos cantos. As voluntárias ocupavam-se a arquitectar a posição das mesas, de forma a fazer uma enorme mesa onde todos se sentariam. Algumas das crianças, aquelas que não estavam tão doentes, queriam ajudar. E as voluntárias davam-lhes tarefas simples para elas se sentirem úteis.

As voluntárias eram na sua maioria jovens. Havia-as desde os dezasseis, dezassete anos até aos vinte e muitos, exceptuando três que tinham trinta e oito, quarenta e três e sessenta e um respectivamente. Davam-se todas maravilhosamente bem, extremamente organizadas e eficientes, apesar de não serem chefiadas por ninguém.

Enquanto trabalhavam afincadamente, ouviam o ruído tenebroso da água a embater violentamente nos vidros.

Sozinho e algo perdido, Alfredo retornou ao local onde vira Marisa pela última vez. Sempre debaixo de olhares inquisidores, caminhou pelo percurso inverso que fizera com Ludmila. Alfredo já nem ligava aos olhares, habituado que estava a ser sempre visto como algo a manter bem longe, sendo sempre temido como se fosse um ladrão ou um vírus com pernas.



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Chegado à recepção, Alfredo parou junto do balcão à entrada, olhando para o homem do outro lado.

— O senhor, desculpe... — chamou.

O outro olhou para ele surpreso, franzindo o rosto e não gostando do que via.

— Gostava de saber se uma rapariga que...

— Vai-te embora! — exclamou o outro, desinteressado no que ele pretendia. — Vai-te embora, mendigo! Isto é um hospital, não é a Santa Casa da Misericórdia.

— Mas, eu sou quero saber...

— Tu não queres nada! Põe-te a andar, antes que chame a policia. — ordenou com ameaça, elevando o tom de voz para que o policia, ali perto, ouvisse.

As pessoas olhavam para a cena e comentavam, sentindo-se desconfortáveis com a presença do mendigo ali.

— Peço-lhe! — insistiu Alfredo. — Só quero saber como está uma rapariga chamada Marisa. Ela entrou...

— Ei! Tu aí! — ouviu-se a voz do policia chamar.

O indivíduo antipático da recepção fizera sinal ao guarda. Não se pode dizer que ele angariasse muita simpatia daquelas pessoas, pois tratava com arrogância todas as que o interpelavam. No entanto, naquele instante, todas se congratularam com a sua atitude para com o mendigo.

Alfredo olhou para trás e viu o policia dirigir-se-lhe. Este caminhou até ele com um semblante agressivo e ordenou:

— Sai daqui! Vai-te embora, antes que arranjes problemas.

— Mas...

— Cala-te, pá! Aqui não há nada para roubares. Queres que te mande para a prisão? Vá! Cava daqui para fora.

Perante tanta hostilidade, Alfredo viu-se obrigado a sair do edifício, enfrentando o temporal que se sentia na rua. Não sabia muito bem o que fazer, mas de uma coisa não abdicava, tinha de saber notícias da rapariga. Por isso, manteve-se perto da entrada, à chuva, aguardando uma oportunidade para saber algo. Desejava reencontrar Joana ou Ludmila, mas não sabia onde estava a primeira, nem para onde fora a segunda.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Qualquer pessoa diria que era uma loucura, conduzir àquela velocidade pelas ruas de Lisboa, debaixo de um temporal tão grande como aquele. Porém, era a vida dos socorristas do INEM, onde um segundo pode significar a diferença entre a vida e a morte.

Ludmila e a sua equipa foram chamadas a prestar auxílio a uma idosa que se queixava com falta de ar, em sua casa. Fora uma vizinha que a encontrara e que os chamara.

Quando encontraram a morada comunicada, pararam junto a um prédio muito velho da zona antiga da cidade. Ludmila e os seus assistentes saíram do carro e entraram no prédio, sendo recebidos pela vizinha.

— Onde é? — perguntou apressada Ludmila.

A vizinha, também não muito nova, mostrou-se muito antipática e conduziu-os vagarosamente pelas escadas, mais enfadada com o incómodo da situação que preocupada com o estado de saúde da outra senhora.

Ludmila encontrou uma senhora de oitenta anos, magrinha, vestida de negro e com o cabelo branco todo despenteado. Estava sentada na cama e com as mãos no peito.

— De que se queixa, minha senhora? — perguntou Ludmila com calma, sentando-se a seu lado e abrindo a mala com os socorros.

— Sinto falta de ar. — disse a senhora com uma voz fraca e ofegante.

— Tenha calma! — aconselhou Ludmila. — Nós estamos aqui para cuidar de si. Como se chama?

— Maria da Glória. — informou a senhora.

— D. Maria da Glória! Vou examiná-la. Respire fundo!

Ludmila pegou no estetoscópio e encostou-o ao peito da idosa.

— Inspire! Expire! — repetia a médica, mudando a posição do aparelho.

Após analisar a sua respiração, Ludmila constatou que a senhora não tinha nada.

— D. Maria da Glória! A senhora está a respirar bem. — disse Ludmila. — Que se passa consigo? Porque diz que não consegue respirar?

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— A velha está é maluca! — exclamou a vizinha. — Apareceu-me à porta e pedir ajuda. Interrompe-me a conversa com as minhas amigas. É doida.

— Minha senhora! — chamou a médica. — Obrigado pelo seu auxílio.

A senhora não percebeu que Ludmila a mandara embora e continuou:

— Não foi nada demais, mas a velha só pode ser doida.

— Muito obrigado. — acentuou Ludmila. — Não precisamos de mais nada. Pode voltar para casa.

A outra franziu o rosto e argumentou:

— Não me parece que seja sensato deixá-la aqui sozinha convosco.

— Minha senhora! — O tom de Ludmila tornou-se mais impaciente. — Somos médicos, não somos assaltantes. Viemos para ajudar a senhora, não foi para lhe fazer mal. A senhora já revelou o seu incómodo, por isso, regresse a sua casa. Nós fechamos a porta, quando sairmos.

Um dos assistentes de Ludmila conduziu a senhora à porta e fechou-lha na cara.

— Diga-me, D. Maria da Glória! A senhora está bem?

— Não sei bem. Talvez fosse melhor levarem-me para o hospital. — sugeriu.

A larga experiência de Ludmila fazia-a compreender perfeitamente o que se passava com a senhora idosa. Estava perante mais um caso de solidão.

— A senhora não está doente, D. Maria da Glória! Não há necessidade de a levar para o hospital.

A idosa não se conteve e começou a chorar.

— Por favor! Eu sinto-me tão sozinha! — balbuciou.

— Tenha calma. — aconselhou Ludmila. — Conte-me o que se passou.

Perante um mar de lágrimas, as quais eram limpas com um pequeno lençinho amarrotado que a senhora de oitenta anos guardava num bolso do casaco, ela contou à médica que o seu marido falecera, meses antes, deixando-a sozinha naquela casa.

— E não tem filhos, D. Maria da Glória?

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Ela encolheu os ombros como se não interessasse, pois eles não queriam saber dela para nada.

Ludmila não conseguiu ficar indiferente ao pranto da senhora. Apertou-lhe o ombro para a reconfortar e disse:

— Tenha calma. Não podemos levá-la para o hospital. Mas, prometo-lhe que assim que puder, volto cá para ver como a senhora está.

Mário já estava tão farto da chuva, quanto daquele dia e do significado dele. Abriu a porta do carro e abriu o guarda-chuva, não evitando o embate de algumas gotas que lhe molharam os sapatos e as calças. Não parava de resmungar para consigo, ainda para mais, depois de ver as horas e como a hora de almoço ficara para trás.

Perto da porta, reparou num mendigo à chuva. Também já andavam a pedir esmolas às portas das maternidades, pensou. Tentou desviar-se para que este não o interpelasse com o pedido de “moedinhas”. Não que lhe custasse correr com ele, mas estava com demasiada pressa para perder tempo com isso. No entanto, reparou que o mendigo não lhe era estranho, recordando-se que era ele que estava com a rapariga drogada que Joana auxiliara.

Mário era um homem preconceituoso. De nada valia ter visto que a rapariga estava grávida. Para ele, era mais uma drogada caída num banco de uma paragem de autocarro.

— Ó preto! — chamou com superioridade, como se ainda vivêssemos na época da escravatura. — Sim, preto. Estou a falar contigo.

Alfredo olhou para ele, cansado da forma arrogante como as pessoas o tratavam. Que queria aquele ricaço empertigado? Não tinha paciência para aturar gente assim. Só queria que o deixassem estar descansado, a aguardar notícias de Marisa. Já chegava o incómodo da chuva que o encharcava até aos ossos.

— Não te lembras de mim, preto? — perguntou Mário.

— Não, branco! — respondeu Alfredo com sarcasmo. — Vocês são todos iguais.

— Que gracinha. — ripostou Mário com sorriso amarelo. — Temos aqui o novo macaco Adriano.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Olhe, ó branco! — irritou-se Alfredo. — Eu não o ofendi, por isso, exijo respeito.

— Ó rapaz, quando pessoas como tu tiverem direito a alguma coisa, é sinal que o mundo vai muito mal. — redarguiu Mário.

— Você devia ter mais atenção às suas acções! — alertou Alfredo. Seguidamente, apontou para o céu. — Ele, lá em cima, não dorme.

— Eu tenho atenção às acções, preto! — disse com um sorriso irónico. — Estou sempre com um olho nas cotações da bolsa.

— Vá gozando...

— Olha, preto! — continuou Mário. — Viste aquela senhora que ajudou a drogada?

— Pode parar de me chamar preto?

— Porquê? — questionou Mário. — Não és preto?

— Mas tenho nome. — retorquiu. — Chamo-me Alfredo.

— Ok, preto Alfredo. Sabes dela?

— Quem?

Mário soprou para o ar, olhando para o interior do guarda-chuva, impaciente.

— Porra, pá! Serás estúpido? A senhora que saiu do carro para ajudar a gaja na paragem de autocarro.

Com calma, Alfredo disse:

— Está à espera que o ajude, a falar dessa forma?

— Estou, preto... Alfredo. — O semblante de Mário alterou-se como se tivesse constatado algo. — Já sei. Queres dinheiro, não é?

Alfredo abanou a cabeça negativamente.

— Deve estar a confundir-me com algum branco.

— Só se for um branco sujo. — contrapôs Mário com uma gargalhada.

— Você não tem maneiras, nem respeito.

— Mas tenho dinheiro. — argumentou Mário. — E se tu tens maneiras e respeito, preto Alfredo, só te servem para estares aí à chuva. Enquanto eu tenho dinheiro para estar onde quiser com o que quiser. — Adoptou uma postura mais ríspida. — Então? Sabes ou não sabes onde ela está?

— Ouvi qualquer coisa sobre a pediatria.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Agastado por demorar tanto tempo pela informação, Mário levou a mão ao bolso e retirou uma moeda.

— Tanto tempo para uma coisa tão simples. — concluiu Mário.  
— Toma lá dez cêntimos, preto Alfredo. Compra um amendoim! É isso que vocês comem não é?

E entrou pela porta da maternidade, não dando tempo de resposta ao outro.

A moeda caiu ao chão e Alfredo pontapeou-a para longe, dizendo para si:

— Antes morrer de fome que aceitar dinheiro de um animal destes.

Caminhando com um ar altivo, Mário entrou na maternidade e caminhou até à recepção. O rececionista, vendo a pose de Mário e enquadrando-o naquele lote de pessoas que devem ser bajuladas, abriu o seu maior sorriso e perguntou:

— Em que posso ajudá-lo?

— Procuo uma rapariga chamada Joana! Penso que trabalha na pediatria. — disse Mário.

— Joana quê? — inquiriu o homem.

— Sei lá. — respondeu Mário enfadado. — Têm cá muitas?

— Algumas...

— Onde é a pediatria? — inquiriu Mário.

— É lá em cima, mas não posso deixá-lo entrar. — comunicou o homem.

Antes que Mário desabasse toda a sua irritação sobre o homem, uma enfermeira interferiu no assunto e dirigiu-se a Mário:

— Está à procura da Joana, a moça que faz voluntariado na pediatria?

— Penso que sim. Não faço a mínima ideia do que ela faz ou deixa de fazer.

A enfermeira fez-lhe uma descrição dela, a qual coincidia com a que Mário conhecia de Joana.

— Exactamente. — confirmou Mário.

A enfermeira bastante simpática, ofereceu-se para o acompanhar até ao local onde Joana estava. Entraram as portas, a seguir à sala de espera, e seguiram para o elevador.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— A Joana é voluntária, aqui na pediatria. — relatou a senhora sem que Mário se mostrasse interessado em saber. — Trabalha com as crianças que aqui estão internadas. É uma moça muita bondosa. Parece-me que estuda medicina...

— É muito longe? — interrompeu Mário. — Estou cheio de pressa e ainda não almocei.

Ao saírem do elevador, uma outra enfermeira chamou a primeira e comunicou-lhe da necessidade de esta se dirigir ao piso inferior para uma tarefa urgente. Mantendo a simpatia, a senhora apontou o corredor a Mário e disse-lhe:

— Siga por aqui! Lá ao fundo é a pediatria. Assim que chegar, deve ver logo a Joana.

Mário nem perdeu tempo a agradecer e caminhou apressadamente pelo corredor. Continuava a resmungar, entre dentes, amaldiçoando aquele dia e recriminando-se pela sua má-sorte. Ele era um homem prático com a máxima que tempo é dinheiro. Aquele principio de tarde só lhe estava a render aborrecimentos e tempo perdido. Olhou para o relógio e constatou que já poderia ter almoçado. Mário vangloriava-se da sua capacidade de estar sempre pronto para qualquer eventualidade e sempre com resposta para tudo. Contudo, estava longe de imaginar como aquele dia influenciaria o resto da sua vida.

Ao fundo do corredor existia uma porta larga, metade madeira, metade vidro. Aproximando-se, ouviu o aumentar do barulho que as crianças faziam a brincar. Indignou-se mais, pois não suportava crianças aos berros. Chegado ao vidro da porta, espreitou e viu Joana ajoelhada no chão, rodeada por várias crianças. Algumas tinham marcas visíveis das razões do seu internamento, enquanto outras não revelavam doenças aparentes. Infelizmente, por vezes, essas eram as mais doentes.

Por mais que tentasse, não conseguiu explicar para si o que lhe acontecera, ao ver aquela cena. Algo despertou nele, enternecido com o carinho que Joana devotava às crianças. Ficou a olhá-la sem reagir, capaz de ficar ali uma eternidade, caso ela não tivesse olhado para ele, apercebendo-se da sua presença.

O rosto de Joana revelava todo o espanto pela presença de Mário ali. Levantou-se do chão, pediu a uma colega que tomasse conta das crianças e caminhou até ele.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Que faz aqui? — foi a pergunta que lhe fez, mal abriu a porta e o olhou nos olhos.

Mário abriu a sua mala e retirou a de Joana.

— Esqueceu-se disto no meu carro.

Joana nem se apercebera da sua falta. Contudo, antes de lhe pegar, ouviu-se uma voz chamar:

— Joana!

A proveniência da voz vinha de outra sala, uma colega que a chamava com alguma urgência.

— Peço desculpa! — disse Joana. — Espere um pouco, eu não demoro.

Subitamente, Mário pareceu já não estar tão impaciente e dispôs-se a aguardar o tempo que fosse necessário. Viu Joana dar uma pequena corrida até ao local e desaparecer para lá da porta. Não sabia muito bem o que fazer durante a espera, optando por se encostar à parede.

— Olá! — ouviu uma voz fininha dizer.

Mário olhou para o lado, junto à porta, e viu uma menina pequenina de cabelos claros a olhar para ele com um sorriso angelical. Não deveria ter mais de cinco anos. Reparou que um dos seus bracinhos estava engessado e ao peito, sustentado por uma tira de pano.

— És o namorado da Joana? — perguntou-lhe a menina.

Mário dispensava bem aquela presença ali perto de si. Ou, pelo menos, o Mário habitual dispensaria. Em vez disso, sem saber muito bem porquê, Mário ajoelhou-se no chão, para ficar à altura da menina, e respondeu:

— Não.

— Quem és, então? — indagou ela com o seu rostinho ingénuo franzido.

— Sou um conhecido.

— O que é um conhecido?

Mário nem se reconheceria, se se pudesse olhar de longe e assistir àquela cena. Com toda a paciência, explicou:

— É alguém que se conhece, mas não o suficiente para se dizer que é amigo.



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Não és amigo dela? — interrogou-se a menina. — Então não gostas dela. Porque estás aqui, se não gostas dela?

— Não disse que não gostava.

A menina olhava-o com um olhar arregalado, curiosa e estranha.

— Estou a ficar confusa. — disse ela.

Nesse instante, apareceu um rapazinho de doze ou treze anos, deslocando-se com a ajuda de uma cadeira-de-rodas.

— Pára de incomodar o senhor, Jessica! — ordenou-lhe com um tom de irmão mais velho, apesar de não o ser. — Que mania que tu tens de chatear os adultos com as tuas perguntas.

— Não tem importância. — apaziguou Mário.

Joana regressou do interior da sala e dirigiu-se a Mário, olhando para as crianças e dizendo:

— Vão lá para dentro, meninos! Já vos disse para não virem para o corredor por causa da corrente de ar.

De facto, notava-se ali um ventinho incómodo, quase imperceptível, mas que não fazia bem nenhum. E para as crianças, entretidas a brincar naquela sala aquecida, o efeito poderia ser pior.

— Desculpe fazê-lo esperar! — pediu Joana a Mário, logo que fechou a porta, após a passagem das crianças. — Lamento que as crianças...

— Não lamente! — exclamou ele. — Foi uma conversa agradável. Estão cá internados?

— Infelizmente, como todos eles. — Joana lançou um olhar para o conjunto de crianças, sentindo um aperto no coração. — O rapaz foi vítima de um acidente de automóvel. Os pais ainda cá estão internados. A menina partiu um braço ao cair de bicicleta... É melhor parar, antes que lhe faça um relatório clínico de todos eles.

— Não faz mal. — contrapôs Mário. — Tenho muito gosto em ouvi-la.

— Não foi certamente para isso que cá veio, pois não?

Mário voltou a retirar a mala de Joana da sua mala de homem de negócios e entregou-lha, respondendo:

— Vim trazer-lhe isto que esqueceu no meu carro.

— Obrigado! — agradeceu Joana. — Está entregue.

Uma colega de Joana passou por ela e lembrou:

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Vai almoçar, Joana. Aproveita que isto está mais calmo.

— Ainda não almoçou? — indagou ele. — Eu também não almocei, com esta história toda.

— Lamento ter-lhe causado esse transtorno.

— Não foi transtorno nenhum. Mas, se quiser, pode recompensar-me com a sua companhia para almoçar.

— Não me parece. — recusou Joana.

— Eu insisto. Acho que se ninguém a levar a comer qualquer coisa, não se lembrará de o fazer. — Olhou em volta como se procurasse alguém. — Como não vejo aqui ninguém para o fazer, tomo essa responsabilidade a meu cargo.

— Não percebo onde quer chegar, senhor...

— ...doutor Mário Ferreira!

— “Doutor” Mário Ferreira! — repetiu ela. — Se é por se sentir responsável pelo acidente...

— Não, não. — negou Mário prontamente. — Esqueça isso.

Aquela postura não coincidia com a do homem que conhecera cerca de duas horas antes. Pelo menos, mudara para melhor. No entanto, aos olhos de Joana, aquilo não passava de uma encenação para algum fim. Contudo, não acreditava que ele lhe fosse fazer algum mal. E se a queria levar a almoçar... Tudo bem, já sentia o estômago a apertar e saberia bem comer uma boa refeição sem ter que a pagar.

— Vamos lá então. — acabou por dizer Joana.

Os dois desceram pelo elevador, rumo ao piso térreo para abandonarem o edifício. Antes de sair, Joana parou na recepção e pediu ao homem que ali estava, informações sobre Marisa. Este não lhe soube dizer nada, nem conseguiu contactar o piso onde se efectuavam os partos.

— Vou lá acima. — decidiu Joana. Seguidamente, olhou para Mário. — Se não se importar, aguarde aqui. Vou ver como está a rapariga.

Mário assentiu com a cabeça.

Porém, antes que fizesse qualquer movimento para ir para lá, reparou em Alfredo na rua, debaixo do temporal. Indiferente ao clima, Joana caminhou para a porta e chamou o mendigo.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Que faz aí fora? — perguntou-lhe em voz bem alta para que fosse audível, por entre a chuva.

Alfredo aproximou-se da porta e respondeu:

— Não me deixam estar lá dentro.

— O quê? — indignou-se Joana. Quem é que o mandou para aqui?

Ele apontou para o homem da recepção e para o polícia.

Joana mandou-o entrar novamente no edifício e disse-lhe para ir sentar-se na sala de espera.

— Minha senhora! — chamou o recepcionista. — Esse tipo...

— Você cale-se! — ripostou Joana. — Onde já se viu expulsar um homem para aquela chuva? Você não tem coração!

— Foi uma medida de segurança. — justificou o polícia.

Mário e Alfredo olhavam para a discussão, sem dizer nada.

— Medida de segurança? — questionou Joana. — Tinham medo de quê?

— Ele poderia tentar roubar alguma coisa. — argumentou o polícia.

— Temos de zelar pelo bem estar das pessoas. — adicionou o recepcionista.

Fulminando-os com o olhar, Joana avisou:

— Se não o deixam ficar cá dentro, vou levá-lo às televisões e contar o que vocês fizeram. E testemunhas não faltam. — Apontou para a sala de espera. — Da forma como hoje em dia, todos gostam de aparecer na televisão, tenho a certeza que estavam lá todos caidinhos a contar esta afronta.

— Mas...

— Seria ótimo para vocês, perante os vossos superiores, quando estes tivessem que vir justificar a vossa atitude.

Não desejando ver-se envolvidos em tamanhos problemas, tanto o recepcionista como o polícia aceitaram a presença de Alfredo ali. Este ficara muito agradecido, enquanto Mário se fascinava com a personalidade de Joana. E ela... deixou-os todos para trás e subiu pelo elevador, em busca de novidades sobre Marisa.

Mário caminhou até à sala de espera e sentou-se numa das poucas cadeiras vagas. Não conseguia deixar de pensar em todas

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

aquelas crianças, ali, longe da família. Ao longo da descida, Joana contara-lhe mais alguns casos, crianças maltratadas e abandonadas nas urgências de pediatria, crianças com alta que não tinham ninguém para tomar conta delas, crianças com doenças graves, crianças com pouca esperança... E todas elas sorriam, quando Mário as viu naquela sala, com a presença de Joana e das outras voluntárias que coloriam aqueles momentos com ternura e carinho.

— Desculpe, não tem um cigarro? — pediu Alfredo a Mário, arriscando-se a que o outro o corresse a pontapé.

— Não. — respondeu Mário num tom calmo. — Além disso, é proibido fumar aqui dentro.

— Ah... Não tinha reparado. — constatou Alfredo, espantado com a postura sóbria de Mário. — Que se passa consigo, branco? — interrogou o mendigo. — Disse duas frases sem me chamar “preto”.

Mário não sabia muito bem o que dizer, um tanto ao quanto alucinado com tudo o que se passava à sua volta. Mesmo antes que encontrasse alguma palavra, o seu telemóvel tocou. Ele atendeu e nem reparou que Alfredo se sentara na cadeira vaga, a seu lado. Assim que desligou, ouviu o outro dizer:

— Você é corrector da Bolsa?

A chamada fora de mais um cliente de Mário. E pela indicações que dera ao individuo, Alfredo percebera a sua profissão. Sem grande paciência para conversar, Mário confirmou:

— Sou.

— Boa profissão, quando se tem sorte.

— Que quer dizer com isso? — interrogou Mário.

Alfredo soltou um sorriso lacónico e respondeu:

— Considere-me um exemplo de quando não se tem sorte.

— Se você trabalhasse como as pessoas normais?!

Alfredo abanou a cabeça, olhando para o tecto e fazendo um rosto de quem considerava o outro um ignorante.

— O que eu quero dizer é que também já fui corrector! — afirmou.

— Você? — questionou Mário, incrédulo com desdém. — Você nem deve saber ler.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Já sei. — atalhou Alfredo. — Os macacos não sabem ler. Ou os pretos só comem amendoins e saltam nas árvores...

— Não é nada disso. — retorquiu Mário. — Tem que concordar que, olhando para si, é um pouco difícil de acreditar.

— Tal como é difícil que eu acredite que você, depois do que me disse lá fora, não ache de facto isso.

— Como queira...

Por alguns segundos, Alfredo manteve-se em silêncio, olhando para o vazio até começar a contar:

— Os meus pais eram cabo-verdianos! Emigraram para a África do Sul, durante a guerra do Ultramar. Procuraram melhores condições de vida e conseguiram que eu fosse estudar para Inglaterra. Foi lá que me formei. Vim com uns amigos para Portugal e pensámos abrir uma correctora. — abanou a cabeça com a lembrança. — Achávamos que sabíamos tudo. Arriscámos o que tínhamos e o que não tínhamos. Perdemos tudo e ainda ficámos a dever. Do dia para noite, vi-me sem um cêntimo com a roupa do corpo e a estender a mão à caridade.

Mário olhou para ele. Fingira que não dera atenção, mas ouvira cada palavra que Alfredo dissera. Nesse instante, Joana surgiu pela porta da sala de espera e informou:

— A Marisa ainda está em fase de dilatação. Parece que ainda demora.

VII

Não é que aquilo fosse a sua vontade, mas acabara por aceder à sugestão de almoçar num restaurante, em vez de fazer uma refeição apressada na cantina do hospital. Mário convidara-a com tanta simpatia e cavalheirismo que Joana se dispôs a enfrentar o temporal, no conforto do Audi A3, no trajecto até ao restaurante mais próximo. O que ela não esperava era que Mário a fosse levar a um luxuoso restaurante.

O restaurante localizava-se na zona das Avenidas Novas, afastado dos grandes focos comerciais de compras de Natal, o que o tornava ideal para aquela tarde. Mário era um cliente habitual do estabelecimento, fazendo questão em o referir a Joana e chamando a atenção para o interior requintado do local.

Joana não se sentia nada à vontade naquele sítio. Vinha de meios humildes e sempre vira aqueles locais pelo lado de fora. Mário também vinha de família humilde, mas logo que começou a ter dinheiro, a ostentação passou a fazer parte das suas características.

O interior era composto por várias mesas em carvalho, tal como as cadeiras, tapadas com toalhas de linho bordado. Estavam todas decoradas com copos de cristal, talheres de prata e louças de fina porcelana, prontas a receber os clientes. As paredes eram cremes e tinham diversos apliques de luz espalhados estrategicamente. O tecto era branco e trabalhado com relevos artísticos, tendo dois enormes candeeiros com várias lâmpadas.

Os empregados trajavam todos com fardas elegantes e caminhavam com uma postura altiva, mas adoptando um ar serviçal, sempre que se dirigiam aos clientes. Um deles acercou-se de Mário e Joana, conduzindo-os a uma das mesas.

O salão estava praticamente vazio, pois a “hora de ponta” dos almoços já tinha ficado para trás. Mário optou por uma das mesas centrais, afastando-se janelas. Não que o ruído exterior chegasse lá dentro. Não havia um pormenor que tivesse escapado ao dono do espaço.

— A lagosta é óptima! — sugeriu Mário, segurando o cardápio.

— Não aprecio. — retorquiu Joana.

Mário olhou para ela e constatou:

— Não me parece muito à vontade.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Não é o meu género de restaurante. — explicou Joana. — Talvez seja ideal para pessoas do seu estrato social, nascidas em famílias ricas...

Mário soltou uma risada.

— Disse algum disparate? — perguntou Joana com estranheza.

— Não. Achei graça a “famílias ricas”. — disse Mário. — Calculo que se espantaria se lhe dissesse que sou filho de pescadores.

Joana franziu o rosto e confessou:

— Não digo que não acredite. Contudo, custa-me a crer.

— E a Joana? — interrogou Mário. — Quais são as suas origens?

Um empregado aproximou-se da mesa e o assunto foi interrompido para que se fizesse o pedido dos pratos escolhidos. Mário avançou para a lagosta, tendo Joana optado por uma bela pescada cozida.

— A minha família é toda de Ponte da Barca, não sei se conhece...

— Em Viana do Castelo, não é? Nunca lá fui, mas já ouvi falar.

— A minha mãe ainda lá vive. — informou Joana. — Tenho pena de não poder ir lá passar o Natal. E os seus pais?

— O meu pai morreu no mar e a minha mãe abandonou-me. — disse Mário com frieza e distanciamento, tornando o facto irrelevante como forma de defesa.

— Lamento! — exclamou Joana, arrependida de falar no assunto. — Desculpe, não sabia...

— Não tem importância. — contrapôs Mário, lançando uma sorriso afável. — Fui criado pelos meus avós.

— Ainda são vivos?

— São. — confirmou. — E ainda vivem na casa onde me criaram, em Sesimbra.

— Não estão muito longe. — constatou Joana. — Vai poder ir passar o Natal com eles.

Mário encolheu os ombros, desvalorizando isso, mas não querendo dizer abertamente que não tinha intenções de o fazer.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

O empregado voltou e trazia o almoço sobre um pequeno carrinho metálico com rodas, o qual estacionou junto da mesa e começou a servir a refeição.

— Costuma vir cá muitas vezes? — indagou Joana, notando o à vontade de Mário.

— Algumas. — respondeu ele. — Trabalho aqui perto, por isso, venho cá quando tenho almoços com clientes.

— O que é que faz?

— Sou corrector da Bolsa! Lido com investimentos mobiliários, fundos...

— Já percebi. — atalhou Joana. Seguidamente saboreou um pouco do peixe. — Trabalha naquele edifício de onde saiu disparado, hoje de manhã?

— Exactamente. — Olhou-a com desconfiança. — Não me diga que ainda está chateada com o que aconteceu?!

— Não. — negou ela. — Não me costumo prender a essas coisas. Até porque ninguém se magoou.

— Mesmo assim, peço-lhe desculpa pelo sucedido.

Foi a vez de Joana olhar com desconfiança. Onde queria ele chegar com aquela postura afável e simpática? Aquele pedido de desculpa não combinava nada com o homem que se lhe deparara nessa manhã. Aquele homem mais preocupado com a chapa do seu carro que com o estado de saúde de Joana. Que queria ele? Possivelmente, o que todos queriam.

— E a Joana? O que é que faz?

— Trabalho numa agência de publicidade.

— É publicitária?

— Não. Sou telefonista.

A chuva não parava de cair lá fora, vendo-se algumas pessoas a correr na rua para se escaparem ao temporal. Contudo, a intensidade da chuva diminuía temporariamente.

Findo o prato principal, Mário sugeriu uma sobremesa.

— Não, obrigado. — recusou Joana. — Só quero um café. Tenho de voltar para o hospital.

Mário não insistiu e sinalizou ao empregado que trouxesse dois cafés.

— É um trabalho temporário ou sempre quis ser telefonista?



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— É um emprego para pagar a renda da casa e as restantes despesas mensais. — explicou Joana. — Espero vir a conseguir formar-me em Medicina.

— Está a estudar?

— Sim. — confirmou. — Estudo à noite! Agora estou de férias, graças a Deus.

— Isso tudo deve ocupar-lhe o tempo todo?! — interrogou-se Mário.

— Isto é o voluntariado em Santa Maria.

O empregado colocou os dois cafés sobre a mesa, em frente a cada um deles.

— E o seu namorado? Tem tempo para ele, não? — indagou Mário.

— Não tenho namorado. — redarguiu Joana, sem disposição para o assunto. — Nem sou casada. Aliás, tenho todas as pessoas que me são importantes longe. Por isso, não tenho esse problema de tempo.

Mário deu um golo no café.

— Até custa a acreditar que uma mulher tão bonita como a Joana, seja uma pessoa assim tão sozinha.

Joana pousou a chávena e levantou ligeiramente a mão, em sinal de paragem.

— Poupe-me essas frases de D. Juan da Buraca! — exigiu.

— Peço desculpa, Joana! Não o disse com qualquer má intenção.

— Seja como for, poupe-se a esse tipo de comentários!

Mário levantou o braço e chamou o empregado para que este trouxesse a conta. O indivíduo percebeu os intentos do cliente e dirigiu-se ao balcão, donde recebeu um talão, o qual entregou a Mário.

Sem que Joana tivesse manifestado qualquer intenção nesse sentido, Mário disse:

— Deixe estar que eu pago.

Depositou o cartão de crédito *Gold* sobre o pires com o talão e deixou que o empregado o levasse para saldar a despesa.

— A Joana parece-me uma pessoa magoada com a vida.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Não com a vida, mas com as pessoas. — emendou ela. — Com algumas pessoas. Confesso que sou uma pessoa desconfiada em tudo.

— Espero não ser alvo da sua desconfiança.

— Pelo contrário. O Mário tem tido um comportamento bastante estranho.

— Como assim?

— Desde que apareceu no hospital que a sua postura não coincide em nada com aquela que apresentou, hoje de manhã, quando me ia passando a ferro com o seu carro.

Mário largou um sorriso e levantou as mãos em sinal de rendição.

— Peço desculpa! Lamento que a minha reacção ao acidente lhe tenha provocado uma imagem errada de mim.

— Talvez...

O empregado acercou-se novamente da mesa e entregou a Mário o cartão de crédito e a factura do almoço.

Joana não conseguia perceber toda aquela atenção de Mário para consigo, insistindo em a trazer de volta ao hospital. Para ele, tratava-se de mero fascínio pela pessoa dela. E como não tinha nada que fazer o resto dia, não lhe custava nada acompanhá-la.

Ao estacionar o carro no parque frontal ao complexo hospitalar, pois os seguranças não lhe permitiriam nova entrada, Mário ofereceu-se para ir com ela até à maternidade.

— Não é necessário. — recusou Joana.

— Está a chover imenso e a Joana não tem chapéu. — lembrou Mário. — Tenho ali o meu. Não me custa nada levá-la até lá.

Joana olhou para o exterior pelo vidro frontal. Continuava a chover intensamente e a nebulosidade escurecia a tarde, parecendo anoitecer, mal haviam passado as 16h00. Não lhe apetecia muito voltar a encharcar-se, por isso, aceitou a oferta de Mário.

Como um verdadeiro cavalheiro, enfrentou a chuva para ir buscar o guarda-chuva e contornar o carro até à porta de Joana. Abriu-a e esforçou-se por cobrir a sua companhia. Caminharam juntos sob a cobertura do guarda-chuva até ao edifício da maternidade, congratulando-se por o vento não estar tão forte como de manhã.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

No entanto, perto da porta, uma enorme rajada de vento revirou o guarda-chuva e deixou-os à mercê da enxurrada de água, encharcando-os e obrigando-os a correr para o edifício.

— Ficou todo molhado! — exclamou Joana, olhando para Mário.

— Também a Joana. — constatou ele.

— Bem lhe disse que não havia necessidade de vir até cá.

— Não faz mal.

Preocupada como se tivesse sido a responsável por aquilo, Joana disse:

— Agora, não pode voltar para a rua, assim, tão molhado.

— Deixe estar. — disse ele, desvalorizando.

— Não, não. — contrapôs Joana. — Tem de ir para um sitio quente ou ainda apanha uma pneumonia.

— Também não é grave. — argumentou em jeito de brincadeira. — Já estou no hospital.

Antes de dizer mais qualquer coisa, Joana reparou em Alfredo que se mantinha junto à entrada da sala de espera. Deu umas passadas rápidas até ele e indagou:

— Já há novidades?

Alfredo abanou negativamente a cabeça e disse:

— Eles também não me dizem nada.

— Espere aí! Eu vou ver se consigo saber alguma coisa.

Enquanto Joana se dirigiu à recepção, Mário deslocou-se até à sala de espera, passando por Alfredo.

— Então? — interrogou Alfredo. — Não me diga que perdeu o dinheiro e já tem maneiras e respeito?

Mário olhou-o com desdém, dizendo:

— Não estou a perceber.

— Não me disse que eu ter maneiras e respeito me faziam estar ali à chuva, enquanto...

— Sim, sim. — lembrou-se Mário. — És capaz de ter razão. — atalhou sem paciência para dialogar com o mendigo.

Joana regressou da recepção, mas não trazia novidades. Continuava tudo na mesma como desde a última vez em que tentara saber notícias.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Venha comigo! — exclamou Joana a Mário, quase fazendo-o parecer uma ordem.

Mário seguiu-a até ao piso da pediatria, onde ela lhe arranjou um canto para ele se libertar das roupas molhadas e se aquecer junto de um aquecimento eléctrico.

Enquanto isso, Joana aproveitou para mudar de roupa na casa-de-banho das senhoras, pois tinha sempre uma muda de roupa no hospital para o que desse e viesse.

A hora do jantar chegara com o abrandamento da chuva, já a noite se abatera completamente sobre o exterior, havia muito tempo. A densidade de pessoas nas ruas também havia diminuído, estando estas mais preocupadas em recolher às suas casas, onde a grande maioria teria jantares familiares onde comparecer.

Carregando alguns sacos com comida, frangos de churrasco e batatas fritas comprados numa qualquer churrasqueira, Jacinto entrou na esquadra onde Sandrine permanecia encarcerada. Deu de caras com o agente Hélder, o qual concluiu de imediato o porquê da presença do outro.

— Então? — perguntou Jacinto, abeirando-se do agente.

— Vejo que vem preparado. — disse o policia, sorrindo e olhando para os sacos.

— Espero não ter sido em vão. — receou Jacinto, perante a possibilidade de não poder ver Sandrine.

— Está com sorte. — informou o agente Hélder. — Só cá estou eu e um colega amigo.

Jacinto pegou num dos sacos e apontou-o ao agente, dizendo:

— Tome! Trouxe para vocês também.

— Não. Deixe estar. — recusou o policia. — Não é preciso isso.

— Eu insisto, senhor guarda! — exclamou ele. — Sei que também não é fácil para vocês ficarem de serviço na noite de Natal. Vá! É um gesto de cortesia meu, não um pagamento.

O agente Hélder acabou por aceitar, até porque o cheirinho do interior do saco era tentador. Logo que entregou o saco ao colega, Hélder encaminhou Jacinto pelo corredor até aos calabouços da esquadra, onde Sandrine estava.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Deixando-se conduzir, Jacinto constatou que o prisioneiro mal-encarado da outra cela já lá não estava, tendo possivelmente sido transferido para outro local ou libertado.

— Não tinham cá outro *hóspede*?

O agente encolheu os ombros. Tornara-se rotineiro prender bandidos para os verem em liberdade logo de seguida, soltos por falhas do sistema judicial e por advogados sem escrúpulos. Duas celas antes da de Sandrine, Hélder disse:

— Já sabe o caminho! Pode cá ficar enquanto cá estou, depois...

— Agradeço-lhe, senhor guarda!

Jacinto prosseguiu o caminho até à cela de Sandrine e constatou o seu olhar alegremente surpreso por o voltar a ver.

— Que fazes aqui? — perguntou ela. — Não te esperava, antes da próxima semana.

— Eu disse que vinha ou dava notícias. — lembrou.

— Tens alguma novidade?

— Tenho uma boa e uma má notícia. — disse ele. — Qual queres primeiro?

— A má. — escolheu, parando junto das grades.

— Não consegui convencer o Mário a desistir da queixa! — comunicou com tristeza. — A boa é que vou poder passar a noite contigo, aqui.

O rosto de Sandrine não se alegrou muito, o que decepcionou Jacinto.

— Que foi? Não queres que fique aqui contigo?

— Não é isso. — negou ela. — Só acho que não devias abandonar a tua família para ficar aqui comigo.

— Que família? — interrogou ele. — Eu vivo sozinho.

— Que cheiro é este? — questionou ela.

— Frango! Espero que gostes. Foi o que trouxe para jantarmos.

Sandrine soltou um sorriso tímido, engraçando com a atitude dele, apesar da mágoa por se ver ali presa. Observou a forma cuidada como ele dispôs o jantar sobre uma toalha que estendera no chão. Ela ajoelhou-se no chão empedrado, sentando-se com as

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

pernas juntas e dobradas para o lado, precavendo-se contra alguma subida exagerada da saia.

Jorge sentou-se no chão, do lado de fora das grades, cruzando as pernas e colocando um prato de papel entre elas. Colocou frango e batatas noutra e entregou-o a Sandrine.

— Desculpa, mas não trouxe talheres. — disse ele.

— Não faz mal.

Durante a refeição, não houve grande diálogo, pois ninguém sabia muito bem o que dizer, por isso, refugiavam-se no saborear do frango e das batatas fritas. Contudo, após terminarem a ingestão, surgiu um clima de indecisão acerca do que fazer a seguir.

— Não precisas de ficar cá toda a noite. — lembrou Sandrine, desejando que ele se mantivesse ali.

— Eu sei. Mas, eu gosto de estar aqui contigo.

— Mentiroso! — exclamou em jeito de brincadeira. — Qual é o prazer de estar sentado no chão de um prisão?

— É o prazer de estar contigo. — soltou sem pensar.

— Que queres dizer com isso? — inquiriu Sandrine com um ar mais sério.

— Nada. — atalhou Jacinto arrependido.

— Porque é que gostas de estar comigo, Jacinto? Mal me conheces. Sabes lá se não sou essa homicida louca que o teu amigo Mário pinta?!

— Não creio.

— Como? — insistiu Sandrine, não abrindo mão daquele diálogo.

Jacinto não queria expor os seus sentimentos, nem revelar que se sentia atraído por Sandrine, talvez desde que a conhecera. Ela era bonita, inteligente e ele adorava aquela sua postura sensual cheia de altivez. Claro que ela perdera essa postura, desde que fora sujeita aquela prisão.

— Eu assisti à cena. — recordou Jacinto. — Não me pareceu que fosses até ao fim com a ameaça da faca. Não te estou a ver a espetares o Mário com aquilo.

— Não sei... — suspirou ela. — Estava tão desesperada.

— Mesmo assim. — acentuou ele. — Não és pessoa para isso. E não tenho problema em o dizer a quem quer que seja.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Estás a dizer que testemunharias a meu favor, em tribunal?

— Claro! — afirmou com firmeza. — Aliás, eu devo ser uma das pessoas a ser chamado a prestar declarações, já que presenciei quase tudo.

— Não sei se conseguirás falar a meu favor. — duvidou ela.  
— Se o Mário te ameaçar com despedimento...

— Eu faço-o à mesma! — completou Jacinto.

— És bom homem, Jacinto! — exclamou Sandrine. — Tenho pena de não te ter conhecido melhor, antes.

— Ainda vamos a tempo.

— Receio que não. — lamentou ela. — Estou em risco de enfrentar alguns anos de prisão por tentativa de homicídio.

— Vais ver que isto se resolve.

Sandrine abanou a cabeça, descrente de outro cenário que não a condenação.

— Se te serve de consolo, eu continuarei contigo no que precisares.

Ela voltou a encarar-lhe o olhar. Segurou as grades com ambas as mãos e perguntou:

— Porquê, Jacinto? Porque hás-de te prender a uma condenada que mal conheces?

— Simpatizo contigo. — justificou. — Quero ser teu amigo! Vês algum problema nisso?

— Só queres ser amigo? — inquiriu ela. — Não estarás à procura de um meio para ser mais que isso?

— Já te disse que não o faço com intenção de te levar para a cama.

— Será? — continuou a interrogar. — Só estamos os dois aqui e não me parece que os polícias aqui venham nas próximas horas. Se me oferecer a ti, aqui, agora! Continuarás a ter essa solidariedade?

Jacinto abanou a cabeça, descrente da capacidade de a convencer das suas boas intenções.

— Ouve, Jacinto! — prosseguiu. — Não tenho nada a perder. És um tipo porreiro! Não me importo de ser a tua prenda de Natal, esta noite. — Agarrou-lhe a camisola e puxou-o para si até o

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

encostar às grades. — Anda! Estou aqui para o que quiseres. Beijame!

Jacinto soltou-se das suas mãos e afastou-se, dizendo:

— Lamento que penses assim!

— Estou errada?

Jacinto compôs a camisola amarrotada pelo puxão dela e disse:

— Vou ser sincero contigo. Gosto de ti! Tu atrais-me! És uma mulher muito bonita! Mas, isso não faz com que queira ter alguma coisa contigo a qualquer preço. Estou aqui porque te quero ajudar. E, se não estou enganado, parece-me que sou a única ajuda que terás.

— Desculpa... — pediu ela num soluço, afastando-se para o fundo da cela.

— Estás transtornada. — concluiu. — Compreendo que faças essas avaliações erradas da minha pessoa. Não és obrigada a aceitar nada de ninguém. E isso inclui a minha ajuda. Por isso, se quiseres, eu vou-me embora e não te aborreço mais.

— Não! — exclamou ela, desesperada. — Não vás! — avançou rapidamente para as grades. — Perdoa-me! Tu tens sido o meu único amigo, este tempo todo que aqui estou. Fica, por favor!

Jacinto recebeu a mão que ela lhe estendeu e ali ficou junto dela.



VIII

A chuva parara de cair subitamente, fazendo respirar de alívio quem tinha de andar pela cidade a velocidades vertiginosas para acudir a todos os pedidos de socorro.

Ludmila, sentada ao lado do condutor do carro da sua equipa, constatou isso mesmo.

— Temos mais algum pedido? — perguntou ele.

— Não. Vamos regressar ao INEM. — sugeriu Ludmila. —

Pode ser que tenhamos a sorte de ser rendidos, finalmente.

E, de facto, foi o que sucedeu. Após muitas horas de actividade, a equipa recebeu a tão desejada rendição. Tanto ela como os restantes membros da equipa estavam estafados, a precisar de descanso.

Logo que trocou de roupa, saiu do vestiário e despediu-se do condutor do veículo, o único da sua equipa que ainda ali estava. Este ainda a convidou a passar o Natal com ele e com a sua família, mas Ludmila recusou a oferta.

Assim que saiu para a rua, sentiu o ar frio soprar-lhe, atirando-lhe a humidade que pairava no ar. Abriu o seu bloco de notas e olhou para a folha onde apontara a morada da senhora idosa.

Não se via ninguém na rua, enquanto Ludmila caminhava pelo passeio cheio de poças de água por todo o lado. Olhava para os prédios e via um número incontável de luzes natalícias espalhadas um pouco por todos os apartamentos. Se não seria difícil adivinhar os momentos de alegria daquelas reuniões familiares em cada um deles, também não seria difícil constatar a tristeza e infelicidade dos que se perdiam na rua, encostados a uma qualquer parede, escondidos da chuva e do frio, completamente abandonados pela vida.

Não foram muitos os minutos que esperou na paragem até aparecer um autocarro que a levasse ao seu destino. Ia completamente vazio. Ludmila entrou e reparou no semblante aborrecido do motorista. Ninguém gosta de ter de trabalhar quando poderia estar com a sua família a festejar o Natal.

Em Santa Maria o jantar estava muito animado. Era emocionante, até mesmo comovente, para as voluntárias, verem a alegria daquelas crianças. Todas elas tinham alguma maleita, umas

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

mais graves que outras, mas todas com um grau de cuidado elevado ao ponto de terem de estar internados. Alguns tinham a sorte de ter a companhia dos seus pais ou outros familiares. Talvez só um dos rapazitos não se enquadrasse no lote de doentes, um pequenito que fora deixado nas Urgências, vítima de espancamento por parte do padrasto, havia cinco dias. Deixaram-no lá e nunca mais apareceu ninguém para o vir buscar, uma situação que começava a tornar-se frequente. Contudo, se a situação já era triste no dia-a-dia, naquela época de paz e amor, isso tornava-se ainda mais comovente. Felizmente, o rapazito sorria com a algazarra do salão repleto de crianças. Não deveria ficar por ali para além do princípio da semana seguinte, altura em que uma Assistente Social se encarregaria do seu destino.

Por mais estranho que pudesse parecer a quem o conhecia bem, Mário permanecia por ali, observando os movimentos de Joana como se só ela existisse ali. As suas roupas já haviam secado e nada justificava que ali continuasse, a não ser o seu fascínio por ela.

O salão encadeava luz por todo o lado, desde as luzes brancas no tecto até às muitas luzinhas de diversas cores que ora acendiam, ora apagavam. As voluntárias começaram a reunir as crianças e a distribuí-las pelos seus lugares nas mesas. Joana viu Mário a observar tudo junto à porta e aproximou-se dele.

— Ainda por aqui? — indagou. — Julguei que tivesse ido embora, assim que as suas roupas secaram.

— Passei por aqui e não resisti a ficar a ver o vosso trabalho. — respondeu Mário com um olhar visivelmente tocado pela generosidade daquela mulher. — Pode não acreditar, mas nunca julguei que houvesse pessoas assim.

— Assim como?

— Com tanta generosidade. — explicou ele. — Com tanto para dar sem nada receber.

— Acha que não recebemos? — interrogou ela. — Já viu aqueles sorrisos? Quer melhor recompensa?

Mário sorriu e concordou com a cabeça.

— Porque não nos faz companhia? — convidou Joana. — Venha! Junte-se a nós.

— Não sei...

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Vá lá! — insistiu ela. — Não lhe peço que tome conta dos miúdos.

Nesse instante, uma colega de Joana saiu do salão e aproximou-se dela, dizendo:

— Temos um problema!

— Que se passa? — inquiriu Joana, preocupada.

— Enganaram-se a mandar o fato de Pai Natal. — informou a outra. — É muito grande e não servirá a nenhuma de nós.

— Que fazemos agora? — interrogou-se Joana. — Os miúdos iam adorar ver um Pai Natal a distribuir as prendas.

Intrometendo-se no assunto, Mário interveio:

— Se me servir, não me importo de fazer o papel.

Joana olhou-o espantada e encantada com a oferta.

— Está a falar a sério?

— Claro! — confirmou ele. — Não me custa nada e será uma forma de retribuir o convite para jantar.

Os prédios pareciam todos iguais a Ludmila, quando entrou na rua com o nome que escrevera no papel. E de noite com a fraca iluminação dos candeeiros, só mesmo o número da porta lhe daria a certeza de não se enganar.

A chuva dava sinais de querer voltar, lançando uma gota ou outra e carregando o céu com nuvens cinzentas. O chão estava muito fustigado pela água derramada durante todo o dia que enlameara passeios e estrada. Aquela era mais uma das zonas antigas de Lisboa, onde tudo estava de pé, apesar de ninguém saber explicar como, tal era o nível de degradação e antiguidade dos prédios.

Quando Ludmila encontrou a porta do prédio, tocou no botão correspondente à casa de D. Maria da Glória, a idosa a quem prometera regressar, logo que terminasse o serviço. Tocou uma, duas e três vezes sem que ninguém atendesse. Tocou uma quarta e ouviu uma voz perguntar:

— Quem é?

Ludmila olhou para cima e viu a senhora na janela, procurando vislumbrar quem lhe tocava à campainha com tanta insistência.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Sou eu, D. Maria da Glória! — exclamou Ludmila. — A médica do INEM.

A senhora retornou ao interior de sua casa.

Passados alguns segundos, um estalido fez abrir a porta da rua.

Ludmila entrou e procurou a luz da escada. Um pouco às apalpadelas, lá encontrou o interruptor na parede. Caminhou até às escadas e escalou-as até encontrar a senhora idosa à sua espera, junto da porta de casa.

— D. Maria da Glória! Como está? — A senhora olhou-a pasmada. — Lembra-se de mim? Sou a Dra. Ludmila do INEM. Estive cá...

— Sim, sim. Recordo-me perfeitamente.

— Como lhe havia prometido, cá estou. — disse Ludmila. — Peço desculpa se a estou a incomodar.

— Não incomoda nada. — apressou-se a idosa a dizer, visivelmente alegrada pela visita. — Entre! Estava a jantar.

Ludmila entrou na casa. O ambiente era escuro e silencioso, não havendo qualquer televisão ou rádio para animar. Apenas a luz da sala de estar estava acesa, deixando o resto da casa no mais completo negrume. E mesmo a luz da sala não era muito forte. Em cima de uma mesinha, uma chávena de chá e umas torradas, o jantar da D. Maria da Glória.

— Quer comer alguma coisa? — ofereceu ela.

— Não. Deixe estar, obrigado! — recusou Ludmila, percebendo que ela pouco teria para si própria, quanto mais para as visitas.

— Também só tenho chá e torradas para oferecer. — lamentou-se. — Nada digno de uma ceia de Natal.

— Não diga isso. — contrapôs Ludmila. — Eu já jantei.

— Infelizmente, não há dinheiro para mais! Talvez quando receber a minha reforma, no princípio do mês, consiga comprar algumas coisinhas. — Reparou que Ludmila permanecia em pé. — Sente-se, doutora!

Ludmila sentou-se na poltrona velha ao lado daquela onde a idosa se sentara, tendo entre elas uma mesinha com o chá e as torradas.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Voltou a sentir falta de ar? — perguntou Ludmila.

A idosa encolheu os ombros como se isso não tivesse importância.

— Não foi a doutora que disse que eu não tinha nada? — interrogou a idosa.

— É verdade. — confirmou a médica. — Não lhe detectei qualquer problema respiratório. Foi mais um problema de solidão, não foi?

Novamente, a senhora encolheu os ombros, enquanto dava uma dentada na torrada. Mastigou um pouco, engoliu e disse:

— Não tem sido fácil, desde a morte do Germano.

— Germano era o seu marido?

— Sim. — confirmou, puxando do lenço amarrotado, sentindo as lágrimas nos olhos. — Faleceu há uns meses.

— Eu sei. A senhora contou-me, esta tarde.

— Olhe à sua volta! — pediu a idosa, passando o olhar pela sala. — Já imaginou o que é passar os dias aqui sozinha, sem ninguém com quem falar, sem ninguém que queira saber de mim? Sinto que posso morrer e apodrecer aqui que ninguém daria pela minha falta.

— Não diga isso. A sua família...

— Que família? — interrogou ela, balbuciando. — A minha família era o Germano. Nem os meus filhos se preocupam em saber como estou.

Ludmila não tinha argumentos para que ela se pudesse sentir melhor. Tocou com a mão no seu braço e disse:

— Eu preocupo-me com a senhora! Como viu, vim até cá para saber como estava.

— A doutora é boa moça! — afirmou a outra. — Mas, não precisava de desperdiçar a sua Consoada com uma velha parva como eu.

— Não fale assim de si, D. Maria da Glória! — pediu Ludmila. — A senhora é muito simpática. E é uma honra passar a Consoada consigo.

A idosa apertou a mão que Ludmila colocara no seu braço e sentiu-se reconfortada. Emocionada, não conteve as lágrimas por a ter ali.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

A noite decorria quase sem se dar por o tempo passar, para Jacinto e Sandrine. Sentados com as grades pelo meio, ambos conversam fraternalmente, contando episódios das suas vidas.

Sandrine não conteve uma risada, dizendo:

— Não acredito!

— É verdade. — insistiu Jacinto. — Às vezes, não sei o que me passa pela cabeça e distraio-me com as coisas que vou para fazer.

— Mas, daí a ir para a rua em pijama.

— Sei que parece mentira, mas nesse dia, levantei com a ideia de ir tomar um banho. — relatou ele, deixando Sandrine hilariante. — Comecei a pensar no que tinha para fazer naquele dia e distrai-me. Dei comigo na escada do prédio, em pijama. Felizmente, não cheguei a ir para a rua.

Sandrine olhava-o encantada, sorrindo com a história e esquecendo por breves momentos a sua situação.

— Deves achar-me ridículo?! — concluiu Jacinto.

— Não! — negou ela. — Pelo contrário. Acho-te uma pessoa maravilhosa.

— Agora é a minha vez de dizer “que queres dizer com isso?”.

— Exactamente isso! — exclamou ela. — Tens-te revelado uma enorme surpresa. Não que fizesse qualquer juízo de valores sobre ti, mas... Penso que se puder tirar algum ponto positivo disto tudo, é a possibilidade de te ter conhecido melhor.

— Eu também gostava de te conhecer melhor. — confidenciou Jacinto.

— Que queres saber? Já te contei algumas coisas sobre mim. Jacinto respirou fundo e encarou-lhe o olhar.

— Sei que talvez não seja a melhor altura...

— Que se passa? — interrogou ela, notando-lhe a mudança na expressão do seu rosto.

— Achas que se não tivesse acontecido tudo isto, haveria alguma hipótese de haver alguma coisa entre nós?

— Alguma coisa como? — interrogou ela. — Sermos amigos?

Jacinto franziu o rosto, revelando que não se referia a isso, exactamente.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Não! — respondeu com distanciamento, como se recordasse o seu dia a dia na empresa onde ambos trabalharam. — A menos que alguma coisa nos aproximasse. — Olhou-o nos olhos e aproximou-se mais das grades. — Mas, penso que a tua pergunta não é bem essa. O que tu queres saber é se há alguma hipótese de haver alguma relação entre nós, para além da amizade, certo?

— Já que falas nisto. — suspirou ele, disfarçando a sua ansiedade.

— Vou prometer-te uma coisa! — disse ela. — Enquanto aqui estiver, só preciso de amizade. A tua tem sido uma ajuda preciosa. Se for condenada e ficar presa vários anos, compreenderei que te afastes de mim.

— Nunca o faria.

— Talvez o digas agora. Mas, não sei se aguentarias o desgaste desse apoio. — lembrou Sandrine. — Aquilo que te prometo, é que conversaremos acerca disso, nessa altura.

A cada minuto tornava-se mais difícil combater a ansiedade das crianças, desejosas de abrir os presentes de Natal. Não as fariam estar acordadas até à meia-noite para os abrir, nem as fariam ir para a cama com essa ansiedade. Por isso, cerca das 22h00, lá apareceu o Pai Natal com as prendas.

— Oh! Oh! Oh! — fez-se ouvir o homem de fato vermelho, carregando alguns dos pacotes e dirigindo-se à Árvore de Natal. — Feliz Natal!

Se dissessem a Mário, nessa manhã, que ele estaria a fazer aquela figura, ele teria desancado o infeliz.

Perto da árvore, as voluntárias haviam arrumado todos os embrulhos, deixando alguns para o interior do saco do Pai Natal. Mário tinha alguma dificuldade em ver com a peruca branca e as barbas longas a incomodá-lo, mas esforçava-se por desempenhar o papel o melhor possível.

Duas colegas de Joana ajudavam Mário na distribuição dos embrulhos personalizados. Mário pegava num pacote e entregava-o a uma delas para que lessem o nome e chamassem o destinatário. Era gratificante ver os sorrisos das crianças a abrir as prendas.

Joana ficara com as restantes colegas ao fundo da sala. O seu olhar denunciava todo a delícia, olhando para Mário.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Uma por uma, todas as crianças receberam o seu presente.

Após abrirem as prendas, elas deixaram as crianças desfrutar algum tempo dos presentes. Mário abandonou a sala e seguiu para outra divisão com a finalidade de mudar de roupa. Sentia-se estranho, pois fora parte integrante de uma coisa que não gostava, o Natal. Será que não gostaria mesmo? Ou seria a sua defesa às recordações dos Natais da sua juventude, onde quase nunca havia presentes. Foram tempos difíceis, esses, onde mal havia dinheiro para ter o que comer.

Quando vestiu o casaco do seu fato, levou a mão ao bolso e pegou no telemóvel. Tinha umas cinco chamadas não atendidas, tudo clientes americanos que o contactavam muitas vezes para consultadoria.

— Que se lixe! — exclamou para si. — Afinal, é Natal.

Ouviu-se um toque ligeiro na porta, alguém que pedia permissão para entrar.

— Entre! — concedeu ele.

A porta abriu e por ela entrou Joana.

— Vejo que já voltou ao normal. — disse ela, olhando para o seu ar apumado.

— Não sei. Não sei se voltarei ao que era, depois do dia de hoje.

— Como assim? — interrogou Joana, curiosa.

— Aconteceram muitas coisas, hoje. Foi um dia marcante.

Joana aproximou-se dele, tomando a liberdade de lhe compor a gravata que ficara torta quando Mário vestira o casaco.

— Foi muito simpático da sua parte, fazer de Pai Natal. — lembrou Joana.

— Não foi nada de mais. — desvalorizou ele. — Simpático foi o seu convite para jantar. Aliás, deixe-me dizer-lhe que o jantar estava delicioso.

Inconscientemente, as mãos de Joana já compunham o colarinho de Mário, deixando o seu rosto muito perto do dele. Ela estava fascinada com aquele homem bonito que conhecera de forma tão singular, nessa manhã. Parecera-lhe um déspota da pior espécie, mas veio a revelar-se um óptimo ser humano. Ela também não era indiferente a Mário e os seus rostos aproximaram-se intencionalmente na procura da boca um do outro.



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Nesse instante, o telemóvel voltou a tocar.

— Peço desculpa! — pediu Mário, pegando no telemóvel para atender a chamada.

Joana sorriu-lhe e abandonou aquela pequena sala. Quase cedera à tentação. E como se arrependeria disso... ou talvez não. Ainda ouviu Mário dizer:

— Yes? Hello Mr. White Gray!

As suas colegas voluntárias aguardavam o seu regresso. E todas juntas, começaram a chamar as crianças e a conduzi-las para as suas camas no hospital, pois já estávamos muito perto da meia-noite.

**Dia 25 de Dezembro**

**IX**

Logo que terminou o telefonema, Mário desligou o telemóvel e saiu da pequena divisão, onde trocara de roupa, procurando Joana. Quase tivera o seu “presente” no instante em que o telemóvel tocara. Olhou para o relógio e constatou que ficara a dialogar com o americano mais de meia hora. Onde estaria Joana?

Antes que pudesse decidir por qual dos lados deveria optar para a procurar, Joana apareceu ao fundo do corredor. Caminhava tranquilamente, acompanhada por algumas colegas que já vestiam os casacos para regressarem a casa. Mário aguardou que ela chegasse até ele, coisa que ela fez naturalmente, assim que o viu.

Todas as outras se despediram dela e completaram o trajecto pelo corredor até ao elevador. Joana parou em frente a Mário.

— Peço desculpa pela interrupção. — pediu ele, lamentando o surgimento da chamada.

— Não tem importância. Até calhou bem porque as minhas colegas já me esperavam para deitar as crianças.

— Falávamos de... — tentou recordar Mário, de forma a levar Joana e falar no quase beijo.

— Não me recordo. — atalhou ela. — De que falávamos?

— Com esta história do telefonema, já nem me recordo. — disse ele, não querendo dar valor ao que ela parecia desvalorizar. — Que vai fazer agora?

— Vou ficar por aqui. Estou à espera de notícias da Marisa.

— Marisa?

— Sim. A jovem que encontrámos que estava grávida.

— A drog...

Mário travou a tempo, mas ainda viu o olhar condenatório ao seu preconceito.

— A rapariga não é nenhuma drogada! — afirmou Joana, um pouco irritada.

— Tem razão! Desculpe!

— Peça-lhe desculpa a ela, não a mim! — contrapôs Joana.

— Afinal, é a ela que está a ofender.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Não tem notícias novas dela? — indagou Mário, mostrando-se preocupado com o assunto para debelar a irritação dela.

— Está em trabalho de parto.

— Joana! — chamou uma voz na extremidade do corredor, perto do elevador. — Anda! A rapariga vai dar à luz.

Os dois seguiram a enfermeira para o elevador.

Joana foi autorizada a presenciar o nascimento na sala de partos, enquanto Mário foi mandado para a sala de espera no piso térreo. Logo que lá chegou, encontrou Alfredo apreensivo e ansioso por notícias.

— Eih! Já sabes, preto Alfredo? — chamou Mário a atenção de Alfredo, usando a expressão em jeito de brincadeira.

Alfredo olhou-o com aborrecimento, farto que lhe chamassem preto.

— Que foi?

— A tua amiga vai dar à luz!

A ansiedade de Alfredo aumentou. Até parecia que era o pai da criança, andando de um lado para o outro, observando todas as movimentações e esperando que alguém lhe desse alguma novidade.

Só quando despertou do sono é que Ludmila se deu conta que adormecera na casa da senhora idosa. Ficara a conversar com Maria da Glória noite dentro, ouvindo as suas recordações e fazendo-a ter prazer em lhas contar. Era uma pessoa com muitas memórias, sedenta de ter com quem conversar e relatar os episódios da sua vida. Pode parecer ridículo a muita gente, mas naquela noite, a melhor prenda da octogenária foi ter a companhia de Ludmila e o seu ouvido atento. Só que o cansaço de muitas horas de trabalho no INEM começaram a fazer efeito. E por muito que se esforçasse por aguentar, Ludmila adormeceu a meio de uma das histórias.

Acordou coberta por um cobertor quente para que não tivesse frio, enquanto descansava. Que senhora atenciosa, pensou, preocupando-se consigo e deixando-a descansar ali. Penitenciava-se pela indelicadeza de ter adormecido ao ouvi-la.

Ao olhar para a outra poltrona, viu que Maria da Glória também adormecera na poltrona. Num movimento contínuo, Ludmila

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

levantou-se e aproximou-se da senhora. Tocou-lhe no ombro e disse:

— D. Maria da Glória! É melhor eu ir andando. E senhora deve ir para a cama. Não lhe faz bem nenhum dormir aí no sofá.

Maria da Glória permaneceu quieta. O seu rosto tinha um semblante tranquilo e um leve sorriso como quem adormecera feliz.

— D. Maria da Glória! — tornou a chamar, tocando-lhe a mão. Surpreendeu-se com a pele fria. — D. Maria da Glória?

Como se adivinhasse a resposta, levou os dedos ao pescoço da idosa, procurando a sua pulsação. Nada. Não sentiu nada. Ludmila ficou sem reacção perante aquele rosto alegremente adormecido. Não conseguiu conter as lágrimas pela sua partida. Fora uma morte tranquila e sossegada. Não sentira nada, certamente. E nem acordada Ludmila lhe poderia ter valido. Olhou para o seu rosto e pensou que, para onde quer que fosse que a morte a tivesse levado, iria encontrar o seu companheiro de toda a vida, o seu marido Germano.

A noite estava terrivelmente fria e húmida, apesar de a chuva não ter voltado a aparecer. Mário, para passar o tempo, veio para a rua, junto à entrada, e foi fumar um cigarro. Conseguira conter-se muito tempo, mas já sentia a falta do fumo a circular pelo corpo.

— Pode arranjar-me um? — pediu Alfredo, acercando-se dele. — Isto está a deixar-me nervoso.

Mário estendeu-lhe o maço, deixando que o mendigo retirasse um cigarro.

— Se quiseres mais, tira! — ofereceu Mário.

— Não, obrigado! Este chega.

— Isso é tudo nervos? — interrogou Mário, observando a forma como ele tremia.

— Nervos e frio. — respondeu Alfredo.

O diálogo foi interrompido pela chegada de um luxuoso Mercedes preto que quase parecia uma limusina. O motorista parou à porta da maternidade e apressou-se a sair do carro para abrir as portas traseiras aos patrões.

— Ainda dizem que eu sou rico. — soltou Mário, olhando para o casal que saía do interior do carro.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Um homem e uma mulher, já na casa dos cinquenta, afastaram-se do carro e entraram no edifício. Caminhavam com altivez e arrogância, olhando para todos de cima para baixo. Aproximaram-se da recepção e perguntaram por uma rapariga chamada Marisa que estaria ali em trabalho de parto. Quando lhes pediram a identificação, Mário e Alfredo ficaram a saber que eles eram os pais de Marisa.

Farejando o cheiro a dinheiro, o recepcionista apresentou-se muito prestativo, segurando imediatamente o telefone e procurando novidades com alguém do piso de partos. Soube que a rapariga estava a um passo de dar à luz e convidou o casal a subir até lá.

Apesar da enorme preocupação com a filha, os procedimentos todos necessários efectuar a quem quer estar numa sala de parto, pareceram muito incomodativos ao casal que optou por aguardar no exterior do piso de partos, ficando junto às escadas. Nem por um instante abandonaram a postura arrogante.

Lá dentro, Joana auxiliava a jovem Marisa, apoiando-a e transmitindo-lhe confiança. Também a parteira lhe atirava indicações de segundo a segundo, fosse para respirar, fosse para fazer força. Ao fim de alguns minutos de entrar na sala de partos, Marisa deu á luz um belo rapazinho saudável.

Não foi difícil para Jacinto adivinhar o que trazia o agente Hélder até ali, abeirando-se da cela de Sandrine.

— Algum problema, senhor guarda? — indagou Jacinto.

O agente abanou afirmativamente a cabeça e informou:

— O meu turno está a chegar ao fim. Falei com o colega que me vem render, mas ele não assume a responsabilidade da sua presença aqui. Por isso, lamento, mas tenho que lhe pedir para sair.

— Compreendo. — disse Jacinto. — Dê-me só uns minutos.

— Claro. — concordou o policia. — Fico à sua espera lá fora.

E com aquelas palavras, refez o caminho de volta, saindo pela porta de acesso aos calabouços.

— Parece que é o fim da nossa noite de Natal. — constatou Jacinto.

— Parece que sim. — repetiu Sandrine. — Agradeço-te muito a companhia que me fizeste este tempo todo.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Não agradeças! Foi um prazer. — Lançou-lhe um sorriso terno. — Assim que puder, voltarei para te ver. Vou também telefonar a um advogado, meu amigo, para ver se ele toma conta do caso. E...

— E vê se dormes! — lembrou ela. — Estás com cara de quem precisa de descansar.

— Olha quem fala.

— Eu também farei um esforço para dormir.

Por instantes, ficaram a olhar um para o outro sem a mínima vontade de se separarem.

— É melhor ir. — disse, por fim, Jacinto. — Ainda me vêm cá buscar. Posso dar-te um beijo?

— É obvio que sim. — concordou.

— Podes aproximar o rosto das grades para te dar um beijo na face? — sugeriu ele.

Sandrine encostou a cara entre duas grades, encostando-se completamente a elas.

— Tu mereces mais que isso, Jacinto! — afirmou ela. — Leva o sabor dos meus lábios.

Jacinto aproximou-se e beijou-lhe a boca com ternura.

— Parecias uma obra de Shakespeare. — disse Jacinto com humor.

— Eu sei. — concordou Sandrine.

— Jamais te abandonarei! — prometeu ele.

Jacinto guardou todos os desperdícios que aglomerara ali ao jantar e levou-os consigo. Atirou mais um beijo a Sandrine e abandonou o local. Passando pela entrada, voltou a agradecer ao agente Hélder. Finalmente, saiu para a rua e enfrentou a noite deserta, rumando a sua casa.

Na sala de espera da maternidade, Alfredo e Mário aguardavam sentados nas cadeiras que se perfilavam, lado a lado, ao longo das paredes. Inconscientemente, acabaram por andar perto um do outro, ora falando, ora ficando calados.

A certa altura, um funcionário do hospital entrou na sala e perguntou:

— Procuo um mendigo chamado Alfredo, quem é?

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Alfredo levantou-se da cadeira e denunciou-se.

— Ó preto! Parece que te querem lá em cima. — disse o individuo com maus modos, amesquinhando o pobre homem.

— Oiça lá! — insurgiu-se Mário. — Isso são maneiras de falar?

O funcionário espantou-se com aquele homem bem vestido, denotando ser bastante rico, indignar-se consigo. Espantado, também ficou Alfredo que não contava com aquela atitude.

— Peço desculpa... — gaguejou o funcionário.

— Que raio de modos! — afirmou Mário. — Veja se vai aprender a falar com as pessoas! Ou acha que só porque se é pobre, não se tem dignidade?

— Não é isso. — tentava desculpar-se o homem. — É que...

— É que nada. — atalhou.

Alfredo olhou para Mário e fez-lhe sinal que não era necessário fustigar mais o pobre individuo.

— Tudo bem. — disse Mário a Alfredo. — Mas, fico lixado com estas merdas.

O funcionário aproveitou a oportunidade para desaparecer por uma porta.

— Você não pára de me surpreender. — constatou Alfredo. — Se bem se recorda, você também falou assim comigo, hoje... ou melhor, ontem à tarde.

— Eu? — questionou Mário.

— Deixe lá. — desvalorizou Alfredo. — Vou lá cima ver o que me querem. E obrigado pela sua indignação!

Passando a porta da sala de espera, seguindo para o acesso ao elevador, Alfredo encontrou novamente o funcionário. Este mal o conseguia encarar.

— Peço-lhe desculpa pela minha maneira de falar! — pediu o individuo.

— Deixe lá isso. — desculpou Alfredo.

— Pediram-me para que o levasse lá cima. — relatou o funcionário. — Parece que a jovem Marisa quer falar consigo.

Alfredo seguiu o homem até ao elevador. Ao chegarem junto às portas metálicas, estas abriram e por elas saiu Joana. Passou por Alfredo, meia apressada, atirando-lhe um:

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— É um menino!

Alfredo sorriu e entrou no elevador com o outro.

Joana caminhou pelo corredor, duvidando que Mário ainda estivesse por ali, após tanto tempo de espera. Sentia que ele despertava algo em si, algo que quisera esquecer durante muito tempo, mas que ele a fizera recordar. Estava a fazê-la sentir-se viva, ansiosa, nervosa perante ele e seduzida. Talvez ele já tivesse ido embora, deixando aquele dia como única recordação de se terem visto na vida. O seu coração começou a bater descompassadamente, quando constatou que ele permanecia à sua espera.

— Então? — perguntou Mário a Joana. — Já nasceu?

Joana lançou-lhe um sorriso carinhoso e quente, respondendo:

— Sim. É um menino.

Mário sorriu, sentindo-se feliz com a felicidade que ela lhe transmitia.

— Que vai fazer agora? Ainda vai ficar por cá?

— Não. Vou para casa.

— Vive longe?

— Em Fernão Ferro.

— Posso levá-la...

— Não vale a pena. — cortou Joana, ansiando por que ele insistisse.

Foi o que ele fez, argumentando:

— Já é muito tarde. Dê-me o prazer de a acompanhar a casa.

De facto, Joana ainda demoraria muito tempo para chegar a casa. Teria de ir para a paragem esperar que houvesse autocarros, algo difícil na madrugada de Natal. Se conseguisse transporte até ao comboio, teria nova espera relativamente ao que partiria para a Margem Sul. E, por fim, teria de percorrer o trajecto de autocarro, desde a estação até casa. Claro que perante um cenário destes, a boleia era tentadora. Porém, não era só a boleia que a tentava, era também a companhia de Mário.

— Se não se importar, agradeço-lhe a sua oferta. — disse Joana.

— Não me importo nada! Vamos.



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Mário e Joana saíram do edifício da Maternidade do Hospital de Santa Maria e caminharam pela noite fria até ao parque de estacionamento, do outro lado da avenida, onde ficara o carro dele, estacionado alguns metros mais abaixo. Cavalheirescamente, Mário abriu-lhe a porta do carro, fechando-a logo que ela entrou. Seguidamente, contornou o carro e entrou para o seu lugar.

Mal ligou a ignição o ar-condicionado automático do Audi A3 encarregou-se de fazer com que o interior aquecesse. Antes de partir, Mário olhou para Joana.

— Sei que já é tarde, mas... — começou por dizer. — Gostava de a convidar para tomar um copo!

Joana olhou para o relógio e repetiu:

— Já é tarde!

— Eu insisto. Afinal, amanhã é feriado.

— Hoje.

— Sim, hoje.

Joana acabou por aceder ao convite, o qual assentava lindamente nos seus desejos inconscientes de se manter perto dele.

Quando Alfredo chegou ao piso dos partos, teve de bater à porta para que alguém o deixasse entrar. Poucos instantes depois de dar duas pancadinhas na porta, uma enfermeira abriu-a e deparou-se com ele. O seu rosto denotava um enorme espanto, como se a presença de Alfredo ali fosse a coisa mais estranha do Universo.

— Que deseja? — perguntou numa postura ofensiva. — Não sei como consegui passar pela segurança, mas aviso-o já que não damos esmolas. Que descaramento, vir pedir dinheiro à porta de uma zona de partos.

— Não é nada disso. — negou Alfredo num tom calmo. — Avisaram-me lá em baixo para subir. Vim ver uma rapariga chamada Marisa.

— Não está cá nenhuma Marisa. Vá-se embora, antes que eu chame um segurança.

E fechou-lhe a porta da cara.

Por momentos, Alfredo ficou sem saber muito bem o que fazer, perdido por zonas que não conhecia. Talvez o melhor fosse mesmo ir embora, antes que que criasse mais problemas para si. Caminhou

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

até ao elevador e carregou no botão para chamar o ascensor. Contudo, este parecia parado num piso superior e sem intenções de descer. Alfredo acabou por descer pelas escadas.

Assim que desceu o primeiro andar, reparou no letreiro por cima da porta desse piso, o qual dizia “Berçário”. Será que Marisa já teria sido transferida para ali? Foi a questão que surgiu na sua mente. Como a porta estava entreaberta, decidiu espreitar. Encontrou um pequeno *hall* e uma segunda porta, completamente aberta, que dava acesso a um corredor onde se localizavam os quartos.

Antes que tivesse qualquer reacção, apareceu o segurança daquela zona.

— Eih! Quem és tu? Que fazes aqui? Andas a roubar, drogado de merda? — perguntava o homem caminhando para ele e não se apercebendo como estava a falar alto.

Alfredo levantou os braços em sinal de rendição e disse:

— Não! Procuo uma jovem chamada Marisa.

— Põe-te andar daqui, antes que te dê uma sova, mendigo do car...

Nesse instante, ouviu-se uma voz vinda do corredor:

— Que se passa aqui?

O segurança olhou para trás e disse:

— Temos um gatuno nas instalações!

Alfredo olhou para o homem e este não lhe pareceu estranho, apesar de não o reconhecer. E o outro olhou para ele, algo curioso.

— Como se chama? — perguntou o homem de vestes apumadas e ar de rico.

— Alfredo!

Alterando o seu semblante para um ar mais simpático e acolhedor, o homem constatou:

— Então é você, o mendigo que ajudou a minha filha.

Alfredo recordou-se então que vira aquele homem chegar à maternidade num carro luxuoso, acompanhado por uma senhora. Meio espantado por este se lhe dirigir como se o conhecesse, Alfredo viu-o dizer ao segurança para que o deixasse entrar.

— Não são permitidas visitas! — cortou friamente o segurança.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Quer que telefone, a esta hora, para o director do hospital, para ele o mandar deixar entrar? — perguntou o homem em tom ameaçador.

O segurança afastou-se e deixou Alfredo passar.

— Venha! — chamou o pai de Marisa. — Venha vê-la.

Sem saber muito bem o que fazer, Alfredo seguiu o trajecto do homem até ao quarto onde estava Marisa. Habitado como estava à forma como as pessoas o tratavam, temia qualquer surpresa pouco agradável. Que estaria a planear fazer com ele? Que humilhação o iriam fazer passar? Aquelas pessoas ricas desprezavam pessoas como Alfredo.

Ao entrar, viu a senhora que calculou ser a esposa do homem. Seguidamente, olhou para o lado e viu Marisa deitada na cama a sorrir-lhe, enquanto segurava o bebé.

— Boa noite! — disse Alfredo timidamente.

A mãe de Marisa aproximou-se dele e estendeu-lhe a mão.

— Queríamos agradecer-lhe o que fez pela nossa filha. — disse ela.

Alfredo sentiu uma mão no seu ombro e ouviu o pai de Marisa dizer:

— A nossa filha contou-nos como a ajudou. E como se manteve junto dela. Tentámos saber se ainda cá estava e, perante toda a sua espera, achámos que merecia conhecer o novo membro da nossa família.

— Obrigado por tudo! — agradeceu Marisa. — Quer pegar-lhe?

— É melhor não! — recusou Alfredo. — Estou todo sujo. Tenho receio que lhe faça mal.

— Terá oportunidade para o fazer. — lembrou o pai dela.

Alfredo sorriu, apesar de não perceber muito bem o que ele queria dizer com isso.

— Bom, temos de ir andando. — disse o homem. — Quer que o deixe em casa?

Alfredo sorriu ironicamente e respondeu:

— Não, obrigado!

— Algum sitio para onde vá? — insistiu o homem.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Eu desenrasco-me. — tornou a recusar. — Mas, obrigado, à mesma.

O homem ficou a olhá-lo com ar sério e indagou:

— Você não tem casa, pois não?

Alfredo encolheu os ombros, mas não disse nada.

— Venha, amigo! — convidou o homem. — Dê-me a honra de o ter em nossa casa, por uns tempos. Calculo que já não saiba o que é dormir uma boa noite de sono. Venha! É o mínimo que podemos fazer por si.

O convite era tentador, mas Alfredo temia sempre as segundas intenções ou o dia seguinte, o momento em que despertasse para a realidade. Preferiu dizer:

— Não fiz nada de mais, senhor! Não me devem nada! Fiz o que qualquer pessoa faria.

— Não, não fez! — contrariou o homem. — Pergunte à Marisa quantas pessoas passaram por ela, ontem de manhã! — Alfredo olhou para Marisa e o seu olhar respondia à pergunta. — Como vê, não fez o que qualquer um faria.

— Mesmo assim...

— Não tenha medo, amigo! — disse o pai de Marisa. — Por muito que toda a situação lhe pareça estranha, não receie nada de nós! Convidamo-lo de coração e braços abertos. É livre de não aceitar, claro.

As palavras e o tom do homem pareceram sinceros a Alfredo, o que o fez acabar por aceitar o convite.

X

Ao fim de algumas voltas pelas ruas da cidade de Lisboa, Mário concluiu que não encontraria nenhum bar aberto, onde tomar aquele copo com Joana.

— É melhor seguirmos já para Fernão Ferro! Está tudo fechado.

Mário não queria dar-se por vencido, nem tão pouco, ver a possibilidade de estar mais algum tempo com ela, esfumar-se. No entanto, com todos os bares fechados, só lhe restava uma hipótese.

— Quer vir beber qualquer coisa a minha casa? — convidou.

— É melhor não. — recusou Joana com um sorriso de quem adivinhava as intenções dele.

Mário lançou-lhe um olhar de relance, evitando perder a concentração na estrada, e disse:

— Não é nada disso que está a pensar.

— Não estou a pensar nada. — ripostou ela, rapidamente.

— Está. Eu sei que está. — insistiu ele. — Mas, garanto-lhe que não tenho qualquer intenção desse género. Gosto da sua companhia! Só estou a convidar para beber qualquer coisa e conversar, nada mais. Assim que quiser, eu levo-a para casa.

— E se eu quiser já?

— Deixa-me destroçado, mas não insistirei mais.

Fez-se silêncio.

Mário conduzia pela Rua Joaquim António de Aguiar, em direcção ao túnel.

— Preciso de uma resposta, Joana. Sigo para a ponte ou desvio para minha casa?

— Espero não me arrepender. — suspirou. — Desvie!

Ele conduziu o Audi A3 paralelamente ao túnel até parar no semáforo do cruzamento seguinte. As ruas estavam completamente desertas e nem nos edifícios se viam focos de luz, para além das ténues luzinhas de Natal deixadas acesas. Mesmo não havendo qualquer carro a circular, Mário respeitou o sinal vermelho até este passar a verde, altura em que arrancou, virando à esquerda em direcção ao Centro Comercial das Amoreiras.

A rua seguia numa direcção ligeiramente virada à direita. Mário contornou o complexo comercial até chegar à entrada das

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

garagens da torre sul. Carregando no botão de um pequeno comando, ele abriu o portão rolante que subiu até ao topo, deixando entrar o veículo.

Entrando pelo acesso, Mário conduziu pela garagem com a perícia de quem o fazia todos os dias, chegando rapidamente ao seu lugar de estacionamento.

Tudo estava completamente silencioso. Saíram ambos do carro e caminharam juntos para o elevador. Joana sentia um nervoso miudinho, quase arrependida por ter aceitado o convite e recriminando-se mentalmente pelas ideias de desejo que lhe passavam pela cabeça.

Mário comportava-se com naturalidade, preocupando-se em fazer tudo para que ela não se assustasse ou receasse qualquer intenção sua. Deixou-a entrar primeiro no elevador e entrou a seguir, carregando no botão com o número do seu andar.

A subida foi calma e silenciosa, não sabendo ambos o que dizer só para fazer assunto. O elevador parou no andar pretendido, fez ecoar um sinal sonoro, ao que se seguiu o abrir das portas. Mário voltou a dar prioridade a Joana e depois também deixou o aparelho, caminhando na direcção da sua porta.

O silêncio era tão intenso que até parecia ouvir-se a própria respiração. Mário meteu a chave na fechadura, rodou-a e abriu a porta. Entrou, acendeu a luz e disse:

— Entre, Joana! Esteja à vontade.

Joana entrou e ficou a olhar para o luxuoso apartamento. Não era qualquer bolsa que poderia suportar um apartamento daqueles, já para não falar em todas as coisas valiosas que se espalhavam pela casa, desde quadros, mobílias, aparelhos de som e imagem, etc...

— Vive sozinho? — indagou ela, quase sabendo a resposta.

— Sim.

Joana deixou-se conduzir até á sala e sentou-se no lugar do sofá que ele lhe oferecera.

— Que quer beber? — perguntou Mário.

— Que tem para oferecer?

Ele apontou-lhe o bar onde não parecia faltar nada.

— Pode ser um *gin*. — disse ela.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Mário caminhou até ao balcão e retirou dois copos, servindo um *gin* para ela e um *whisky* para si. Seguidamente, segurou os dois copos, um em cada mão, e atravessou a sala até ao sofá, sentando-se ao lado dela e entregando-lhe o copo.

Joana revelou-se inibida com a proximidade dele, o que fez Mário dizer:

— Não quero que se sinta desconfortável. Se quiser, sento-me ali.

— Não. Que disparate! — exclamou sem conseguir desprender-se do nervosismo. — Estou em sua casa...

— Não quero que pense que a estou a tentar seduzir. — interrompeu ele. — Garanto-lhe que não acontecerá nada que não seja pretendido por ambos.

A frase parecia não dizer nada e dizer tudo, ao mesmo tempo. Joana compreendeu que ele desejava aquilo tanto quanto ela, mas não faria nada que ela não quisesse. No seu íntimo, Joana sentia um profundo desejo de ir para a cama com ele, mas a razão assolava-lhe o espírito com a certeza que seria uma atitude precipitada.

— Tem muito jeito com crianças! — afirmou Mário, despertando-a dos pensamentos. — Já pensou em ser educadora de infância?

— O meu sonho é ser médica. — disse ela, bebendo um pouco de *gin*. — É para isso que estudo. Estudo à noite e trabalho de dia.

— Sim já me tinha dito. Imagino que seja uma vida cansativa. — constatou ele.

— Tem de ser assim. — continuou ela. — Preciso do emprego para pagar as contas, todos os meses.

Mário deu um golo na sua bebida e disse:

— Pode não parecer, mas compreendo isso, bastante bem. Já lhe contei que a minha família era pobre. Também existia o problema das contas para pagar, até das coisas mais básicas como a comida.

— A minha família também não é propriamente rica. — confessou Joana. — Felizmente nunca nos faltou o que comer e beber, mas não havia dinheiro para coisas supérfluas. — Mais um

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

golo. — Desde pequena que quero ser médica. Estudei para ter as melhores notas e candidatei-me ao curso de Medicina em Coimbra, mas acabei colocada em Lisboa, a terceira opção, pois as notas não eram suficientemente altas para Coimbra e Porto.

— Deve ter sido terrível, vir da província e enfrentar a vida quotidiana da capital. — lembrou ele. — Pelo menos, para mim foi. Recordo-me que quando vim estudar para cá, isto parecia a Nova Iorque que nós vimos nos filmes, tal era a confusão. E eu estava tão habituado ao ambiente pacífico de Sesimbra.

— Exactamente! — concordou Joana. — Em Ponte da Barca também era assim. Tudo calmo e tranquilo.

— Para nós, a maior confusão eram as festas.

— Sim, é verdade. Aquelas festas populares... Também as tínhamos lá.

— Eu gostava muito dos bailes! — confidenciou Mário. — E os meus avós obrigavam-me a ir na procissão e à missa.

— Também a minha mãe.

Soltaram ambos umas risadas, deliciados com as recordações.

— Ah... — suspirou Joana. — Também adorava ir aos bailes. Adoro dançar.

— Também eu. — confessou ele como se fosse algo que o envergonhasse. — Parece que temos muita coisa em comum.

— É! Parece que sim. — concordou ela, olhando-o enternecedoramente.

— Quer dançar? — convidou Mário abruptamente, ganhando coragem para o fazer.

Joana assentiu com a cabeça.

Levantando-se do sofá, Mário pousou o copo e dirigiu-se à alta-fidelidade. Pegou num CD e colocou-o no respectivo leitor, fazendo ecoar o *Separate Lives* cantada na voz inconfundível de Phil Collins. Regressou junto dela e estendeu-lhe a mão.

Ela aceitou a sua mão e deixou que ele a envolvesse com os seus braços, conduzindo a dança. Joana fechou os olhos, encostando a cabeça ao seu ombro e sentindo o cheiro do seu perfume.

Mário tocava-a como se ela fosse uma flor. Joana fazia-o sentir bem e despertava em si coisas maravilhosas que ele nunca



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

conhecera. A musica ecoava baixinho e entrava nos ouvidos de ambos, aumentando o clima de proximidade.

A meio da melodia, Joana afastou a cabeça do ombro dele e ficou a olhá-lo nos olhos, contemplando-o. Ele respondia ao seu olhar e começou a baixar a cabeça na sua direcção. Não, não deixes que te beije, pensava ela, ao mesmo tempo que desejava que aqueles lábios se colassem aos seus. Ele avançou e ela recebeu o seu primeiro beijo. Era doce, era quente e era terno. Ele beijava-a como se saboreasse a sua boca lentamente, analisando todos os pormenores.

— Não! — exclamou ela para espanto dele, afastando-se e retornando ao sofá.

— Fiz alguma coisa de mal? — perguntou atónito.

Joana abanou negativamente a cabeça.

Sem dizer nada, Mário desligou a musica e voltou a sentar-se a seu lado, olhando-a. Porém, limitou-se a ficar ali, estático, sem fazer perguntas, de forma a não a pressionar.

— O problema sou eu! — disse ela, por fim.

— Como assim?

— Você tem sido uma pessoa maravilhosa, mas...

— Mas?

Joana teve intenções de contar o que lhe acontecera, mas travou-se. Não tinha a certeza se deveria partilhar aquilo consigo. Encarou-lhe o olhar e constatou que ele aguardava uma justificação. Respirou fundo e relatou:

— Em tempos, tive uma grande paixão, quando vim viver para Lisboa. Peço que compreenda que não lhe conte pormenores, apenas lhe diga que saí muito magoada dessa relação. Desde então... — Fez uma pausa, procurando os termos certos. — Tenho deixado os relacionamentos para mais tarde.

— Percebo. — soltou ele.

— Lamento se o levei ao engano ou lhe frustrei alguma expectativa!

Mário lançou-lhe um sorriso e abanou a cabeça negativamente.

— Não! Não sinto nada disso. — disse ele. — Talvez tenha sido precipitado. No entanto, deixe-me dizer-lhe que não tenciono

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

aproveitar-me de si ou fazê-la sofrer. Sinto uma enorme atracção por si, confesso!

— Está a ver! — exclamou Joana, retribuindo o sorriso. — Afinal sempre me queria levar para a cama.

— Não diga isso assim. — pediu ele, perdendo o sorriso. — Não estou a querer isso ou, pelo menos, não dessa forma insensível como está a fazer transparecer nas suas palavras. A Joana parece-me uma pessoa especial. Para mim, está a tornar-se especial! E gostaria de desenvolver mais esta nossa relação. Acredite que seria gratificante poder partilhar a minha cama consigo, esta noite. Mas, aconteça isso ou não, não deixarei de a querer continuar a conhecer melhor e tentar ser especial para si.

As suas palavras derreteram completamente o coração de Joana que se sentiu a viver um conto de fadas. Aproximou-se dele e começou a beijá-lo, reiniciando o beijo apaixonado que interrompera antes. Inicialmente, fora tudo muito a medo, ganhando confiança, lentamente, até se entregar por completo. Ele correspondeu e abraçou-a, sentado no sofá, sentindo o calor da paixão apossar-se de si, tanto quanto estava a acontecer com ela. Trocaram beijos e mais beijos, cada vez mais íntimos, cada vez mais profundos. Mário abriu o abraço e começou a acariciar o tecido da saia, subindo depois para o tecido da camisola. Sentiu que o peito dela era firme. E o gemido dela quando o tocou, deu-lhe liberdade para continuar a massajá-lo.

Havia apenas um candeeiro aceso no quarto de Mário. Ele e Joana haviam entrado lá, abraçados e com o prolongamento do beijo. Andaram às apalpadelas para encontrar a entrada do quarto e o interruptor da luz. Joana franzira o rosto com a intensidade da luz do tecto. Por isso, Mário interrompeu o momento para a desligar e acender o candeeiro junto à cama. Fez tudo com enorme rapidez, abrandando para voltar a abraçar Joana e tornar a beijá-la.

Enquanto Mário a beijava, Joana desapertava-lhe os botões da camisa, um a um. Ele começou a procurar a bainha da camisola dela e puxou-a suavemente para cima até a fazer sair sobre a cabeça dela. Voltaram aos beijos, tendo da cintura para cima, ele unicamente a gravata e ela a camisa. Mário retomou a posição das mãos sobre os seios dela, deixando que ela lhe retirasse o cinto das calças.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

No entanto, antes que ela fizesse mais alguma coisa, ele interrompeu os beijos e levou-a a sentar-se na cama. Ajoelhou-se em frente a ela e iniciou umas carícias pelas pernas dela, fazendo a saia ir subindo ao ritmo dos seus toques. Ao fazê-lo, temperava-as com beijos suaves sobre os mamilos espetados dos seios dela que se empinavam sob o tecido da camisola. Joana deitou-se na cama, deixando-se cair com as sensações que ele lhe provocava.

A saia continuou a subir, revelando-lhe a roupa interior. Já descalça, Joana apoiou os pés na cama e elevou as pernas, o que fez a saia cair para a cintura, desnudando-a completamente. Mário começou a beijar-lhe as pernas, passando pelos joelhos e subindo até às coxas. Deu uma olhada de relance ao rosto de Joana e viu-a de olhos cerrados a soltar pequenos gemidos de prazer. Retomou os beijos nas coxas, prosseguindo a subida. O seu nariz tocou o elástico das cuecas, instigando-o a fazer algo mais sexual. Para gáudio dela, iniciou um conjunto de dentadinhas no tecido, acompanhadas do toque suave dos seus dedos. Os gemidos tornaram-se mais fortes, quando desviou o tecido e teve contacto directo com a pele de Joana, descobrindo o seu ponto mais íntimo e constatando como era belo.

Nunca ninguém a fizera sentir tanto prazer. Nunca ninguém andara por ali com tanta ternura e paixão. Mário tinha a capacidade de a tocar nos pontos mais sensíveis da forma que mais prazer davam a Joana. E ela gemia descompassadamente, abrindo a camisa e apertando os seios. Sentiu uma explosão interior que a fez ir às nuvens e voltar, sem sair dali.

Joana abriu os olhos e levantou-se, deparando-se com Mário e olhando-o a arder de desejo. Tornou a agarrar-lhe as calças, desapertando os botões e deixando-as cair aos seus pés. Foi a vez de Mário ir às nuvens com a retribuição do maravilhoso oral que ele lhe fizera.

Estava a ser fenomenal, a forma como ela lhe dava prazer. Contudo, ele não queria alcançar o êxtase daquela forma, por isso, pediu-lhe que parasse. Queria entrar nela tanto, quanto ela o queria sentir em si. Como que adivinhando os seus pensamentos, Joana ajoelhou-se sobre a cama e apoiou-se nos braços, empinando o rabo para ele. Mário respondeu com uma entrada rija, mas cheia de ternura, sedenta de conhecer as suas paredes mais íntimas.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Os corpos embatiam um num outro, aumentando o ritmo. Joana soltava gemidos enlouquecidos de prazer, perante a postura mais discreta dele, o qual franzia o rosto e quase não fazia barulho. Após alguns minutos de fricção, todo o calor da paixão que ambos sentiam se espalhou, levando Mário a deixar escapar um “Ahh” e Joana a soltar um “Ohhh” profundo.

Extasiados, Mário debruçou-se sobre ela e beijou-lhe as costas, transmitindo-lhe como fora bom fazer amor com ela. Encostou a boca ao seu ouvido e sussurrou:

- Passas cá a noite?
- Se quiseres.
- Claro que quero.

XI

Naquela manhã não houve despertador. Era dia de Natal e feriado como sempre. Mário acordou atordoado e dorido com a noite quente que tivera. Olhou para o relógio e percebeu que já restava muito pouco da manhã. Seguidamente, os seus olhos viram Joana a dormir tranquilamente a seu lado, o que o fez sentir uma enorme felicidade.

Habitando os olhos à claridade e andando aos ziguezague, Mário caminhou até à casa-de-banho e foi tomar um duche. Logo depois, regressou ao quarto para se vestir. A meio do arranjar a camisa dentro das calças e apertar o cinto, Joana acordou.

— Que se passa? — perguntou ensonada.

Ele direccionou o olhar para a cama e ajoelhou-se perto dela, ficando à altura de Joana. Ofereceu-lhe um beijo carinhoso na boca e disse:

— Dormiste bem?

— Maravilhosamente! — exclamou, encantada.

— Foi uma noite maravilhosa! — afirmou ele. — Foste maravilhosa!

— Também tu.

Mário acariciou-lhe o cabelo, encarando-lhe o olhar terno.

— Fazes-me sentir algo que nunca senti com ninguém. — confessou ele, perante o semblante meio envergonhado dela. — Estou apaixonado por ti, Joana!

Joana baixou a cabeça como se ficasse desiludida.

— Que foi? Disse alguma coisa que...

— Não, não. — interrompeu ela. — Surpreendeste-me!

— Porquê? — interrogou ele. — É assim tão estranho, estar apaixonado por ti?

Joana suspirou ligeiramente.

— A vida magoou-me muito no campo afectivo. — explicou ela. — Não ponho em causa que estejas a ser sincero. Apenas sinto alguma relutância... ou melhor, alguma desconfiança. É mais forte que eu, o levantamento de todas as defesas que fui criando.

— Não partilhas dos meus sentimentos?

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Pelo contrário. Talvez esteja tanto ou mais que tu! Só peço que tenhas paciência comigo.

— Eu amo-te Joana!

— Eu também.

Logo que disse aquilo, Joana desviou o olhar para o ar arranjado dele.

— Onde vais? Passa-se alguma coisa? Algum problema?

Mário lançou-lhe um sorriso apaixonado e respondeu:

— Não! Preciso de sair para resolver uns assuntos. Deixa-te estar aí. Aproveita e dorme mais um pouco.

— Vais demorar?

— Penso que sim. Quero passar pela casa dos meus avós para lhes dar um beijo e desejar um Feliz Natal. — comunicou ele, dando os últimos retoques no seu visual. — Não tenho sido um bom neto e vou tentar emendar isso, passando algum tempo com eles. Devo voltar ao fim da tarde. Queres vir comigo?

— Não! — recusou ela. — Os teus avós devem ter muitas saudades tuas e não deverão querer partilhar-te com mais ninguém. E também não me sentiria muito à vontade.

— Tudo bem. — aceitou ele. — Fica à vontade! Faz como se estivesses em tua casa.

— Se quiseres, posso ir contigo noutra altura. Terei muito gosto em os conhecer.

— Eu também gostarei que tu os conheças, querida! — Deu-lhe um beijo na testa e acariciou-lhe novamente o rosto. — Estás com cara de quem dormia mais umas horas.

— Lá isso é verdade.

— Não te preocupes! Estarei de volta ao fim da tarde.

E com aquelas palavras, deu-lhe um acalorado beijo na boca e seguiu o seu caminho.

Seguindo no elevador, Mário assobiava sozinho, alegremente, sentindo-se inundado de felicidade. Esperava que aquilo não fosse um sonho. E não era certamente, pois o olhar de Joana quando o observava não deixava dúvidas do que sentia por ele.

Quando as portas do elevador se abriram, Mário deparou-se com o enorme espaço de garagem, onde todos os carros dos proprietários ficavam arrumados. Caminhou pelo cimento pintado

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

com tiras brancas, localizando as zonas de estacionamento e de andamento, até chegar junto ao seu carro. Carregou na chave e os faróis amarelos piscaram duas vezes. Abriu a porta e entrou, ligando a ignição e partindo rumo aos objectivos que traçara para esse dia.

Logo que o Audi A3 alcançou a saída das garagens, Mário franziu o rosto com o brilho do Sol que resplandecia o ambiente citadino, condizendo com o seu estado de espírito. Virou à direita no primeiro cruzamento, seguindo em direcção à Rua Joaquim António Aguiar.

A sua primeira escala seria a esquadra da Policia de Segurança Pública, na zona da Avenida da Liberdade. Poucas pessoas se viam nas ruas e até a densidade de carros diminuía consideravelmente. Mário não teve dificuldades em estacionar a poucos metros do edifício da PSP.

Saiu do carro e ingeriu uma lufada de ar fresco com gosto, olhando para tudo como se estivesse perante todas as belezas do mundo. Tudo era belo, tudo era lindo, tudo lhe fazia lembrar Joana.

Entrou no pequeno prédio e dirigiu-se à recepção, onde um agente o recebeu.

— Bom dia! — cumprimentou Mário, olhando para a envolverência do local, como se se interrogasse onde estaria Sandrine.

— Bom dia! — retribuiu o policia, aguardando o motivo da sua entrada ali.

— Está cá uma mulher, presa, chamada Sandrine, não está? — perguntou Mário.

— Quem é o senhor? — interrogou o agente, pouco disponível para informações.

— Dr. Mário Ferreira! — apresentou-se.

— É o advogado?

— Não! Fui eu quem fez a queixa.

O policia olhou para ele, desconfiado, não percebendo o seu interesse em ali estar. Mário, sem que lhe perguntassem, disse:

— Gostaria de retirar a queixa.

— Retirar a queixa? — repetiu o agente, em jeito de pergunta.

— Quer retirar a queixa?

— Sim.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

O policia levantou-se da sua cadeira, atrás do balcão da recepção, e foi procurar uma pasta no meio de diversos processos. Encontrou a queixa relativa a Sandrine e disse:

— Diz aqui que o senhor apresentou queixa contra a jovem por esta o ter tentado apunhalar. É verdade?

— Sim, eu apresentei a queixa...

— Então, porque a quer retirar? Ela não o tentou apunhalar?

— Houve uma discussão entre nós, senhor guarda. — tentou explicar Mário. — Os ânimos exaltaram-se e perdemos a cabeça. Ela acabou por pegar numa faquinha de cortar papel, mas... Não acredito que fosse capaz de ir até ao fim. Ela errou, mas penso que uma noite na prisão, ainda para mais no Natal, já foi castigo suficiente.

— Isso compete ao juiz decidir. — contrapôs o agente, pouco receptivo à vontade de Mário.

— Mas, eu não posso retirar a queixa? — questionou Mário.

— Eu fui o visado pela acção dela e estou a perdoá-la. Que necessidade há em arrastar isto para os tribunais? A rapariga é jovem e impulsiva, teve o acto irreflectido, mas não magoou ninguém. Não acha que esta noite já foi castigo suficiente?

— O juiz é que decide.

Perdendo a calma, Mário olhou para o policia e argumentou:

— Não acredito que seja necessário levar o caso a tribunal, nem acredito que não se possa retirar uma queixa. Será necessário telefonar ao meu advogado e fazê-lo vir aqui para esclarecermos isto?

Quase que fulminando-o com o olhar, o agente encarou-o no regresso à cadeira, onde se voltou a sentar. Sem dizer uma palavra, puxou de uma folha de papel e colocou no topo do balcão.

— Preencha isso! É uma declaração de renuncia à queixa que efectuou.

Mário pegou na folha, segurou-a com a mão esquerda e retirou uma caneta, do bolso interior do casaco, com a mão direita com a qual escreveu o que entendeu. Não havia muito a completar naquela declaração, onde se transcreviam os dados pessoais e se assinava uma declaração que serviria para justificar a finalização de processo de queixa-crime. Não demorou muito tempo a completá-la, entregando-a seguidamente, num acto contínuo, ao agente.



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Qual é o passo seguinte? — indagou Mário.

A postura de pouca receptividade a diálogos não se alterou no agente. Sem olhar para Mário, o homem retirou a folha de cima do balcão e respondeu:

— Teremos que executar algumas formalidades, mas ainda hoje será libertada.

— Obrigado! — agradeceu Mário. — Seria possível vê-la?

O policia lançou-lhe um olhar de reprimenda, como se lhe propusesse algo estapafúrdio.

— Vou partir em viagem e gostaria de lhe dar uma palavrinha, antes de ir. — insistiu Mário.

Olhando em redor, o policia fê-lo ver que não havia mais ninguém ali, dizendo:

— Lamento, mas não posso sair daqui para o levar lá. Se quiser, pode aguardar que chegue algum colega...

— Se me indicar o caminho, posso ir sozinho. — sugeriu Mário.

Percebendo que não se livraria facilmente dele, o policia acabou por o levar até à entrada do corredor dos calabouços e indicar-lhe a “última cela, ao fundo”.

Quando ouviu os passos no corredor, Sandrine levantou-se da pequena cama onde se sentara. Passara uma noite horrível e tinha sinais evidentes no rosto da noite mal dormida. O som das solas a embater no piso frio fizeram-na constatar que não era nenhum agente, pois o som da passada era diferente. Os seus olhos iluminaram-se e o seu coração bateu mais depressa com a possibilidade de Jacinto ter regressado. De entre tanta pouca sorte, congratulava-se por toda a situação lhe ter permitido conhecer uma pessoa maravilhosa como ele.

Os passos aproximavam-se. Sandrine compôs a roupa, apurando-se no seu aspecto desmazelado de quem passara a noite numa cela da esquadra da PSP. Mal segurou as grades de ferro, deu de caras com Mário. Assustou-se. Seguidamente, tomou consciência da frustração por não ver quem queria e ver quem não queria. E ódio apossou-se dela.

— Que fazes aqui? — interrogou irada.

— Tem calma! — aconselhou Mário.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Calma? — questionou Sandrine. — Como podes pedir calma, depois de me teres feito passar a noite de Natal na prisão? És um filho da puta, meu cabrão de merda!

Por incrível que pudesse parecer, Mário mantinha-se calmo.

— Vim retirar a queixa. — disse-lhe secamente e sem esperar algum agradecimento ou mudança de atitude.

A noticia também apanhou Sandrine de surpresa, apesar de não a fazer alterar a agressividade. Contudo, não soube o que dizer e permaneceu calada, limitando-se a encará-lo com toda a cólera no olhar.

Aproveitando o seu silêncio, Mário disse:

— Retirei a queixa contra ti. Não sei quando te vão libertar, mas informaram-me que será ainda hoje. Estou disposto a esquecer o que aconteceu. Acho que esta noite, aí, já foi castigo suficiente. Devo avisar-te também que na próxima Segunda, falarei com o Bragstad para que te readmita na empresa.

— Qual é a tua ideia, estupor? — inquiriu ela, segurando com tanta raiva as grades que quase esmagava as mãos contra o ferro. — Que te leva a pensar que quero o que quer que seja de ti? Tiraste a queixa? Não sei o que te motivou a fazê-lo. Mas, não será isso que fará com que te deixe de odiar.

— Podes odiar à vontade. É um direito teu. — ripostou ele. — No entanto, é isso que farei. Se quiseres aceitar novamente o cargo, ele é teu. Se não o quiseres... Bom, é uma decisão tua. Não tenho nada com isso. Porém, estou disposto a ajudar-te na empresa.

— Ouve, pulha! — chamou Sandrine. — Achas que sou estúpida? Pensas que acredito nessa personagem de bom samaritano? Sei quem tu és e o que és. Não olhas a meios para atingir os fins a que te propões. Que queres em troca?

— Nada! — exclamou, encolhendo os ombros. Sabendo que dificilmente a faria alterar a ideia que tinha dele, optou por abandonar o local. — Até Segunda!

Sandrine ficou a vê-lo afastar-se, com os olhos carregados de ira e estupefacção.

Logo que saiu a porta da esquadra, Mário deu de caras com Jacinto.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Mário? — interrogou o outro espantado, como se a presença do primeiro, ali, fosse mais estranha que a neve numa tarde de Verão.

— Feliz Natal, Jacinto! — desejou-lhe Mário sem parar a passada.

Isso deixou ainda mais incrédulo Jacinto que não foi capaz de proferir uma palavra que fosse.

Sem perder muito tempo, Mário entrou no Audi A3 e ainda teve tempo de ver Jacinto entrar na esquadra. Pegou no telemóvel e digitou os algarismos correspondentes ao numero de telefone do Dr. Tomé.

Ouviu o sinal de chamar, mas sem que ninguém aparecesse do outro lado da linha. Mário sentia-se impaciente, pois traçara determinados pontos que queria resolver, os quais queria que ficassem tratados o mais rapidamente possível.

Era estranho a forma como passara a ver as coisas nas últimas vinte e quatro horas, como se tivesse ficado curado de uma cegueira de consciência. Recriminava-se constantemente para si, cada vez que se lembrava das atitudes que tomara para com todos os que o rodeavam. Sentia uma necessidade terrível de remendar os males do passado com uma urgência louca.

Foi necessário voltar a tentar a ligação uma segunda vez para que o Dr. Tomé atendesse.

— Tou? — respondeu uma voz trémula.

— Dr. Tomé?

— Sim.

— Fala o Dr. Mário Ferreira. — identificou-se Mário, usando do mesmo ar altivo de sempre, apesar de não o ter feito propositadamente. — Onde é que o senhor andava? Estava a ver que ninguém atendia.

O outro sabia quem lhe estava a telefonar, talvez fosse isso mesmo que o fez hesitar em atender da primeira vez. Gaguejava ligeiramente, cada vez que dizia uma frase a Mário, quase como se tivesse medo dele.

— Então? Fez o que lhe mandei, ontem? — interrogou Mário.

O Dr. Tomé não respondeu de imediato, deixando antever que não o fizera e procurava uma explicação para o sucedido.

— Vejo que não o fez. — respondeu Mário a si próprio.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Não tive coragem de despedir as pessoas na véspera de Natal. — confessou o Dr. Tomé num lamurio. — Assumo a responsabilidade por isso. Garanto-lhe que o farei na próxima Segunda.

— Não vai nada. — contrapôs Mário.

— Vou sim. — insistiu o outro. — Tem a minha palavra...

— Não é preciso. — interrompeu Mário. — Eu próprio tratarei do assunto.

Continuando num gaguejar nervoso, o homem disse:

— Peço-lhe que me deixe tratar disso. Prefiro que saibam a noticia por mim, a recebê-la de um estranho que não conhecem.

— Oiça, Dr. Tomé! — chamou Mário, enfadado com tanta lamúria. — Não vamos despedir ninguém!

Seguiu-se um silêncio que denunciava toda a surpresa do Dr. Tomé do outro lado da linha. Mário não se pronunciou até que o outro dissesse:

— O quê? Como assim?

— Fui sensível aos seus argumentos, relativamente à empresa. — explicou Mário. — Pensei noutra solução e penso ter encontrado uma hipótese para mantermos essa empresa e os seus trabalhadores.

— Espero que não seja uma brincadeira de mau gosto?! — recebeu o Dr. Tomé.

— Acha que sou homem de brincadeiras, Dr. Tomé? — indignou-se. — São assuntos sérios! Estamos a falar do futuro de muitas pessoas. Acha que ia brincar com isso?

— Mas, ainda ontem...

— Esqueça o ontem, homem! Pense no amanhã.

Mais uma pausa, na qual pareceu a Mário ouvir um soluçar por entre o silêncio. Como já transmitira a sua mensagem, acabou por dizer:

— Tenho de desligar, Dr. Tomé.

— Muito obrigado! — balbuciou o outro. — Deus o abençoe! Um Feliz Natal para si, Dr. Ferreira!

— Feliz Natal para si também, Dr. Tomé! — desejou ele. — Segunda, falaremos melhor.

E desligou a chamada.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Deitou mais uma olhadela ao edifício na esquadra e imaginou a surpresa que Jacinto teria, quando soubesse que ele desistira da queixa contra Sandrine.

Sem perder mais tempo, colocou o telemóvel no kit mãos-livres e virou a chave do carro, ligando a ignição. Arrancou com o carro e dirigiu-se ao cruzamento, de forma a regressar à Avenida da Liberdade. Parou no sinal vermelho e contemplou as ruas citadinas desertas.

Olhando para o telemóvel, marcou o número de casa dos seus avós. Ouviu o toque de chamada, simultaneamente que a luz vermelha apagava e a verde se acendia.

— Tou? — ouviu a voz da avó a dizer.

— Olá, avó! É o Mário.

Quase automaticamente, retomou o movimento do veículo, dirigindo-se na direcção do Marquês do Pombal.

— Estava a pensar passar por aí, esta tarde. — disse-lhe o neto. — Vão estar por aí? Não vou incomodar?

— Claro que não, Mário. — respondeu-lhe a avó emocionada. — Temos tantas saudades tuas. Eu e o teu avô gostamos muito que cá venhas.

Mário já havia contornado a rotunda e começara a subir em direcção às Amoreiras. Não se dirigia para casa. Ia tomar o caminho para a Ponte 25 de Abril, no desvio antes do Viaduto Eng. Duarte Pacheco.

— Sabe, avó? Aconteceu-me uma coisa maravilhosa!

— O quê? — interrogou a idosa. — Tens que me contar quando cá chegares.

— Posso contar-lhe já. — sugeriu ele. — Vou relatando, enquanto me dirijo para aí.

XII

— Que foi que fizeste? — interrogou Sandrine a Jacinto, logo que o viu e depois de o abraçar. — Como o convenceste a retirar a queixa?

— Não fiz nada, Sandrine. — confessou Jacinto, abraçando-a e sentindo o privilégio de ter aquela mulher linda nos braços. — Sei tanto como tu.

Sandrine revelou pouca vontade de permanecer ali, por isso, sugeriu a Jacinto que continuassem a conversar fora da esquadra. Abraçou o braço dele e deixou-se levar para a rua.

— Cruzei-me com o Mário, quando cheguei. — contou ele. — Nem parou e desejou-me um “feliz Natal”. Acho que foi a primeira vez na vida que o ouvi proferir semelhante frase.

— Que lhe terá acontecido?

— Não sei. — disse, encolhendo os ombros. — Mas, fosse o que fosse, ainda bem que aconteceu. Estou muito feliz por estares livre.

— Eu também. — afirmou ela. — E também estou feliz por estares aqui comigo.

Por instantes, olharam-se nos olhos como se fosse acontecer algo mais. No entanto, não passaram do olhar. Sandrine interrompeu o momento, dizendo:

— Preciso de um banho! Sinto-me imunda.

— Queres que te leve a casa?

— Tu não vives mais perto? — interrogou ela.

— Vivo, mas tu...

— Importaste que tome banho em tua casa?

— Não. — negou ele, meio confuso.

Perto do carro dele, Sandrine sugeriu:

— Estava a pensar em passar o Natal contigo. Que achas de um banho quente comigo? Podes lavar-me as costas ou... — sorriu-lhe trocista. — ...onde quiseres.

Jacinto abriu-lhe a porta do carro, engasgando-se com a sugestão do que poderiam fazer. Teve receio que ela interpretasse mal o que sentia por si. Estava atraído por ela, mas não a queria

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

para sexo ocasional, queria-a para algo mais profundo, mais apaixonado. Ganhou coragem, respirou fundo e disse-lho.

Sandrine olhou-o nos olhos e envolveu-o com os seus braços, entregando-lhe um beijo apaixonado.

— Este é o primeiro dia do resto da nossa vida! — disse-lhe.

— Da nossa vida, juntos!

O dia continuava radiante, cheio de Sol e com um frio menos intenso que na véspera. Mário conduzia animado, já bem perto de Sesimbra, indiferente ao clima exterior, pois o seu ar condicionado protegia-o.

— Não imaginas como fico feliz com o que me contas! — exclamou a sua avó, por entre o ruído da estática.

— Ela é muito especial, avó.

— Como é que se chama?

— Joana.

Ao longo de toda a viagem, Mário viera a relatar as últimas vinte e quatro horas com todos os pormenores, desde que conhecera Joana. Notava-se no seu tom de voz e na forma como relatava os factos, como estava feliz.

— Vou desligar, avó! Já estou perto.

— Ficamos à tua espera.

Mário carregou no botão do telemóvel para terminar a ligação e continuou a conduzir pela estrada sinuosa. Não faltariam muitos quilómetros até entrar em Sesimbra.

No entanto, antes de chegar à localidade, Mário viu uma mulher pouco mais nova que ele, junto à estrada, acenando aos automobilistas. Os dois carros que seguiam à sua frente não lhe ligaram. A situação fê-lo recordar os acenos de Alfredo no dia anterior. Estava numa época de boas acções, pensou para si, quando tomou a decisão de parar perto dela.

Mal abriu a porta do carro, Mário sentiu a diferença de temperatura. Saiu do Audi A3 e fechou a porta, trancando-o. O vento soprava forte, muito mais forte que em Lisboa, o que não era estranho, estando ele no alto de um penhasco árido.

A mulher estava desesperada e o seu semblante revelava toda a apreensão e pânico que sentia.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— O meu filho! O meu filho! — repetia-lhe, puxando-lhe o braço. — Ajude-me, por favor! O meu filho caiu ali.

Mário olhou para a direcção que ela apontara, um precipício terrível, bem perto do mar, com uma altura de mais de cinquenta metros. Mário conhecia bem o local, pois ia para lá, na sua juventude, olhar para o mar e para o horizonte longínquo.

— O seu filho caiu? — perguntou Mário, vendo a confirmação da mulher e calculando que deveria estar morto. Já ia para dizer isso mesmo, quando a visão junto à berma do penhasco o surpreendeu. Os seus olhos nem queriam acreditar na sorte do miúdo de cinco anos que se despenhara do topo da ravina, mas tivera a felicidade de aterrar numa pequena saliência da encosta, uns cinco metros mais abaixo do ponto onde eles estavam.

— Por favor, senhor! Salve-o!

— Tenha calma. — pediu Mário. — Já chamou os bombeiros?

— Não! Não trouxe telemóvel. E ninguém parou até o senhor chegar.

Mário foi ao carro e retirou o telemóvel do suporte na consola entre os bancos da frente do carro. Regressou ao exterior e voltou a trancar o carro, lutando com as rajadas fortes de vento. Olhou para o aparelho e marcou o 112. Teve de esperar algum tempo até que alguém o atendesse e ele pudesse comunicar o que se passava. Tomaram nota da ocorrência e o individuo no centro de atendimento de chamadas informou Mário que iria seguir uma viatura para o local.

Ao desligar, Mário olhou para a mulher. Sem ter tido essa intenção, reparou que não era particularmente bonita e recriminou-a mentalmente por não ter tomado as devidas precauções, quando para ali levou a criança. Agarrada à cabeça com os cabelos a esvoaçar desordenadamente, ela mantinha-se à beirinha da ravina, olhando lá para baixo. Mário aproximou-se dela e foi observar o rapaz. Este permanecia em choque, encostado à parede da ravina com os pés bem apoiados na superfície da saliência. Mário pensou em chamá-lo e acalmá-lo, mas teve receio de o assustar e fazer cair.

O maior receio de Mário era o vento, demasiado forte para a estrutura física de uma criança presa numa saliência de um penhasco como aquele. Temia que as rajadas o fizessem desequilibrar e o atirassem para uma queda fatal de cinquenta metros em direcção às rochas, junto à costa.



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Que raio de ideia, trazer uma criança para aqui. — suspirou Mário, sem que a mulher lhe prestasse atenção.

Mário começou a analisar a ravina. Esta não era completamente íngreme, fazendo um ângulo de setenta ou oitenta graus até à saliência, cinco metros mais abaixo. Havia muita gravilha e pedras minúsculas bastante traiçoeiras. Contudo, não lhe pareceram obstáculo a quem tentasse descer com precaução.

Não passara muito tempo, mas a impaciência pela chegada dos socorros triplicava a noção temporal. Mário não tirava os olhos da criança que abanava com cada rajada forte do vento que fustigava a encosta. Temendo um desfecho trágico, Mário tomou uma decisão.

— Eu vou lá buscá-lo! — decidiu com firmeza.

A mulher olhou para ele, considerando uma loucura, aquilo que aquele desconhecido se propunha fazer. Ainda pensou em contrariá-lo, mas como talvez fosse a única hipótese de salvar o seu filho, ela calou-se e deixou-o ir.

Mário iniciou a descida, pateando ligeiramente cada pedaço de pedregulhos onde colocasse os pés. O vento parecia mais forte, ali. Talvez fosse só impressão ou maior sensibilidade devido ao medo. Evitava olhar para baixo, limitando a espreitadela ao local de aterragem da criança. As ondas roncavam fortes, embatendo na costa, o que o irritava mais, pois quebrava-lhe a concentração. Desceu o mais devagarinho que a prudência obrigou e tão rapidamente quanto o receio lhe permitiu. Ao fim de alguns minutos, alcançou a saliência e o miúdo.

— Estás bem? — perguntou-lhe.

A criança em choque não disse nada, mas abanou a cabeça afirmativamente. Mário reparou que ele não tinha lesões graves, revelando apenas alguns arranhões e escoriações.

— Ele está bem! — gritou para a mulher que o olhava aterrorizada. — Vou levá-lo para cima.

— Tenha cuidado! — exigiu ela, antes de desviar o olhar para a estrada.

Mário percebeu que mais alguém chegara. Por momentos, calculou ter sido algum carro dos bombeiros. Porém, não ouvira as sirenes e o homem que apareceu lá em cima, junto à berma, confirmou isso mesmo.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

O homem demonstrou-me muito prestativo, dizendo logo:

— Em que posso ajudar?

— Tem alguma corda consigo? — perguntou Mário.

— Não.

— É melhor esperar pelos bombeiros. — sugeriu a mãe da criança.

— Eu consigo levá-lo para cima. — argumentou Mário.

— A senhora tem razão. — disse o homem. — É melhor aguardar pelos bombeiros. Eles têm material indicado para vos retirar daí em segurança.

— Está muito vento, aqui. — ripostou Mário. — Tenho medo que possamos ser atirados lá para baixo, com a força do vento.

O homem olhou em frente, como se estivesse a observar o vento, e acabou por assentir com a cabeça, concordando com os receios de Mário.

— Vamos subir! — avisou Mário. — Vou levá-lo à frente. Assim que estiver ao seu alcance, puxe-o!

O homem voltou a abanar a cabeça e inclinou-se ligeiramente, aguardando a escalada.

— Anda, rapaz! — ordenou ele ao miúdo. — Eu apoio-te e tu vais subindo devagarinho.

O rapaz hesitava várias vezes, antes de cada passo que dava, tremendo de medo e em pânico. Mário ia dando-lhe indicações de onde colocar os pés e onde se segurar. Apesar de nova, a criança acatava todas elas, consciente de que o mínimo deslize poderia custar-lhe a vida.

Aos poucos, foram subindo. Mário olhou para cima, apoiando a escalada da criança, e viu que o homem se deitara no chão para que os seus braços tivessem um alcance maior. Reparou também nas lágrimas desesperadas da mãe da criança, roendo as unhas freneticamente.

Mal o miúdo ficou ao alcance do outro homem, este agarrou-lhe a mão e puxou-o para cima, encaminhando-o para a salvação. Mário estava a meio caminho e alegrou-se por ter contribuído para o resgate bem sucedido. Nesse instante, começou a ouvir-se as sirenes de um veículo de socorro dos Bombeiros Voluntários de Sesimbra. A criança correu para a mãe e o homem voltou a deitar-se no chão para ajudar Mário.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Venha! — exclamou ele. — Dê-me a sua mão.

Dissera-o de uma forma que parecia rezear que Mário ficasse ali acampado. Contudo, Mário ficara relaxado com a constatação de que salvara a criança e inebriara-se com a chegada dos bombeiros que se aproximavam a toda a velocidade. Já se imaginava no meio de saudações heróicas e pensava na melhor forma de proferir frases como “não foi nada” ou “qualquer um teria feito o mesmo” ou ainda “não fiz mais que a minha obrigação”. Tudo numa falsa modéstia de quem esperava ser saudado vezes sem conta.

— Venha! — gritou-lhe novamente o homem.

Ainda vou ser conhecido como o salva-vidas, pensou para si. Sorriu para si mesmo e congratulou-se por mais uma boa ação. Como sabia bem fazer coisas boas aos outros. Como poderia nunca ter percebido isso em tanto tempo.

O carro dos bombeiros parou atrás de um carro preto que estacionara atrás do Audi A3 de Mário. Após esse instante, Mário desviou o olhar daí para a mão do homem. Estendeu a sua e quase a agarrou, não fosse o seu pé ter escorregado na gravilha. Mário sentiu um arrepio de pânico na espinha. Rapidamente percebeu o que estava a acontecer, sentindo o outro pé resvalar com o desequilíbrio do corpo. Mário caiu desamparado contra a encosta e sentiu o rosto ferir-se com as lascas afiadas das rochas. As suas mãos procuravam, desesperadamente, algo em que se agarrar, enquanto o corpo escorregava tragicamente pela encosta. Mário calculou que iria passar na saliência de onde viera e preparou-se para conseguir travar ali. No entanto, a saliência era demasiado pequena para travar a queda desamparada de um adulto. Mário sentiu a pancada forte nas costas, quando embateu na saliência. O impacto fê-lo saltar e continuar a cair. Ouviu os gritos da mulher. Começou a cair de pernas para baixo e viu lá no alto, a mulher, o homem e os bombeiros a ficarem mais pequenos. O impacto afastara-o da encosta, mas o ângulo de inclinação da falésia fazia-o aproximar-se das rochas novamente. Novo impacto, sentiu ossos a quebrarem-se e dores horríveis. Viu a vida a passar-lhe em frente aos olhos e a sua mente só via a imagem de Joana. Lamentava as coisas que fizera mal e a falta de tempo para as emendar. Sabia o seu destino e sabia que apenas a distância do fundo da encosta o separava da morte. Novo choque com as rochas. O corpo caía desamparado e o peso da cabeça fê-lo ficar de pernas para o ar. Os

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

seus olhos viram a aproximação do solo rochoso, a grande velocidade. Porém, o ângulo de queda atirou-o novamente contra as rochas do declive. O último impacto fora brutal e fizera-o perder a consciência, pois a sua cabeça embatera na escarpa rochosa. Viu o aproximar de pedras afiadas e numa fracção de segundo tudo ficou negro, como se estivesse a ver um filme e tivesse faltado a luz, deixando uma realidade negra. Mário não sentiu mais nada.

As pessoas que testemunharam o acidente, no instante daquele último impacto, ouviram um som semelhante a um melão que é atirado ao chão, rebentando. Não era preciso ser um especialista no assunto para perceber que o embate fora fatal, pois o corpo já não se debatia nos últimos metros da queda, estatelando-se entre duas rochas enormes. Incrédulos, todos ficaram a olhar lá para baixo, para o corpo sem vida, fustigado pelas ondas do mar que investiam pelas rochas.

## Dez anos depois

### XIII

Haviam passado mais de dez anos, desde a morte de Mário. É certo que ainda tivera tempo para emendar alguns dos seus erros. Porém, algumas coisas não tiveram solução. Sandrine não voltou a ser readmitida na empresa, pois ele nunca chegara a falar com Bragstad. De nada valeram os pedidos de Jacinto, pois não beneficiava da mesma influência que Mário tinha nele. Valeu a Sandrine o apoio daquele homem maravilhoso, de nome Jacinto, que nunca a abandonou e com quem viria a casar.

O Dr. Tomé também não conseguiu salvar a sua empresa. Após a morte de Mário, não havendo ainda a formalização da compra das acções, o negócio gorou-se, tendo o pobre Dr. Tomé que as vender a alguém pior que Mário, o qual executou o primeiro plano de falência.

Os avós de Mário herdaram toda a sua fortuna, mas nada poderia substituir a presença do neto. E Joana...

O Sol radiante inundava a capital com calor, naquele mês de Agosto. Em frente ao complexo hospitalar de Santa Maria, continuava o parque de estacionamento pago, o qual deveria servir os utentes do Hospital de Santa Maria e da Cidade Universitária.

Matos Fernandes era um advogado prestigiado em Lisboa, com uma carreira de mais de vinte anos, conceituado e eficaz. Caminhava para a saída do parque, logo após ter estacionado lá o seu carro. Tinha como destino Santa Maria, mas não perdera tempo em tentar entrar lá com ele, pois o local estava pejado de seguranças que tinham como objectivo evitar estadias não autorizadas dos automóveis que lá entrassem. Era incrível, pois não havia médicos suficientes, não havia enfermeiros suficientes, não havia segurança no interior dos edifícios, mas... havia gente para evitar que os utentes deixassem lá os carros. Será que esta medida estava relacionada com aquele mesmo parque, o qual era propriedade do estado, tal como o hospital? Quem sabe?

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Nem com a alta temperatura, o Dr. Matos Fernandes despiu o casaco, caminhando sob o Sol quente com o cabelo grisalho suado. Segurava a maleta de trabalho na mão direita e dava passadas apressadas pelo passeio. Passou pelos portões da entrada do hospital e dirigiu-se a um segurança.

— Onde é a Pediatria? — perguntou ao homem de semblante antipático.

— Lá em cima. — apontou o outro. — No edifício da maternidade.

O advogado olhou para o edifício, observando seguidamente o trajecto que teria de percorrer. Sem perder tempo, prosseguiu o seu percurso, atravessando as zonas de alcatrão, dentro do complexo, e iniciando a subida pela elevação até ao edifício da maternidade.

Existia uma primeira porta pelo lado por onde ele se aproximou, mas não era essa que deveria utilizar. Cortara caminho pela relva e por entre os carros estacionados, chegando ao local e sentindo o suor a escorrer pelas costas. Aproveitando a saída de uma enfermeira, interpelou-a, indagando:

— A Pediatria é aqui?

— Não. — respondeu a senhora, usando uma expressão neutra. — Tem de contornar o edifício e entrar pela outra porta.

Ainda mal chegara e já estava farto daquele local. Considerando as indicações da senhora, o advogado voltou a atravessar o estacionamento. Deparou-se com mais relva e desceu por um declive em terra batida, tendo alcançado um passeio, o qual subiu até ao topo, local onde ficava a segunda porta, a entrada da Maternidade.

Já não era novo e sabia-o bem. Parou uns instantes à sombra da entrada, procurando recuperar o fôlego e comendo a roupa, meio desalinhada com o andamento apressado. Respirou fundo e entrou, só parando junto ao balcão de atendimento.

— Bom dia! — cumprimentou.

— Diga! — respondeu um homem antipático.

— Onde fica a Pediatria?

— Que deseja? Tem consulta marcada?

— Não! Sou advogado e...

— Então tem de marcar consulta! — exclamou num repêlo o indivíduo.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Eu sou advogado! — repetiu Matos Fernandes.

— Até pode ser o Papa! — desdenhou o outro. — Consultas, só com marcação.

— Mas quem lhe disse que eu quero uma consulta? — interrogou irritado. — Deixe-me acabar de falar, se faz favor.

O funcionário ficou a olhá-lo, aguçando a antipatia, mas deixando-o prosseguir.

— Venho falar com uma médica da Pediatria. — explicou o Dr. Matos Fernandes. — Não é nenhuma consulta. São assuntos pessoais.

— Quarto piso. — informou-o secamente.

— Obrigado. — agradeceu o advogado com azedez.

Caminhando de forma mais calma, o Dr. Matos Fernandes procurou o elevador, o qual não foi difícil de encontrar. Carregou na seta para subir e as portas abriram-se. Entrou e pressionou o botão com o número quatro. Sentiu o elevador começar a subir vagarosamente, vendo a numeração crescer sobre a porta. Quando o “4” acendeu, o elevador parou e as portas abriram-se. Matos Fernandes deu duas passadas e saiu do interior, olhando expectante em redor com toda a confusão no olhar de quem não conhecia o sitio onde estava.

À esquerda, as portas davam passagem para as escadas. Em frente, o desconhecido. Avançou pela segunda hipótese e encontrou uma porta aberta e uma enfermeira.

— Por favor, minha senhora! — chamou ele.

A enfermeira sorriu-lhe e disse:

— Si.

Matos Fernandes percebera-lhe o sotaque espanhol, era uma das muitas enfermeiras e enfermeiros espanhóis que ao longo do tempo foram povoando o Sistema Nacional de Saúde.

— Procuo a Dr. Joana...

— A Dr. Joana? Si. Segunda puerta a la izquierda.

— Obrigado.

Mais uma etapa rumo ao seu objectivo. Encontrou uma porta castanha grande e fechada, tal como todas as outras naquele corredor escuro. Não lhe passou despercebido o brilho que se

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

escapava por baixo da porta. Deu duas pancadas leves e secas na madeira.

— Sim. — disse uma voz feminina.

O Dr. Matos Ferreira abriu a porta e franziu o rosto, defendendo-se da diferença de claridade entre os dois locais, responsabilidade das enormes vidraças.

O advogado vinha numa demanda de vários anos. Procurara Joana a pedido dos seus clientes, desesperando muitas vezes com a falta de resultados, mas nunca desistindo. Pouca coisa sabia dela. Contudo, não conseguiu evitar o espanto ao vê-la pela primeira vez. Sabia que iria encontrar uma mulher de trinta e dois anos, segundo as informações que tinha, que se formara em Medicina na especialidade de Pediatria. A sua surpresa fora consequência do aspecto agastado que se revelava no rosto da médica, a quem não daria menos de quarenta e tal anos, se não soubesse a idade.

— Dr. Joana? — perguntou, julgando ter-se enganado.

— Sim. — confirmou ela. — E o senhor, quem é?

O advogado entrou no gabinete, aproximou-se da secretária da médica e apresentou-se:

— Dr. Matos Fernandes, advogado!

— Advogado? — interrogou Joana.

— Sim. Sou advogado da família Ferreira.

A confusão de Joana aumentou ainda mais. “Família Ferreira”? Quem eram? Não fazia a mínima ideia. Pensou tratar-se de algum processo por negligência médica. Mas, no seu caso, só poderia ser engano, pois era reconhecido o seu mérito profissional e tinha uma folha de serviço sem um mínimo erro ou advertência.

— Peço desculpa, doutor! Mas, não conheço nenhuma família Ferreira. — informou Joana, num tom de quase despedida.

— Conheceu, certamente, um senhor que se chamava Mário Ferreira.

Joana sentiu uma pontada aguda no coração. Havia mais de dez anos que não ouvia aquele nome e proibira-se a si mesma de o repetir. Mesmo com todos os anos passados, a dor continuava lá, sempre à espera de uma recordação para a fazer desabar num pranto desesperado de infelicidade. Contudo, Joana segurou as emoções, mas sem ser capaz de esconder o reconhecimento do nome.



## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Sei que a doutora conheceu o Dr. Mário Ferreira. — prosseguiu o advogado. Joana abanou a cabeça afirmativamente, mantendo-se muito tensa, como se segurasse todos os músculos do corpo para que nenhum a traísse. — Deve saber o que lhe aconteceu?!

— Sei que... — engasgou-se com os nervos, soluçando ligeiramente. — Sei que morreu.

— Morreu no dia em que a conheceu. — completou o advogado.

— Não. No dia seguinte. — emendou a médica.

— Sabe como? — interrogou Matos Ferreira.

Joana encolheu os ombros, baixou o olhar e abanou a cabeça negativamente.

— Salvou uma criança que caíra num precipício, perto de Sesimbra. — relatou. — Infelizmente, no regresso, quis o destino que escorregasse e fosse atirado para uma queda fatal de mais de cinquenta metros.

O reconhecimento do facto pareceu ainda magoar mais Joana, pois acabava por ser uma confirmação da mudança de atitude de Mário. Até isso ele tivera em comum com ela, aquele desejo de ajudar as crianças em perigo. Aliás, fora o amor pelas crianças que a levava ser voluntária naquela mesma pediatria, enquanto estudava e trabalhava, e que a levou a especializar-se em Pediatria, quando terminara o curso de Medicina.

— Chegou a saber que ele tinha família? — indagou o advogado.

— Se bem me lembro, apenas os avós que o criaram.

— Exactamente. Eram os únicos familiares vivos que tinha e que foram os herdeiros da sua fortuna. — contou ele. — O que não sabe (nem podia saber) é que o Dr. Mário Ferreira, durante o trajecto para Sesimbra, ia a falar ao telefone com a avó. E contou-lhe tudo o que se havia passado entre vocês. — Fez uma pausa, procurando as palavras adequadas. — Ele dissera-lhe que conhecera uma pessoa muito especial que o mudara e que estava muito apaixonado por ela. Ou seja, estava muito apaixonado pela doutora.

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

Joana não conteve um novo soluço e as lágrimas começaram a escorrer-lhe pela face. Porém, manteve-se impávida, ouvindo o visitante.

— Lamento, trazer-lhe à memória estas recordações. — disse ele. — Peça-lhe alguns minutos e já compreenderá a razão da minha vinda aqui.

Assentindo com a cabeça, Joana deixou-o prosseguir.

— Foi uma noticia arrasadora para o senhor António e a D. Aldina, os avós do Dr. Mário Ferreira. Penso mesmo que nunca conseguiram recuperar totalmente da noticia da morte dele. No entanto, ficara sempre presente na sua memória a imagem abstracta de uma certa jovem que conquistara o coração frio do neto. Desejavam conhecê-la, doutora! Contudo, nunca tiveram coragem de empreender uma busca pela sua pessoa. Há cerca de cinco anos, o avô do Dr. Mário Ferreira faleceu. E pouco meses depois, foi a vez de a D. Aldina nos deixar. Já eram ambas pessoas com mais de noventa anos, mas tinham uma lucidez impressionante. Como responsável pelas questões legais da família, delegaram em mim a sua última vontade, expressa em testamento. Essa vontade foi que ficasse tutor da fortuna da família até encontrar a doutora. E nesse dia, passar tudo para a sua posse.

Materialista como todos os advogados, Matos Ferreira esperava uma reacção eufórica de Joana. Se calhar, esperara que ela desse pulos de alegria de quem de um segundo para o outro ficara multimilionário. No entanto, Joana manteve-se distante, olhando-o com atenção e firme com os dedos das mãos entrelaçados uns nos outros, sobre o tampo da mesa.

— Talvez não me tenha feito entender... — disse ele.

— Entendi-o perfeitamente. — atalhou Joana, denotando a tristeza na voz. — Podia ficar aqui o resto do dia e, mesmo assim, eu não conseguiria descrever-lhe tudo o que senti naqueles dias. Recordo-me perfeitamente de todos os pormenores. Lembro-me como antipatizei com ele, quando o conheci, quase tanto como o amei horas mais tarde. Não sei a que ponto ele revelou o que aconteceu entre nós, mas não tenho problemas em lhe dizer que nos envolvemos sexualmente. Sei que as pessoas podem encarar estas “situações” como relações esporádicas. Só que o que

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

aconteceu naquela noite foi mágico. E na manhã seguinte, estávamos ambos apaixonados.

— Nunca julguei outra coisa. — apressou-se a dizer o Dr. Matos Fernandes. — E penso que a ideia com que os avós dele ficaram foi exactamente essa.

— Não é isso que está em causa. — contrapôs Joana. — Sei apenas que é assim que as pessoas vêem as coisas. Partilhei isso com algumas e sei como me olhavam e desvalorizavam o assunto. — Fez uma pausa, olhando para o tecto, procurando segurar as lágrimas silenciosas que teimavam em reaparecer. — Esperei por ele o dia todo até à noite. Calculei que se tivesse demorado mais que o planeado, o que era compreensível para quem não estava com os avós havia tanto tempo. Só que, estando em casa dele, não me senti à vontade. Já à noite, tentei telefonar-lhe várias vezes. Tocava, tocava, tocava e ia sempre para o *voicemail*. Continuei a esperá-lo ao longo da noite até adormecer. — Fez nova pausa, limpando as lágrimas com os dedos. — Acabei por adormecer, a meio da madrugada.

O Dr. Matos Fernandes ouvia-a atentamente. Para alguém que conhecia metade da história, tornou-se interessante conhecer o outro lado.

— Na manhã seguinte, acordei com a esperança que ele já tivesse voltado. Nem o facto de não o encontrar na cama, a meu lado, me fez perdê-la. Procurei pela casa, ansiando por o encontrar na casa-de-banho, na cozinha, na sala... em qualquer lado, mas encontrá-lo. Como continuava sem aparecer e sem dar notícias, optei por deixar o apartamento. — Parou novamente de falar, respirando um pouco e engolindo em seco, recuperando a voz que se embargara com as memórias. — Senti-me traída nos meus sentimentos. Julguei que se tivesse arrependido da noite que passáramos juntos e não tivesse coragem de me enfrentar. Ou então que eu tivesse sido apenas mais uma e a sua paixão não fosse mais que meras palavras atiradas da boca para fora. Na minha cabeça, calculei que me esquecera e que aguardava que eu tivesse o bom-senso de me pôr a andar dali, antes de ele regressar.

— Mas, não foi isso que...

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

— Eu sei, doutor! — disse ela, cortando as palavras dele. — Eu voltei lá, dois dias mais tarde. Fiquei com aquela cena a moer-me o juízo e tinha de o confrontar. Tinha que o ouvir dizer-me na cara que tudo não passara de uma... o senhor sabe.

Matos Fernandes abanou a cabeça, afirmativamente, aguardando a restante história.

— Aproveitei, quando saí do emprego... Eu trabalhava na Avenida da Liberdade. Apanhei o autocarro que passa perto das Amoreiras e fui lá. Também sabia onde ele trabalhava, mas o assunto não era para ter espectadores. Confesso-lhe que ia cheia de medo e muito nervosa. Sentia-me enganada e sentia que ele tinha brincado com os meus sentimentos.

— Voltou a encontrar o apartamento vazio. — tentou adivinhar o advogado.

— Não foi assim. — corrigiu Joana. — Eu nem tinha chave do apartamento. Quando saí de lá, limitei-me a fechar a porta. — O relato suspendeu-se, pois Joana perdera-se momentaneamente na história. — Dizia eu que...

— Tinha ido lá para falar com ele.

— Exacto. Quando cheguei ao prédio, toquei à campainha, mas ninguém atendeu. Devo ter insistido tantas vezes que só parei ao ver um individuo fardado a vir na minha direcção. Era o segurança do edifício. Perguntei-lhe pelo Mário e o homem respondeu-me que ele morrera, usando de uma frieza de sentimentos absoluta. Apanhei um choque incrível. De tal forma que nem me recordo bem o que aconteceu em seguida. O tipo falou de um acidente qualquer, sem saber ao certo o que aconteceu. Reparei que falava com indiferença e se limitava a transmitir uma versão que lhe haviam transmitido.

— Imagino como a doutora se deve ter sentido.

— Não imagina não. — contrapôs ela. — Só se tivesse passado pelo mesmo. — Tornou a desviar o olhar, como se observasse as recordações. — Fiquei apática. Sei que as pernas andaram, mas a mente estava muito longe dali. Toda a raiva que sentia por ele, dera lugar à recordação do amor e à constatação dolorida que o perdera para sempre. Estivemos juntos uns... Nem chegou a dois dias completos. Porém, marcou-me profundamente. E

## O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

vai marcar-me para o resto da vida. Acredita que não me voltei a envolver com mais ninguém? Tenho medo de voltar a perder...

— É compreensível.

— Para quem é médico, acaba por ser bom. — redarguiu numa mistura de alegria e desalento. — Passo a minha vida aqui. Os meus colegas dizem que vivo para a Pediatria. Talvez...

— Agora pode pensar noutras coisas para fazer. — sugeriu com enorme sorriso nos lábios. — Até se pode reformar. Vai ficar com tanto dinheiro...

— Não o quero! — afirmou peremptória com uma firmeza que deixou o Dr. Matos Ferreira estarrecido.

Perplexo com o sacrilégio que era para si a recusa de dinheiro, ele perguntou:

— Porquê?

Joana olhou para ele com o olhar ferido pelas lembranças que tentava esquecer. Limpou outra lágrima do rosto e, com uma serenidade de quem nada podia fazer para inverter os acontecimentos da vida, respondeu:

— Aquilo que me falta, o dinheiro não compra!

**FIM**